

# CAMINHOS DO TEMPO

*artigos & aforismos*



**VALTER DA ROSA BORGES**



Valter da Rosa Borges

Caminhos do tempo  
(artigos & aforismos)

Recife  
Edição do autor  
2017

Copyright © 2017, Valter da Rosa Borges

Edição e projeto gráfico-editorial:  
Salete Rêgo Barros

Capa: imagem reprodução

---

B732c            Borges, Valter da Rosa, 1934 –  
                         Caminhos do tempo: (artigos & aforismos))  
                         / Valter da Rosa Borges. – Recife: Ed. do Autor,  
                         2017.  
                         207p.

1. CRÔNICAS BRASILEIRAS - PERNAMBUCO.  
2. CRÔNICAS RELIGIOSAS - PERNAMBUCO. 3. RE-  
FLEXÕES. 4. AFORISMO E APOTEGMAS. 5. MÁ-  
XIMAS BRASILEIRAS - PERNAMBUCO. 1. Título.

ISBN – 978-85-909345-4-7

CDU 869.0(81)-94  
CDD B869.8

PeR – BPE 17-206

---

*Produção:*  
*Novoestilo Edições do Autor*  
*Rua Luiz Guimarães, 555, Poço da Panela – Recife-PE*  
*Fone: 81 3243-3927*  
*e-mail: [contato@culturanoordestina.com.br](mailto:contato@culturanoordestina.com.br)*  
*[www.culturanoordestina.com.br](http://www.culturanoordestina.com.br)*

## INTROITO

Reuni, neste livro, artigos e pensamentos de épocas distintas, alguns publicados na mídia e outros em eventos diversos.



## Sumário

ARTIGOS .....	9
A CERTEZA DE ALGO ETERNO .....	11
A IMORTALIDADE .....	13
A CONFUSA HISTÓRIA DO PARAÍSO .....	15
A INVENÇÃO DO ALÉM (*).....	17
A DÚVIDA.....	21
A HERANÇA.....	25
PODEMOS VIVER SEM RELIGIÃO? .....	29
REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO.....	33
DA SOLIDÃO E SEUS AUSENTES.....	39
A SAGA DO ESTADO-DEUS.....	43
A SOCIEDADE.....	45
UMA REFLEXÃO SOBRE O ÓBVIO (*).....	47
TRABALHO & ÓCIO .....	51
O TÉDIO .....	59
A LINGUAGEM .....	63
A MULHER .....	71
ANIMAIS .....	79
SONHO E PSI (*).....	83
UM MITO PARA A INFORMÁTICA.....	93

O TERCEIRO MILÊNIO (*) .....	95
ORGANISMO & AMBIENTE .....	99
OS VÍCIOS.....	107
BREVE REFLEXÃO SOBRE O DIREITO .....	113
BREVE REFLEXÃO SOBRE A CIÊNCIA .....	127
ÉTICA E EMOÇÕES .....	141
ESTATÍSTICA E PSI .....	143
LINGUAGEM.....	145
ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM UM CÉTICO .....	149
AFORISMOS .....	153



# ARTIGOS



## A CERTEZA DE ALGO ETERNO

Algo, que não sabemos o que é, é necessariamente eterno, porque nada pode se originar de nada.

Afirmar-se que há potencialidades no nada, porque o nada não é vazio, é reconhecer que o nada não é nada, porque nele existem potencialidades das quais tudo se originou. Este algo, por ser eterno, não foi criado, porque sempre existiu. E, deste algo incriado, começou a criação de tudo.

O que se discute é se esse algo criou tudo de uma vez e deixou de criar, ou se continua criando.

Se criou tudo de uma vez, indaga-se se o que ele criou é imutável, ou se muda segundo as circunstâncias. Ora, como as coisas mudam (ou evoluem), nada foi criado para ser imutável. Logo, criação houve e continua havendo, mas tudo se modifica. E a isso se dá o nome de evolução.

Não há evolução do que não foi criado. Não há, portanto, evolução sem criação anterior. Tudo o que foi criado se comporta segundo padrões ou programas, mas neles há variações que são anomalias, denominadas de mutações. E essas mutações quase nunca são melhores do que os padrões originais. Alguns pensadores asseguram que são erros da natureza. Talvez, no entanto, se trate das limitações cognitivas do ser humano, incapaz de descobrir outro padrão por trás dessas anomalias.

De todo o exposto, se conclui que não há evolução sem criação anterior, e não há criação sem evolução como a experiências nos mostra. Também fica evidenciado que

os padrões não são imutáveis e que a natureza às vezes se comporta de maneira aleatória.

E o que é esse algo eterno do qual se originam matéria, energia, vida e consciência? E porque age como ordem, mas também como caos, na multiplicidade ilimitada de formas, com seus padrões específicos, mas sujeito a mudanças?

Foge-nos à compreensão a complexidade dessa ordem e a emergência de eventos aleatórios. Denominamos os padrões habituais de leis da natureza e as variações nesses padrões de erros da natureza.

A lógica, e não a fé, me deu a certeza desse algo eterno, e pouco me importa o nome que lhe dão os materialistas e os espiritualistas. Tudo é feito de matéria, tudo na sua essência é divino são formas diferentes de afirmar a mesma coisa: a unidade de tudo. Assim, segundo a óptica de cada pensador, pode-se dizer: tudo sai da matéria e volta à matéria, tudo sai de Deus e volta a Deus ou, de uma forma neutra, tudo sai do Todo e tudo volta ao Todo.

E não me perguntem o que esse algo eterno é, porque não sei, e ninguém o sabe. Assim, tudo o que escrevi ou escreverei ainda sobre esse algo eterno sob o nome de Deus, não passa de um exercício intelectual lúdico para me distrair com a minha ignorância. E também (por que não dizer?) com a ignorância dos outros.

## A IMORTALIDADE

A imortalidade nunca será um problema científico, mas um pressuposto de fé. Parece que muitas pessoas, no seu íntimo, têm uma impressão forte ou apenas intuitiva de que são imortais. Aliás, Freud já dizia que “no inconsciente todos nós estamos convencidos de nossa própria imortalidade”. Os estudos antropológicos, no entanto, evidenciam que nem todos os povos e nem todas as pessoas se preocupam com a imortalidade.

É o desejo de sobrevivência um mito perpetuado por várias culturas desde eras imemoriais ou uma informação arquetípica da continuidade do ser depois da morte de sua estrutura orgânica? Ou, em outras palavras: a consciência da morte física e o medo dela decorrente levaram o homem a ansiar pela sobrevivência post-mortem, ou a informação genética de sua sobrevivência o fez acreditar nela?

Os seres humanos desejam ardentemente a imortalidade, a juventude eterna, a abolição do trabalho, a liberdade, a saúde permanente e a felicidade. Poderá haver coisa pior do que ser a mesma pessoa eternamente? Como Sócrates poderia ser Sócrates por toda a eternidade? Essa ansiada imutabilidade do ser não seria prêmio, mas maldição.

Se estamos sempre a mudar, nada há quem sobreviva após um longo período. Assim, não há ontem a preservar, pois a memória de ontem é invenção do presente. Morrer é mudar. Morremos porque não mudamos. Porque pensamos que mudar é morrer e, inutilmente, lutamos para não mudar. Porque queremos ser sempre o que somos, deixa-

mos de ser. Não há morte, nem perdição, nem salvação, mas eterna transformação.

Quando uma forma de vida esgota sua potencialidade, a morte é a sua renovação em outra forma. Se há um estado diferente do nosso estado atual, ele não pode ser descrito, nem compreendido, sendo, portanto, não comprovável, mas apenas crível.

Morrer é uma bênção, quando a velhice ou a doença aprisiona o fluxo da vida e extingue a alegria de existir. Morrer para sempre ou morrer para ser outro. Jamais morrer para repetir-se.

A morte é a virtualização do corpo. Corpo é um conjunto de programas integrados atuando no espaço e nele se movimentando. Assim como um desses programas montou o organismo, ele (ou outro programa) um dia, o desmontará. Por isso, não podemos especular para onde vai essa programação integrada porque ela não mais ocupa qualquer lugar no espaço.

Nascer é passar do virtual ao físico. Morrer é passar do físico ao virtual.

## A CONFUSA HISTÓRIA DO PARAÍSO

Ninguém sabe quando isso aconteceu, porque, segundo dizem, na eternidade não há tempo. Logo, não há quando. E também não se sabe como algo pode acontecer na eternidade, pois o acontecer pertence ao tempo.

Mas, tudo bem. Deixemos de lado essas minúcias ou especulações teológicas tão do agrado dos especialistas em mistérios da religião.

Dizem que Deus criou os anjos, ninguém sabe se antes ou depois da criação do mundo. Também não se sabe exatamente para que eles foram criados e o que fazem, pois não parece provável que fossem ociosos de nascença.

Depois de criar o mundo, Deus plasmou Adão da argila, soprou nele e deu-lhe vida e espírito. Então mandou que Adão nomeasse as coisas e os seres, seja porque quis dar o primeiro emprego ao homem, seja porque se esquecera de fazê-lo. E mandou Adão tomar conta do mundo, porque ele, Deus, não tinha tempo para cuidar dessas coisas já que a eternidade dá um trabalho enorme. Aliás, segundo afirmou Santo Agostinho, repetindo Platão, o mundo e o tempo nasceram juntos: são portanto irmãos univitelinos.

Um belo dia (por certo um dia de verão), Deus inventou o pecado e, chamando Adão, lhe admoestou que ele poderia comer do fruto de todas as árvores do Éden, menos o da árvore do bem e do mal. Como bom psicólogo, Deus sabia que o proibido é sempre atrativo e, portanto, mais tempo ou menos tempo, Adão não resistiria à tentação. E não resistiria mesmo, porque antes, Deus clonara

Eva de uma costela de Adão e, mediante um milagre genético, fez com que Eva fosse uma mulher e não um Adão II.

Deus, algumas vezes, tem lapsos de onisciência, mas parece que, dessa vez, ele sabia que Adão e Eva pecariam, principalmente, segundo dizem, pela congênita curiosidade da mulher. Adão era, porém, um ingênuo e contou essa proibição divina a Eva que, maliciosamente, inventou que uma serpente lhe havia informado que Deus mentira e que a ingestão do fruto da árvore proibida lhe daria o conhecimento do bem e do mal, pois ignoravam o que isso fosse. Então comeram o fruto proibido (até hoje desconhecido) e, de repente, viram que estavam nus, o que, até então, não tinham observado. E viram que eram diferentes. Talvez, a partir daí, tenha começado a tumultuosa história da nossa sexualidade.

O resto da história, todo mundo sabe. O casal, depois de levar um sermão de Deus, (que, apesar de sua onisciência, somente soube do fato porque os viu vestidos com folhas de parreira), foi expulso do Paraíso, e perdeu a sagrada ociosidade. Deus impôs a Adão o ônus do trabalho para ganhar o pão com o suor do seu rosto. O que é interessante é saber que o casal comia pão embora não houvesse padaria. Hoje, apesar disso e em virtude de ambientes refrigerados, o homem já não sua em seu trabalho, e consegue muito mais do que pão, saboreando tantas e tantas coisas que nunca se ouviu falar que existissem no Paraíso. Eva, que nunca parira no Éden, experimentou as dores do parto, porque, naquele tempo, não havia qualquer assistência ginecológica e obstétrica. Hoje, porém, com a medicina moderna, a mulher não tem mais tanta dificuldade em parir, inclusive sem dor.

Ou Deus implicitamente aboliu o pecado original, ou a ciência o fez.



## A INVENÇÃO DO ALÉM (\*)

O homem não apenas criou Deus à sua imagem e semelhança, mas também inventou o Além à imagem e semelhança da vida terrena.

As revelações do Além, em qualquer de suas modalidades, são, em sua quase totalidade, revelações das necessidades humanas, refletindo o contexto cultural de cada povo e de cada época.

Os anjos, símiles do deus mensageiro Hermes da mitologia grega, eram todos do sexo masculino, refletindo a dominância do homem sobre a mulher.

Nunca ninguém ouviu falar de anjos femininos a não ser na linguagem coloquial afetiva e nos arroubos poéticos.

Também não se conhece qualquer artista que tenha pintado um anjo fêmea, fato facilmente comprovável face ao comovente nudismo angelical. E todos os anjos eram brancos e rechonchudos, nenhum esbelto, negro ou asiático. Usavam asas para voar, embora alguns estudiosos entendam que as asas não passam de símbolo da espiritualidade.

Os espíritos, seres mais modernos, não necessitam de asas. Eles se deslocam - até com a velocidade da luz - aos mais distantes lugares apenas impelidos pela força do pensamento.

No Livro de Daniel os anjos padroeiros de cada nação, usando os artefatos bélicos da época, lutavam entre si, ajudando os homens nos combates entre seus países, nu-

ma réplica do partidarismo dos deuses do Olimpo que se intrometiam nos combates entre gregos e troianos.

Os demônios mesopotâmicos eram terríveis e viviam nos desertos, nas áreas estéreis e nos espaços vazios, atacando as pessoas nas mais diversas situações. Se uma pessoa cometia algum pecado, o seu espírito protetor a abandonava e ela ficava à mercê dos demônios. Nas transgressões morais, no mundo moderno, as pessoas se tornam vítimas fáceis de obsessores do Além que se mostram, em tais circunstâncias, mais influentes do que os espíritos protetores ou guias espirituais.

Os demônios egípcios, embora menos poderosos do que os mesopotâmicos, eram enviados pelos grandes deuses à Terra para disseminarem a doença e a morte. Assim como os demônios da Mesopotâmia, eles agiam em grupos de sete ou de múltiplos de sete ou, ainda, em sete grupos. Na experiência da Umbanda, é sempre um grupo formado de sete exus que exerce uma ação maléfica sobre determinadas pessoas, afetando-lhes a saúde física e mental inclusive com repercussões em sua atividade profissional e afetiva.

Os demônios eram causadores de enfermidades físicas e mentais e também da morte. Hoje, os espíritos desencarnados atrasados e vingativos são os sucedâneos funcionais dos desprestigiados demônios, os quais também sofrem a concorrência dos turbulentos exus dos terreiros da Umbanda. A ciência, a cada dia, vem tratando exitosamente as doenças orgânicas e psíquicas, situando suas causas nas alterações fisiológicas e funcionais, produzidas ou não pela ação dos micróbios ou ainda pelos problemas existenciais resultantes da complexidade da vida moderna.

Se o Além dos povos antigos era a reprodução de sua vida cotidiana, variando em alguns aspectos de conformidade com as suas características culturais, as modernas comunicações mediúnicas evidenciam que os mundos espirituais não passam de cópias melhoradas ou pioradas da vida terrena, segundo sejam habitados por espíritos superiores ou inferiores.

Não há relatos de cidades modernas, com concepções arquitetônicas e urbanísticas arrojadas, como sói acontecer nas ficções futuristas das produções cinematográficas, demonstrando uma lastimável carência de imaginação e criatividade. A vida no Além nos é mostrada sob a forma de um bucolismo romântico do passado, perpetuando a continuidade da vida familiar, onde cada pessoa mantém o mesmo papel que desempenhava na vida terrena. Será que o Além vai mudar, quando ficar legalizado, na Terra, o casamento de homossexuais?

As revelações do Além pouco falam sobre o futuro e, quando o fazem, quase sempre erram, observando-se ainda que jamais superaram as concepções dos nossos melhores filósofos e as descobertas e invenções dos cientistas.

Não pretendemos afirmar, com estas breves considerações, que o Além não existe. Porém, se existe, não é, por certo, como o imaginamos e nem constitui fonte de conhecimento confiável para o progresso material da humanidade.

(\*) Artigo publicado no jornal Ponto de Encontro na sua edição de abril/ maio de 1997



## A DÚVIDA

A dúvida é tão necessária e importante quanto a fé. Ela é indispensável na investigação científica.

A dúvida é a ginástica da inteligência. Duvidar não é apenas negar o que existe, mas negar que o que existe seja a única coisa que existe. Negar, assim, é ampliar a visão da realidade.

Louis Pauwels asseverou:

*“O amadurecimento é a ampliação das dúvidas, uma vigília do espírito para manter o conhecimento no seu mais alto grau de incerteza.”*

O dogma é o cansaço da razão. O homem que não duvida, cansou de crescer.

A dúvida é a saúde do espírito. Duvida-se, porque se quer mais. Porque se sabe que o que se sabe é provisoriamente necessário e necessariamente provisório. Porque o saber não tem fim. E o provisório não é irreal, enquanto provisório.

Tinha razão Michel de Montaigne quando asseverava que “só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião”.

A dúvida é a fé de que há algo mais além do que se conhece, e a fé é a dúvida de que todo real é só o que conhecemos.

Duvidamos para pensar. Acreditamos para agir. A convicção que surge da dúvida é tão forte quanto a fé de quem nunca duvidou.

Duvidar não é negar que algo é, mas questionar se ele é como nos parece e nos aparece. Se nada existisse, nenhuma dúvida existiria. A dúvida é criativa, porque nos leva à observação da mesma coisa em perspectivas diferentes. Ela nos preserva contra o imobilismo e a comodidade.

A dúvida nos mantém alertas. A certeza pode ter o efeito embriagante de um psicotrópico ou o efeito paralisante de uma anestesia.

A dúvida metódica admite provisórias certezas. A dúvida sistemática é tão infértil quanto a certeza inabalável.

Podemos acreditar na possibilidade de estarmos certo em determinadas circunstâncias, embora também estejamos advertidos de que não há garantia absoluta para as nossas certezas por mais verossímeis que pareçam.

A dúvida é a autocrítica da certeza. Ela não é a afirmação de que tudo é incerto, pois isso seria negação da dúvida. A dúvida é a admissão da possibilidade de erro em cada situação do nosso agir. Por isso, é importante agir, pois é possível que estejamos certos ou que as coisas aconteçam como queremos em consequência do nosso agir. Se duvidássemos da certeza de nossa ação, ficaríamos privados de qualquer tipo de atividade.

Quando perdemos todas as certezas é que ficamos certos de que nada perdemos. A incerteza gera muitas possibilidades. A certeza, apenas uma.

Se não temos certeza de nada, como podemos afirmar ou negar qualquer coisa? O que temos são opiniões ou crenças às quais damos o nome de conhecimento porque nos parecem verdadeiras e, por isso, orientamos nossa vida em razão delas.

O homem não é apenas o que racionalmente sabe, mas o que indubitavelmente crê. Nunca poderemos ter a certeza, mas apenas a convicção de que estamos certos. Assim como a fé, o conhecimento científico, por ser provisório, é convicção razoável ou provisória certeza.

Se tudo muda, a certeza é para o momento que passa e não constitui garantia para o futuro. No entanto, a permanente dúvida sobre tudo inibe qualquer atividade.





## A HERANÇA

O direito à herança é uma das grandes causas da injustiça social, porque promove a desigualdade entre as pessoas. Os herdeiros de pais abastados passam a ocupar posições de destaque na sociedade, não por seus méritos pessoais, mas pelos frutos do trabalho de seus genitores. Muito se tornam parasitas, dilapidam os bens herdados de maneira irresponsável e hedonista e se tornam arrogantes e prepotentes.

A herança é uma instituição que contraria o princípio da sobrevivência dos mais aptos.

Poucos herdeiros que, na concorrência honesta com outras pessoas, revelariam ser os mais aptos. São apenas privilegiados de um sistema social equivocados, um sistema de casta econômica que domina a sociedade. A fortuna passa a ser a sucedânea da inteligência, do valor pessoal. A casta econômica visa perpetuar-se indefinidamente no poder, valorizando o brasão de família. Mas, nem sempre isso acontece, porque nem todos os indivíduos do clã têm a capacidade de manter o seu prestígio.

Os pais, na sua ingenuidade afetiva, na melhor das hipóteses, tudo fazem para assegurar o futuro econômico dos filhos, garantindo-lhes a felicidade. Assim, em vez de fazer dos filhos pessoas de bem, apenas lhes garantem ser pessoas de bens. E sabe-se que nem todos os ricos são felizes e nem todos os pobres necessariamente infelizes.

A obrigação dos pais é educar os filhos em todos os sentidos, preparando-os para a vida, quando se tornarem adultos. Porém, poucos agem assim. Ao contrário: doutri-

nam os filhos para seguir uma única meta – a obtenção do sucesso econômico.

A herança não garante o amor dos filhos pelos pais. O amor não é mercadoria que, quanto mais cara, maior o seu valor. Porém, muitos pais pensam assim, e para adquirir o amor dos filhos satisfazem todos os seus desejos. E se espantam, depois, pelo comportamento deles cada vez mais exigente e autoritário. Sentem-se escravizados pelos tiranos que alimentaram e que passam, já na adolescência, a atormentar-lhes cada vez mais as suas vidas. Pobres pais transviados por um amor mal administrado, porque extremamente permissível.

Não são raros os filhos que sonham com a morte precoce dos genitores para herdar-lhes os bens. Em alguns casos, a dilapidação dos bens já começa com os pais ainda vivos, porém anestesiados pela própria indulgência, protetores fanáticos do mau comportamento dos filhos. E, quando envelhecem e se tornam incapazes, são abandonados e esquecidos pelos filhos, ocupados em desfrutar os bens, agora sob sua geralmente pródiga administração. Outros, mais apressados, abreviam a morte dos pais, seja por ação ou por omissão.

Os filhos cometem arbitrariedades, confiados e confiantes no poder econômico e social dos genitores, que se tornam coniventes ao apoiarem seus atos, alguns deles de natureza imoral ou ilícita, passíveis de ação penal. Tudo pelo amor patológico ou subserviente aos filhos. Pobres pais, equivocadamente generosos, que transformaram os filhos em pessoas perigosas ao convívio social!

A riqueza herdada não torna as pessoas melhores e solidárias. Muitos herdeiros se desentendem na partilha da herança, provocando ódio e ressentimento entre eles. E não era essa, por certo, a intenção dos pais ao acumular um patrimônio para eles.



## PODEMOS VIVER SEM RELIGIÃO?

Como seria o mundo se não houvesse religiões? Se tanta coisa ruim acontece no mundo povoado de religiões que, inclusive se digladiam entre si, sendo origem de muitas guerras, o que seria do ser humano se elas não existissem? Seria ainda pior? Aumentariam os conflitos interpessoais e a guerra entre os países? A vida se tornaria insuportável, levando a humanidade ao caos, com o aumento descontrolado da criminalidade, tornando gradativamente inviável a vida em sociedade? A ciência e a tecnologia seriam unicamente utilizadas para a destruição inevitável da raça humana, porque, sem religião, o ser humano é necessariamente perverso e pervertido? São as religiões que garantem o progresso e o bem estar da sociedade, embora tenham sido impotentes para diminuir a crescente onda de violência e atrocidades, que avassala o mundo inteiro? Sem religião, desapareceriam os pacificadores, substituídos por líderes tirânicos e sanguinários, lutando entre si pela conquista do mundo? Sem religião, inexistiriam os ideais de justiça e solidariedade entre as pessoas e os povos? O respeito e o amor entre pais e filhos? A confiança entre os amigos? A convivência pacífica entre as pessoas? Ninguém se comoveria pela morte e sofrimento dos outros? Ninguém se abalaria em ajudar as pessoas e as comunidades atingidas por epidemias e catástrofes da natureza? É por que temos uma religião que ajudamos os outros em suas necessidades? É por causa da religião que os não religiosos e ateus ainda não dominaram o mundo, levando-o à sua destruição?

Se muitos religiosos têm a fraqueza de praticar os mais diversos crimes, alguns de extrema barbaridade, imagine-se o aumento da maldade em nível mundial se crescesse perigosamente o número de não religiosos e ateus, passando a ocupar os mais importantes cargos em todos os campos da atividade humana! Por isso, é compreensível que os potentados religiosos tenham perseguido, torturado e matado os não religiosos e ateus, que tiveram a ousadia de contestar os dogmas da religião. Se assim não procedessem, imbuídos de tão elevado senso de justiça, essa epidemia de pessoas perversas e pervertidas se espalharia pelo mundo, contaminando todos os povos, e ameaçando antecipar o Apocalipse. Assim, graças ao consolo anestésico da religião, vivemos sofrendo esperançosamente no melhor dos mundos possíveis.

O ateu é geralmente uma pessoa odiada. Ela tem, contra si, o rancor e o desprezo dos fieis de todas as religiões. Por isso, dificilmente um ateu declara sua posição filosófica, temendo ser discriminado na sociedade.

As famosas “noites escuras da alma” resultam da relutância de certos místicos em aceitar sua dúvida a respeito do que crê, e assumir o seu ateísmo nascente. Por isso, sofrem a vida toda dessa ambivalência, e buscam angustiadamente recuperar a fé abalada ou mesmo perdida.

O que tem a crença pessoal em Deus com o delírio do fanatismo religioso e com as mitologias inventadas pela religião? As religiões podem ser, ao contrário, um antídoto contra a crença em Deus.

Se o ateísmo dominasse o mundo, ninguém mais morreria ou mataria em nome da religião. Mas, se o ateís-

mo começasse a perseguir e/ou matar as pessoas religiosas, passaria a agir como se fosse uma religião.

Um autêntico ateu não deve preocupar-se com as pessoas que acreditam em Deus. Nem demonstrar interesse em convencê-las do contrário, pois o ateísmo verdadeiro não é uma religião profana a procura de adeptos.

Por que deveria o ateu tentar salvar as pessoas da perigosa ilusão da existência de Deus? Se ele assim proceder, estará fazendo de sua crença uma missão salvacionista.

Os pais que ensinam ou obrigam os seus filhos a seguir a sua religião, estão privando-os do seu direito de escolha. É uma forma, embora não intencional, de condicionamento psicológico, ou, na pior das hipóteses, de lavagem cerebral.





## REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO

Uma das grandes questões existenciais é o sofrimento. O que o sofrimento? Por que sofremos? Para que sofremos? O sofrimento é necessário? Podemos minimizar e até mesmo eliminar o sofrimento?

O Budismo afirma que a dor é um fenômeno universal e que o desejo, escravizando o homem às coisas materiais, é a causa do sofrimento. Assim, a cessação do sofrimento só ocorrerá com a extinção do desejo. O sofrimento não é apenas de natureza física, mas também psicológica e filosófica, resultante da própria experiência da transitoriedade, como também do apego à existência.

O sofrimento faz parte da vida. Por isso, não há como eliminá-lo. O que podemos é minimizá-lo, dependendo do modo como lidamos com ele. Não há anestesia geral permanente para o sofrimento de todos os seres da Natureza. Quanto mais vivemos, mais estamos expostos ao sofrimento.

O pior da dor não é a dor, mas a sua falta de significado. A dor que apenas dói é a dor que dói mais.

Pensar no sofrimento é sofrer duas vezes.

A dor é um bem ou um mal segundo as circunstâncias. É um bem na sua finalidade de alarme, salvaguardando a integridade orgânica. É um bem, quando da dor se aprende uma lição e se amplia a capacidade de compreensão. É um bem, quando decorre de uma atitude de solidariedade, face ao sofrimento de outra pessoa. E, finalmente, é

um bem, quando, sob qualquer aspecto, melhora aquele que a sofre. A dor é um mal, quando se transforma no prazer de produzi-la em alguém (sadismo) ou em si mesmo (masoquismo). Ou quando é utilizada para fins de exibicionismo, autocomiseração, chantagem emocional, atenuação do sentimento de culpa e auto santificação. Finalmente, a dor é um mal, quando, sob qualquer aspecto, piora aquele que a sofre. O problema do sofrimento, portanto, não está nele próprio, mas no que fazemos com ele.

Não é bastante apenas o conhecimento das causas do sofrimento, mas a adoção de uma postura adequada, visando transformá-lo, sob qualquer aspecto, em um bem para o indivíduo.

O pensamento, mais do que o corpo, é que nos faz sofrer. O corpo sofre apenas a dor presente. O pensamento nos faz sofrer a dor passada, ampliar a dor presente e fazer sofrer antecipadamente uma imaginária dor futura.

O sofrimento também se origina do sentimento de culpa. E há, também, o sofrimento inconscientemente infligido como forma de autopunição, mas projetado nos outros.

O sofrimento decorrente de um ato heroico pode também ser resultante de um sentimento camuflado de autodestruição.

Não há como evitar o sofrimento. O que nos cabe é lidar com ele, conhecendo as suas múltiplas causas e formas, para reduzir sua frequência, diminuir sua intensidade e, em alguns casos, extingui-la. O homem, como todos os seres vivos, sofre. Sabemos que sofremos, mas não sabemos por que e para que sofremos. Toda metafísica do sofrimento é insatisfatória. Deve o erro ser retificado com o

sofrimento?! A dor educa? A dor conscientiza o ser? Ou a dor dói, porque simplesmente dói? Se assim o é, a dor não tem significado.

O sofrimento físico enseja especulações de natureza transcendental e a postura estoica do homem em relação a ele. Filósofos e teólogos têm procurado explicar sofrimento como consequência do pecado, da imperfeição, do esforço pela melhoria espiritual ou das contingências do existir. Há os que pensam, porque sofrem. Há os que pensam para sofrer. Há os que não pensam para não sofrer. E, finalmente, há os que pensam para entender o sofrimento e libertar-se dele.

O homem não apenas sofre a dor real do presente, mas também as dores psicológicas do que passou e do que ele imagina possa acontecer.

Por que, para cada sofrimento, buscamos uma culpa e um culpado? Não basta o próprio sofrimento?

O que nos faz sofrer, também, é a comparação que fazemos entre o que fomos e o que somos, entre o que somos e o que queríamos que fôssemos, entre o que somos e os que os outros são.

A dor que queremos (ou que pensamos ser) em nosso benefício dói sempre menos e é suportada com até orgulhoso estoicismo.

O avanço tecnológico vem reduzindo, cada vez mais, o sofrimento físico, emocional e/ou psicológico. Sofremos, fisicamente, muito menos do que no passado graças às mais diversas técnicas terapêuticas. Hoje, há mais sofrimento psicológico do que físico em virtude da complexidade cada vez maior das relações interpessoais, da vida tu-

multuada das metrópoles, das mudanças em ritmo acelerado, do processo competitivo no mercado de trabalho, das inconstâncias afetivas e outras coisas mais.

O homem, algumas vezes, transforma o sofrimento em arte, como catarse dos sentimentos dele decorrentes. E, em certos casos, parece existir um certo sofrimento ma-soquista na criação artística.

Teólogos afirmam que o sofrimento é prova da nos-sa imperfeição. Se assim for, todos os seres vivos, além do homem, são imperfeitos porque sofrem. E se o sofrimento é produto do pecado, todos os seres vivos pecaram, porque também sofrem.

Enquanto estamos vivos, sofremos. E nos fatigamos na busca de explicações confortadoras para a vida e o so-frimento. Nada sabemos sobre isso e talvez jamais o sai-bamos, embora o homem continue infatigavelmente em busca de respostas. Respostas, geralmente, não são solu-ções, mas analgésicos ou anestésicos. E essa paz que sen-timos, como efeito das respostas sedativas, resulta da ilu-são de que as nossas perguntas foram adequadamente respondidas e não cabe mais qualquer indagação. É o efeito placebo metafísico.

Teólogos afirmam que o sofrimento é prova da nos-sa imperfeição. Se assim for, todos os seres vivos, além do homem, são imperfeitos porque sofrem. E se o sofrimento é produto do pecado, todos os seres vivos pecaram, porque também sofrem. Se sofremos porque somos maus, então todos os seres vivos são maus, porque também sofrem.

Há pessoas cujo sofrimento as torna insensíveis. É o calejamento psicológico decorrente do sofrimento recor-

rente. Existem também aquelas que conseguem extrair prazer de suas dores. São os masoquistas, historicamente representados por mártires e flagelantes, que esperam uma recompensa no Além pelo seu sofrimento voluntário ou não. E ainda as pessoas que sofrem pela vaidade de provar ao mundo a sua têmpera.

Há quem goste de exibir a sua dor, para emocionar os outros, despertando neles a compaixão.

O sofrimento é o resultado das circunstâncias que independem da nossa vontade ou são consequências dela.

O sofrimento físico criou sua própria metafísica e esta é uma das causas do sofrimento psicológico. A metafísica do sofrimento inventou causas transcendentais para os males físicos, ensejando sentimentos de culpa e necessidade de perdão e salvação.

O sentimento metafísico da culpa gerou, durante séculos, a necessidade neurótica de penitências com vistas à salvação. A doença e o sofrimento eram tidos como punição divina e o mundo físico, um "vale de lágrimas", uma espécie de inferno transitório. O grande medo metafísico era a imagem do inferno, descrita em detalhes na "Divina Comédia", de Dante, e no quadro "Juízo Final", de Hieronymus Bosch. Assim, o importante era suportar estoicamente o sofrimento e, até mesmo, procurá-lo como expiação dos pecados, na vida física passageira, para evitar o sofrimento eterno no inferno espiritual. A vida física era encarada como um mal necessário e o corpo, a prisão do espírito atormentado.

O sofrimento físico é apenas a sinalização de algo errado no funcionamento de um sistema biológico. Ele tem

caráter estritamente funcional, constituindo um alarme para indicar desajuste em alguma parte do organismo. A dor-alarme é, assim, uma dor útil. Torna-se, porém, inútil a partir do momento em que persiste, quando já cumpriu sua finalidade.

Os sofrimentos passados se tornam experiências e galardões. Quem não gosta de contar as dificuldades que enfrentaram, os desafios que enfrentaram, as dores suportadas e superadas? Os sofrimentos, sob esse aspecto, são nossos galardões subjetivos.

## DA SOLIDÃO E SEUS AUSENTES

Assim como a ciência ainda não encontrou o átomo no seu verdadeiro sentido etimológico, também não se descobriu o homem em si, pois ele não é apenas a sua circunstância, como dizia Ortega y Gasset, mas também a sua relação. Assim, a nossa individualidade é a nossa relação com, o que resulta na constatação de que a solidão não faz parte da essencialidade do ser.

Na verdade, nenhum homem vive exclusivamente para si, enfeudado em sua privacidade inexpugnável, mas também para os outros, apesar dos outros e até contra os outros. Por mais que não nos queiramos resignar, o mundo é necessariamente o nosso anverso, a nossa contraparte. Aliás, hoje se postula que o universo é uma rede de interconexões de todas as coisas, onde tudo interage com tudo, o que importa na inadmissibilidade de ter o homem o privilégio de ser a única exceção.

Existencialmente, no entanto, podemos experimentar o sentimento da solidão, o qual não resulta da ausência de contatos, mas na inadequação das relações interpessoais. Principalmente nos grandes aglomerados urbanos, nas regurgitantes avenidas das grandes metrópoles, na trepidação dos relacionamentos. Isto resulta na formação de um sistema defensivo alicerçado na desconfiança recíproca, pois cada pessoa se sente perdida e confusa no turbilhão das relações interpessoais. O homem urbano é um homem sem vizinho, compulsivamente próximo de outros homens, premido e espremido pela exiguidade espacial.

Vizinhança é mais um conceito afetivo do que espacial. Podemos ser vizinhos de alguém que mora em Paris e que não vemos, e não ser vizinhos de quem mora ao lado, embora o vejamos (será que o vemos mesmo?) todos os dias. Ver, sob este aspecto é mais uma experiência subjetiva do que um fato objetivo.

Nunca os próximos estiveram distantes e os distantes tão próximos. Que o digam os usuários da Internet. As pessoas tímidas, como por um passe de mágica, se tornam loquazes, exuberantes, comunicativas, varando madrugadas insones, em intermináveis diálogos com amigos invisíveis e desconhecidos. A Internet é uma espécie de sessão mediúcnica entre vivos. As pessoas permutam opiniões, ideias, sentimentos, como jamais o fariam a alguém presente, visível, palpável. Dá-se uma cálida intimidade sem contato entre seres desconhecidos, mas que se assemelham a velhas afeições de tempos nunca vividos. A solidão urbana se resolve ante a tela de um monitor, sedando frustrações do contato cotidiano com pessoas sem face. O computador se assemelha, assim, a um médium, estabelecendo contatos com seres do Além, mas de um além humanamente espacial. Precisamos confiar. E como não mais confiamos nos presentes, endereçamo-nos aos ausentes sejam eles os espíritos ou os seres da Internet.

A explosão demográfica urbana vem cada vez mais, aproximando e estreitando corpos humanos em espaços cada vez menores. Mas os espíritos, esses, em razão do desespero da sufocante heterogeneidade, se sentem severamente dispneicos à falta da oxigenação de seus símiles. Busca-se assim, um semelhante na massa amorfa cotidiana de seres dessemelhantes e desprovidos de rostos. Nunca



além e alhures se tornaram Eldorados tão emergentes, visto que ruas e logradouros nada mais são que meros escoadouros de coisas e pessoas em condições de trânsito. Resta, então, a espera do anoitecer. O retorno tumultuado na cacofonia do tráfego ao monastério do apartamento, cumprindo, aligeiramente, rituais de visibilidade com indiscerníveis condôminos nos encontros fortuitos em elevadores. E, uma vez recuperada a nossa privacidade, abrimos olhos e janelas para o mundo, contemplando a cidade e o céu iluminados e sentimos fundamente que homens e estrelas guardam a mesma distância para nós.

A solidão não é aliviada pela presença de pessoas, mas, em muitas ocasiões, é construída a partir delas. É a impassibilidade dos presentes que, com a proximidade de seus corpos, levantam muros em torno de nós, sufocando-nos em solidão. Por isso, paradoxalmente, fugimos das pessoas para não ficarmos sós. E, assim, estar sozinho é uma forma de não estar solitário. É neste estado de superficial isolamento que podemos invocar a presença dos ausentes a fim de que tomem os seus lugares no espaço da nossa solidão. Então, a partir deste momento, somos seres de novo restaurados na invisível e solidária rede de inter-relações do Universo.



## A SAGA DO ESTADO-DEUS

No princípio, era o caos da diversidade e Eu criei o mundo do caos.

Então, proclamei: Eu sou o senhor do mundo que criei, e ninguém adorará outro Estado, senão a Mim.

Anátema para quem adorar outro Estado.

Haverá, no futuro, quando Eu conquistar os Estados falsos, um só rebanho e um só Pastor. Abençoados sejam todos os conquistadores, porque tentaram fazer a Minha vontade.

Eu sou onisciente, onipresente e onipotente.

Eu sou o olho que vê tudo em todas as câmeras de segurança. A privacidade é um pecado mortal contra mim.

Eu estou presente, invisível, em todos os lugares. Aqueles que me amam e estão em todas as partes são os meus amados olheiros.

Eu sou onipotente. Nada se opõe à Minha vontade.

Eu governo, legislo e julgo. Sou misericordioso com aqueles que cumprem minha vontade e terrível com aqueles que desobedecem as Minhas leis.

Eu condeno, enquanto vivos, os que se rebelarem contra Mim, e os remeto ao inferno das penitenciárias, onde sofrerão até a morte. No entanto, libertarei os rebeldes arrependidos, garantindo-lhe a sua salvação.

Ao céu da Terra, serão conduzidos os meus rebanhos, felizes e libertos de suas individualidades, na unidade da servidão.

Envio à Terra o governante do Estado, a quem o trato como filho. Ele é o meu porta-voz. Todos devem ouvi-lo e cumprir as suas ordens. Cada tirano é meu filho e, nele, deposito a minha complacência.

E será, assim, até o fim dos tempos.

## A SOCIEDADE

O ser humano é naturalmente gregário. Daí a sua necessidade de viver em sociedade.

Porém, a vida social não seria possível, se as pessoas não sacrificassem, em maior ou menor grau, o seu egoísmo, o seu desejo de plena liberdade.

Nas sociedades primitivas, a vida era simples, e as pessoas desfrutavam de mais liberdade, existindo um clima geral de confiança entre os indivíduos.

Com o aparecimento das cidades e o aumento da população, foram necessárias medidas legais para disciplinar o comportamento social das pessoas.

Segundo o regime político que dirige um país, esta liberdade pode ser liberal, nos estados democráticos ou reprimida nas ditaduras, sejam elas de direita ou de esquerda.

Mas, somente o impulso natural das pessoas de viver em comunidade, não é, por si só suficiente para garantir a ordem social. É necessário que as pessoas se conscientizem de que, sem a solidariedade, a vida em sociedade se torna instável e até mesmo, em alguns casos, perigosa.

As leis nem sempre são suficientes para conter as atitudes imorais e criminosas de alguns de seus indivíduos.

Nas cidades de pequeno porte, esse controle é mais fácil, porém nas cidades mais populosas, ele se torna pre-

cário, da a complexidade, cada vez maior, das relações interpessoais.

É certo que nas cidades excessivamente populosas, as pessoas se sentem mais livres para agir, mesmo à custa da solidão e da insegurança.

Aliás, esse é o preço de se viver nas megalópoles, onde as facilidades para uma vida confortável é atraente, face à vida monótona do mundo rural.

Quer queiramos ou não, à medida que aumenta a complexidade da vida social, cresce o rigor legislativo, nem sempre eficiente, para garantir a segurança das pessoas, combater a criminalidade em todos os setores da sociedade, e garantir a confiança da população no Poder Público.

Despertar, em cada pessoa, o sentimento de solidariedade e de crença na cidadania, é uma tarefa extremamente difícil, porque está na dependência dos mais variados fatores, nem sempre fáceis de um eficaz controle.

Enquanto isso não acontecer, a sociedade ideal será sempre uma tentativa, a depender do esforço dos seus indivíduos.

## UMA REFLEXÃO SOBRE O ÓBVIO (\*)

Vivemos tempos difíceis. É o óbvio, que parece não ser visto. E, quando visto, minimizado. Principalmente quando se trata de segurança pública, que deveria garantir a ordem social. E grande parte desta culpa é debitada aos órgãos da policia e às ações dos policiais. São eles realmente os principais culpados pelo aumento da violência e da criminalidade no país? Ou também são vítimas do despreparo dos governos no trato dos problemas sociais?

Os policiais ganham mal. Não tem casa própria ou, ao menos digna, para morar. Geralmente residem no meio da bandidagem, que deveria combater. Suas famílias não têm qualquer tipo de proteção e se atolam ainda mais na miséria, quando eles morrem. O que se pode, então, esperar desses homens expostos diariamente a perigos e tentações? E ainda execrados pela população?

Os bandidos se tornam heróis. São mitificados pela imprensa. Entrevistados. Biografados. Seus nomes aparecem em letras garrafais nos jornais e nas capas de revistas. São os heróis do mal, porque vítimas da sociedade. Influenciam a juventude e os espíritos mal formados, porque ganham fama local ou nacional. No mínimo, narcisisticamente, o crime compensa.

Os policiais, ao contrário, são os vilões. Não há policiais-heróis. Raramente são prestigiados pela imprensa. Ao contrário, muitas vezes acidamente criticados. Despreparados, mal remunerados, desestimulados são vítimas de governos irresponsáveis no trato da segurança pública.

Os policiais estão submetidos às leis do país. Os bandidos têm as suas próprias leis, entre elas um código penal que aplica a pena de morte em caráter sumário, sem defesa do acusado, tido como traidor.

Toda e qualquer profissão tem sua parte podre, constituída de indivíduos que a denigrem perante a opinião pública. Em maior ou em menor proporção, esses maus cidadãos prosperam em suas respectivas profissões. E a polícia não poderia ser a única exceção a essa regra. Afinal, os policiais não são seres angelicais, mas seres humanos, sujeitos, portanto, a virtudes e defeitos.

Quando a sociedade passa a hostilizar uma determinada profissão, esta perde credibilidade, respeitabilidade e desmotiva as pessoas que nela trabalham e também as que se sentem vocacionadas para ela. O desprestígio de uma profissão afeta negativamente os seus integrantes e também o seu status social.

Há policiais que subornam pessoas, valendo-se de sua autoridade. Um tipo de violência que não resulta em morte da vítima. Mas, por outro lado, há pessoas que tentam subornar policiais para se livrarem de infrações cometidas. Todos eles são igualmente criminosos. Ressalte-se, porém, que a violência praticada por assaltantes termina, não raro, na morte de suas vítimas.

Os altos salários dignificam as profissões. Os baixos salários as aviltam. Desmotivam vocações.

É claro que os altos salários não garantem a honestidade das pessoas. E um dos maiores exemplos, no momento atual do Brasil, está na classe política, cada vez mais envolvida em escândalos de corrupção, manipulação do



poder, desvio de recursos públicos, sonegação de impostos, tráfico de influência, entre outros delitos. São todos os políticos autores e coniventes com essas falcatruas? É claro que não. Deveremos, por causa dos maus políticos, enlamear também a política? Também não. O mesmo critério devemos adotar em relação a todas as profissões e instituições, entre elas a polícia.

Dar dignidade e prestígio a criminosos de qualquer natureza é cometer o maior crime contra a sociedade e um péssimo exemplo para as gerações futuras. Desprestigiar as instituições do país, apesar de seus titulares corruptos, é por em estado de permanente perigo a sociedade.

Reflitamos, um pouco, sobre isso. Poucos são aqueles que arriscariam diariamente suas vidas por um salário aviltante para proteger vidas e ainda serem achincalhados por aqueles que eles tentam proteger, apesar das precárias condições do sistema policial.

(\*) Publicado no Diário de Pernambuco, de 3 de novembro de 2007



## TRABALHO & ÓCIO

*Vivemos numa época em que as pessoas são tão trabalhadoras que ficam estúpidas.*

*Oscar Wilde*

*O trabalho é a farra dos velhos.*

*Mario Quintana*

À luz da mitologia, os deuses não trabalham e agem quando querem. Este é o seu ócio. Os homens trabalham, porque pensam que o ócio é uma heresia contra os deuses. E, como consolo, fizeram do trabalho uma virtude e não sabem o que fazer nas situações de ócio.

Não podemos nos libertar do tempo, mas libertar o tempo do trabalho compulsivo e compulsório. O tempo livre para o prazer de viver é a suprema libertação do homem do tempo ocupado pelo trabalho apenas monetário.

O tempo nos escraviza, porque se valorizou como trabalho. E onde não há trabalho, o tempo é vazio e nos faz também vazios. O trabalho é nosso vício. Nada somos sem trabalho. No entanto, o eterno é o oco, onde as coisas acontecem, e quem trabalha não pode contemplar o espetáculo do desfile das mudanças. Só nos vemos trabalhando, matando o tempo que mata o nosso ser matador.

Não se sente escravo quem se acostumou à escravidão. Perdeu a capacidade de ser livre, principalmente se a

escravidão lhe dá a sensação de segurança e lhe atende às necessidades mínimas. Também é escravo quem, apesar de não o ser, é obrigado a um trabalho que, embora rendoso, não lhe dá satisfação.

O trabalho ideal é aquele que não é obrigação, mas desenvolvimento das potencialidades do ser. O trabalho que não é expressão do ser é trabalho escravo. Por isso, dizia Vivekananda:

*“Noventa e nove por cento dos homens trabalham como escravos e o resultado é a miséria; todos trabalham egoisticamente. Trabalhai por liberdade. Trabalhai por amor.”*

Paul Lafargue foi contundente:

*“Uma estranha loucura tomou conta das classes operárias nas nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura trouxe consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão agonizante pelo trabalho, levada até o esgotamento da energia vital dos indivíduos e de seus filhos. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas e os moralistas preferiram sacrossantificar o trabalho.”*

Bertrand Russell vai ainda mais fundo:

*“A moral do trabalho é uma moral de escravos, e o mundo não precisa de escravos.”*

Segundo o Gênesis, Deus impôs ao homem o trabalho como punição para o pecado original. O ócio, por conseguinte, era o estado natural do homem no Paraíso. Mas,

o Calvinismo, santificando o trabalho, viu na riqueza dele resultante, uma evidência de salvação do homem pecador.

Stanley Parker comentou:

*“Em sociedades mais simples não é fácil traçar uma linha divisória entre o trabalho e o lazer. Os povos primitivos tendem a dar a muitas de suas atividades cotidianas um caráter lúdico. Orientam a vida de forma a entremear longos períodos de trabalho a períodos ocasionais de intenso consumo de energia. Nessas sociedades não existem períodos de lazer claramente definidos como tais; mas certas atividades econômicas, como a caça ou a ida ao mercado, têm obviamente seus aspectos recreativos, assim como o canto ou a narração de estórias durante o trabalho. Desconhecem a ideia de um tempo destinado especialmente ao divertimento e à recreação, embora façam coisas que têm este sentido.*

*“Os antropólogos que têm estudado a vida cotidiana de povos em sociedades mais simples registram um padrão de trabalho e lazer muito mais integrado do que o nosso, na sociedade industrial moderna.”*

Trabalhar cantando não apenas uma demonstração de prazer pelo trabalho que se está realizando, mas também uma compensação para suportar melhor uma atividade apenas de gratificação econômica.

O ócio é a libertação do fazer compulsório. O ócio não é não fazer nada: é o que se faz por satisfação e não por obrigação. Não é deixar o tempo passar, mas usufruir o tempo como se fosse eterno.

O verdadeiro tempo livre é aquele que gastamos conosco, gozando de nossa companhia. É a oportunidade

de nos vermos atentamente, em nada comparável ao ato apressado de nos olharmos no espelho antes de irmos ao trabalho. É o tempo em que somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto e o nosso próprio espetáculo.

Quando não há mais distinção entre o trabalho e o ócio, como se fosse a dualidade do bem e do mal, então tudo o que fazemos é relevante para nós. E também para os outros, quando se associam ao nosso fazer como o seu próprio fazer.

Se damos valor às pequeninas coisas, tudo o que fazemos é importante.

Marshall McLuhan argumentou:

*“Onde o homem global está envolvido, não há trabalho. O trabalho começa com a divisão do trabalho e com a especialização das funções e tarefas nas comunidades sedentárias agrícolas.”*

E acrescentou ainda:

*“Enquanto na era mecânica da fragmentação, lazer significava ausência de trabalho, ou simples ociosidade, o contrário passa a ser verdade na era elétrica. Como a era da informação exige o emprego simultâneo de todas as nossas faculdades, descobrimos que os momentos de maior lazer são aqueles em que nos envolvemos mais intensamente – tal como sempre acontece com os artistas.”*

Se estamos na época do especialista, ou seja, “aquele que sabe cada vez mais sobre cada vez menos”, é preciso reverter essa tendência e inaugurar a era do homem integral, ou seja, “aquele que sabe cada vez mais sobre cada vez mais”, o homem de múltiplas aptidões e interesses e

que faz de um deles a sua especialidade para fins de sua sobrevivência econômica.

Alvin Toffler observou que “o número dos trabalhadores que lidam com símbolos é maior do que os que lidam com coisas.” A riqueza se desloca do concreto para o abstrato. Ter coisas já não é tão importante e, sim, fazer coisas, não apenas físicas, mas principalmente simbólicas. A aptidão começa a se transformar em capital e o conhecimento acumulado, em poupança. O verdadeiro ter é ser apto, pois os teres físicos são expressões passageiras da riqueza abstrata.

Toffler advertiu, ainda, que “a civilização que fez da fábrica uma catedral está morrendo”

Para Domenico de Masi, “o único tipo de emprego remunerado que permanecerá disponível com o passar do tempo será de tipo intelectual criativo”, pois “o trabalho manual não aumenta e sim diminui, enquanto o intelectual aumenta”. E isso se constata nas empresas, onde o trabalho manual é delegado, cada vez mais, às máquinas. Informou ainda que “uma estudiosa francesa calculou que cinquenta por cento da produção europeia é imaterial”.

E definiu sumariamente o seu conceito de ócio:

*“Ociar não significa não pensar. Significa não pensar regras obrigatórias, não ser assediado pelo cronômetro, não obedecer aos percursos da racionalidade e todas aquelas coisas que Ford e Taylor tinham inventado para bitolar o trabalho executivo e torná-lo eficiente.”*

Por conseguinte, ócio é atividade criativa e trabalho, atividade repetitiva.

Erich Fromm, de maneira contundente, advertiu:

*“O homem não só vende mercadorias: vende a si mesmo e considera-se uma mercadoria.”*

E argumentou:

*“Encaramos nossas qualidades pessoais e o produto de nossos esforços como mercadorias que podem ser vendidas em troca de dinheiro, prestígio e poder. Destarte, a tônica é deslocada da satisfação atual da atividade criadora para o valor do produto acabado. Por isso, o homem perde a única satisfação que lhe pode proporcionar felicidade verdadeira – a experiência da atividade do momento atual – e vagueia à caça de um fantasma que o deixa desapontado tão logo crê tê-lo alcançado – a felicidade falaz denominada sucesso.”*

Pietro Ubaldi tinha uma concepção funcional do trabalho:

*“O trabalho não é uma necessidade econômica, mas uma necessidade moral. O conceito de trabalho econômico deve ser substituído pelo de trabalho função social; direi mais: função biológica construtora, pois ele tem a função de criar novos órgãos exteriores (a máquina), expressão do psiquismo, a de fixar, com a repetição constante, os automatismos (sempre escola construtora de aptidões), a de coordenar o indivíduo no funcionamento orgânico da sociedade. Ao conceito limitadíssimo, egoísta e socialmente danoso, de trabalho-ganho, é necessário opor o conceito de trabalho-dever e de trabalho-missão. É esse o caminho para o altruísmo; não um altruísmo sentimental e desordenado, mas prático e ponderado, cujas vantagens sejam calculadas. O altruísmo, dado o tipo humano dominante, não pode*



*nascer senão como utilidade coletiva, utilidade que o coloca, inexoravelmente, pela lei do mínimo esforço, sobre a linha da evolução. Limitar o trabalho, ainda que material, à exclusiva finalidade egoística do ganho é diminuir-se a si mesmo; é abdicar da consciência do próprio valor individual, do qual esse trabalho é prova e confirmação; é uma automutilação, uma renúncia à função de célula social, à de construtor que, conquanto pequeno, tem o seu lugar no funcionamento orgânico do universo.”*

Quanto vale o trabalho que fazemos para nós?  
Quanto vale o trabalho que fazemos por amor?

O valor das coisas não passa de convenção.

Em qualquer situação, o trabalho é sempre escravo, se realizado compulsoriamente em razão da força bruta ou da necessidade de sobrevivência.



## O TÉDIO

Poderíamos definir o tédio como uma depressão existencial transitória ou permanente. Mas, surpreendentemente é um assunto que não tem merecido a atenção de psicólogos e de filósofos. Por isso, Bertrand Russell observou que “o tédio é um fator no comportamento humano que recebeu, na minha opinião, muito menos atenção do que merece”.

Entediar-se é perder o interesse pelo que acontece ao nosso redor e também no mundo inteiro. Quem, algumas vezes, não se entediou? Não se sentiu abúlico? Não se refugiou em si mesmo, para fugir da incômoda presença dos outros?

O tédio é um cansaço situacional, cuja duração pode ser longa ou breve, afetando o nosso modo de perceber as coisas. Ele ocorre em todas as culturas sob diferentes formas. E cada pessoa reage a seu nos momentos em que se entedia. Por mais que o entediado queira disfarçar, o seu corpo denuncia o seu estado psicológico.

A monotonia da rotina é uma das causas do tédio. Mas, um acontecimento extremamente agradável ou uma terrível catástrofe pode libertar uma pessoa do tédio. É como se ela despertasse bruscamente do seu sono e reativasse seu interesse pelo mundo exterior.

Observou-se que o tédio não acontecesse nas grandes comoções sociais, principalmente durante os horrores da guerra, quando as pessoas lutam desesperadamente pela sua sobrevivência. As emoções violentas, como o me-

do continuado e o ódio, parecem ser antídotos naturais e eficientes contra o tédio. No entanto, ele é frequente nos países prósperos, entre as pessoas abastadas e que saciaram os seus desejos. Mais que ninguém, elas precisam de emoções renovadas para não serem acometidas pelo tédio. E, não raramente, o tédio se converte em depressão verdadeira.

O ser humano, em maior ou menor grau, necessita de desafios, de aventuras estimulantes, de comportamentos radicais. É uma espécie de tônico existencial que renova as energias físicas e psíquicas. Porque o tédio é a mumificação, em vida, de uma pessoa, que, antes, já assistira impassível o seu próprio funeral.

Milan Kundera classificou o tédio em três modalidades: o tédio ativo, quando uma pessoa se dedica a um hobby; o tédio passivo, que se revela pelo bocejar frequente de alguém em uma dada situação; o tédio violento, quando a reação a ele se manifesta por atos violentos, praticados geralmente por jovens sem perspectiva social.

Nem todo desejo satisfeito resulta em tédio. É a continuidade rotineira da satisfação que pode resultar em sua saturação.

As pessoas extremamente ocupadas, seja porque gostam do que fazem, seja porque são obrigadas a fazer, são imunes, geralmente, a crises de tédio. Porém, quando alguém atinge a sua meta, pode sentir um vazio existencial, que pode torná-lo predisposto ao tédio. Assim, para fugir dessa ameaça, procuram uma nova meta, a fim de se manterem ocupadas, como vacina preventiva contra a infecção do tédio.

Tem razão Lars Svendsen: “Quando as metas não são alcançadas, o resultado é sofrimento; quando são, o resultado é tédio”.

O misticismo pode ser uma escapatória disfarçada de uma vida tediosa. O misticismo, em alguns casos, produz emoções fortes e as emoções, sejam de que natureza for, são uma defesa segura contra o tédio. Porém, o exagero dessa medicação pode resultar em consequências desastrosas para o corpo e/ou para a mente.

Hölderlin, uma vez, afirmou: “É a glória do homem nunca estar satisfeito”.

Não é apenas uma glória, mas uma necessidade do ser humano. A satisfação é o término de um processo que, enquanto dura, mantém a motivação pelo resultado.

A emoção é um forte estimulante que, em doses adequadas, é saudável para a mente e para o corpo. A sua escassez ou o seu excesso é prejudicial ao equilíbrio psicossomático do ser humano. Não é sem razão que Daniel Goleman se referiu a um novo tipo de inteligência: a inteligência emocional. A emoção, em alguns casos, é uma fonte inestimável de criatividade. Que o digam os grandes escritores e artistas.

T.S. Elliot, em certa ocasião, observou: “A espécie humana não tolera muita realidade”. E Lars Svendsen o contraditou: “Mas o oposto também é verdade: o ser humano não tolera muito pouca realidade.”

O tédio é uma crise de significado. Uma estase do agir, como se fosse uma paralisia existencial. O mundo continua presente ao entediado, mas ele perdeu o interesse de agir sobre o mundo ou de interagir com ele.

O tédio, portanto, é um dos maiores inimigos do ser humano. Nem sempre podemos evitá-lo, mas temos de ter estratégias adequadas e eficazes para combatê-lo, quando ele nos acomete e nos assedia. O importante é que não fiquemos sitiados por ele.

## A LINGUAGEM

Nosso mundo é construído de palavras. Organizamos as coisas, segundo os nomes que lhes damos. Deus criou o mundo das coisas sem nomes. O homem pôs nome às coisas e construiu o seu mundo. Por isso, há dois mundos paralelos: mundo das coisas e o mundo das palavras.

A linguagem é comunicação entre seres da mesma espécie. O homem, porém, também a utiliza como ferramenta cognitiva para a descrição e explicação da realidade.

A partir de certo momento, a linguagem deixou de ser mera comunicação para se tornar uma realidade autônoma, além do físico e do cultural. Ela não só reflete a experiência humana, mas influi sobre ela e induz novas formas de experiência. A realidade, para o homem, é a linguagem que, por sua vez, se pulverizou em idiomas.

A linguagem se estrutura a partir das experiências de cada cultura, mas parece obedecer a padrões arquetipais subsistentes por trás da diversidade de cada idioma.

A estrutura linguística é inata. Crianças de tenra idade empregam, de modo surpreendente, as regras de construção do seu idioma. O aprendizado apenas aprimora o seu emprego espontâneo. Mas a realidade está além da linguagem.

O mundo que pensamos conhecer com palavras não é verdadeiramente o mundo, mas uma construção vocabular e diatribes gramaticais com variações interpretativas segundo as peculiaridades de cada idioma. E o que pensa-

mos ser descrição e explicação da realidade não passa de criação de realidades sintáticas e semânticas, um construto cognitivo que nos serve como sucedâneo ao real.

Umberto Eco advertia

*“A língua não é aquilo através de que se pensa, mas aquilo com que se pensa ou, precisamente, aquilo que nos pensa ou pelo que somos pensados.”*

*Edward T. Hall entendia que a língua é “um elemento importante na formação do pensamento” e que “a própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si é programada pela língua.”*

O mundo do homem é mais linguagem do que matéria. É o modo como lidamos com as palavras e seus resultados semânticos que nos tornam aquilo que somos. Construimos a realidade com a nossa linguagem. Mas, as palavras são nomeações de coisas e de estados ou situações. Então, fazemos o jogo de palavras em busca de explicações para as nomeações, procurando encontrar nelas conteúdos, usando, para isso, as próprias nomeações ou palavras. Ou seja, pretendemos entender a realidade através do jogo de palavras. E de tanto acreditarmos na eficácia desse jogo, convencemo-nos de que estamos compreendendo a realidade. Ora, se a linguagem é inútil para compreendemos a realidade, qual então a sua utilidade, senão o seu poder de aglutinar pessoas para participar do jogo de palavras e dele fazer uma realidade comum, pouco importando a sua veracidade? Afinal, as palavras escritas ou faladas afetam o ser humano orgânica e psiquicamente, segundo a força de sua semântica. Um fato sem nome não nos influencia, porém os fatos nomeados nos afetam quando acontecem e até



mesmo quando simplesmente lembramos o seu nome. As palavras, em si, não nos comovem e, sim, os seus significados e a sua força semântica. Por isso, não reagimos às palavras cujo significado não conhecemos mesmo que elas sejam do nosso idioma.

Linguagens diferentes parecem influir na interpretação de fatos, objetos e pessoas. O próprio tempo é afetado pelos diversos idiomas. Cada idioma é um modo de perceber e interpretar o mundo. Assim, o mundo é a nossa linguagem e ela determina o nosso modo de pensar. Com a possibilidade de extinção de quase da metade das 6.000 línguas existentes no mundo, os cientistas estão procurando aprender o que puderem sobre elas com o propósito de preservar formas diferentes de perceber a realidade. Outros estimam que existem, pelo menos, 2.796 línguas e 7 a 8 mil dialetos. Nas cidades sumério-acadianas se falavam duas línguas: a dos homens e a das mulheres.

Peritos afirmam que nenhuma língua do mundo, nem mesmo as línguas internacionais de nosso tempo, possui uma gramática tão completa como o sânscrito, considerado o idioma de maior riqueza de formas e bastante semelhante às línguas europeias, notadamente ao grego e ao latim.

Hans Joachim Störig informou

*“Assim como o latim entre nós, o sânscrito era a língua jurídica; importantes códigos de leis da Índia foram escritas nesta língua.”*

O grego é dotado de grande facilidade para a criação de palavras compostas, podendo, pela combinação de duas

ou mais palavras, criar uma palavra nova com um novo significado.

O idioma dos Ainos não tem qualquer parentesco com outro idioma conhecido. O japonês não faz parte de nenhuma das grandes famílias linguísticas. E o basco é uma língua que parece remontar a época da caverna, pois não se relaciona a qualquer outra na Terra.

O idioma asteca fundia dez ou mais palavras separadas para formar um conjunto unificado. Os esquimós e os zulus possuem línguas sutis e complexas, com vocabulários flexionados de 20 a 25 mil palavras. No idioma árabe, há mais de seis mil palavras diferentes para designar os camelos, suas partes e equipamentos. E os Aivilik têm, pelo menos, vinte termos diferentes para os vários ventos.

James Jenkins afirmava:

*“O fato de podermos criar livremente frases que nunca ouvimos é surpreendente. E o fato de podermos entendê-las quando criadas é nada menos que miraculoso”.*

Algumas línguas, como o hebreu e o árabe, não têm forma verbal correspondente ao presente. A língua hopi não possui tempos verbais. Os esquimós, com raras exceções, só utilizam substantivos e verbos. E o chinês parece não possuir o que chamamos de gramática. As palavras são imutáveis, e não há palavras que signifiquem sim e não.

De todas as línguas artificiais propostas, somente o Esperanto, criado por Lejzer Ludwik Zamenhof, ainda sobrevive. Mas, Hans Joachim Störig propôs o persa “como modelo para um idioma internacional artificial.”

Temos tantos mundos quantos são os idiomas. As palavras e seus ilimitados modos de combinação constroem a nossa percepção da realidade. A sintaxe e a semântica são os alicerces do nosso mundo, decorrente da nossa interação com as condições ambientais em que vivemos. Cada idioma que morre, é uma visão do mundo que se extingue para sempre.

As palavras que inventamos, a linguagem que construimos, em dado momento fugiram do nosso controle e passaram a nos controlar. De senhores da linguagem, passamos a ser os seus servos. Por isso, Erasmo de Roterdã ironicamente observou:

*“Só a gramática é mais do que suficiente para nos aborrecer durante toda a vida.”*

A coerência e a incoerência do mundo não estão no mundo, mas no modo como as pessoas e as culturas o interpretam. A linguagem é o espírito de uma cultura. De acordo com essa assertiva, Merleau-Ponty acrescentou:

*“Daí advém que o sentido pleno de uma língua não é nunca traduzível numa outra. Podemos falar várias línguas, mas uma delas permanece sempre aquela na qual vivemos. Para assimilar completamente uma língua, seria necessário assumir o mundo que ela exprime e não se pertence nunca a dois mundos ao mesmo tempo.”*

E José Ortega y Gasset enfatizou:

*“A língua não só oferece dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também, por isso mesmo, estorva a recepção de outros, paralisa a nossa inteligência em certas direções”.*

Por isso, Clyde Kluckhohn arrematou:

“Uma língua é, em certo sentido, uma filosofia.”

Nomeamos as coisas e os fenômenos físicos, assim como as atividades sociais e psíquicas para identificá-las e conceituá-las. O conceito é o momento cognitivo de maior complexidade, o que resulta em permanente polêmica entre os usuários dos mais diversos idiomas e os de mesmo idioma, com semântica diferente segundo as diversas áreas de conhecimento. Por isso, os usuários de uma mesma língua possuem uma linguagem diferente segundo o tipo de atividades que exercem.

Por outro lado, formas semelhantes podem não ter o mesmo conceito, enquanto formas diferentes o tenham. Assim, em nível mais profundo, nem sempre compreendemos os que os outros estão querendo dizer, embora superficialmente, nas rotinas coloquiais, estejamos perfeitamente entendidos. A rigor, cada um de nós, na sua subjetividade, possui uma compreensão pessoal do seu idioma, o que dificulta, em alguns casos, o encaminhamento correto de uma discussão, mesmo que não nos apercebamos disso. Na verdade, temos a impressão, e mesmo a convicção, de que estamos sendo plenamente entendidos e os nossos ouvintes e/ou leitores estejam geralmente certos de que nos compreenderam. No entanto, esse faz de conta dialogal tem resultados positivos apesar de não alcançar a plenitude de sua compreensão.

A força de uma palavra não está nela, mas no seu conteúdo, na sua semântica. Palavras escritas e faladas são vestimentas de intenções as quais podem ser expressas na linguagem dos gestos. A alma da palavra é a semântica. Se

a semântica perder a sua força, ela se esvai. Há palavras que sucumbem, embora permaneçam preservadas, como múmias, nos dicionários. Às vezes, porém, elas ressuscitam quando lhes é dado um novo significado. Palavras mudam de alma.

As palavras nos tiranizam. Amamos, tememos e odiamos certas palavras. Elas são mais fortes do que os fatos que representam e influem sobre nós antes que eles aconteçam e mesmo que não aconteçam. Somos constituídos de células e vocábulos. Refletindo sobre o mundo criado pela linguagem, Humberto Maturana asseverou:

*“Fora da linguagem nada existe.”*

A verdade, como tudo o mais, é um conceito. E o conceito é o que deriva das relações entre as pessoas e as coisas, assim como das relações entre as pessoas. Pensamos conceitos e conceitos nos fazem pensar, sentir e agir. Letras e palavras são os átomos e as moléculas dos conceitos. Com eles, criamos, destruimos e inventamos sentido para a caoticidade dos fenômenos.

A organização que nos fez, procura ver organização em tudo. E os conceitos são as ferramentas com as quais organizamos o universo físico e social.

Tudo seria volátil se não fosse preservado nas palavras e conceitos. Fatos e imagens sem nome são aparições natimortas e vão para o limbo do esquecimento. O mundo, ao menos para o homem, começou com o verbo. “Faça-se a luz e a luz foi feita”. Iavé concedeu ao homem poder de dar nome às coisas. Este, por certo foi o último dia da Criação.

Com o avanço da globalização, poderemos, um dia, ter um mega-idioma, constituído da interação dos idiomas

mais usados. Não se trata de um novo idioma artificial como o Esperanto, mas de um poliglotismo internacional, preservando os idiomas constituintes. O homem futuro será naturalmente um poliglota e não um monoglota.

Gaston Bachelard chamou a atenção para o fato de que “a linguagem pode ser tão falaciosa nas ciências físicas como o é nas ciências psicológicas para os espíritos desprevenidos, para os espíritos que não estão atentos à própria evolução da linguagem da ciência”. E arrematou afirmando:

*“A linguagem da ciência está em estado de revolução semântica permanente.”*

O que existe atrás e além das palavras? Elas são palavras e o mundo que percebemos é o efeito delas. O que existe sem palavras não é percebido ou compreendido? Tudo seria um amontoado de coisas, inclusive as pessoas. O que seriam o sentir e pensar sem palavras? Vivemos mais em função das palavras do que das coisas e elas só existem por que foram nominadas. Como seriam nossos sonhos se não houvesse as palavras?

## A MULHER

As mulheres gozavam de prestígio social entre certas tribos primitivas, como os Semangs e os Hopis. Em Daomé, a mulher mais velha possui enorme prestígio.

Entre os iroqueses, o prestígio social da mulher era talvez maior que o do homem.

As mulheres espartanas gozavam do mesmo status dos homens.

Os esquimós e os arandas faziam empréstimo de mulheres.

Mazdek, discípulo de Mani, apregoava que, no fim do século V, haveria o comunismo dos bens e das mulheres. Campanela defendia o comunismo das mulheres para todos os homens.

Homens de algumas tribos indígenas prostituem suas esposas aos homens civilizados, mas se mostram extremamente ciumentos para com os seus irmãos de raça.

Em razão do seu status ritual ou social, certas mulheres não podem ter filhos, como é o caso das irmãs dos reis Shilluk.

Na sociedade etrusca, as mulheres ocupavam uma posição eminente. Na Grécia, tal distinção só era concedida às heteras.

Entre os celtas, a mulher gozava de uma liberdade e de um prestígio religioso e social consideráveis.

O Tantrismo valorizou o aspecto feminino da divindade. A mulher se converte na encarnação de Sakti.

O Caodaismo aceita o sacerdócio feminino.

Para os muçulmanos é abominável ter relações sexuais com uma mulher grávida.

Dizia Montaigne que “as mulheres citas vazavam os olhos de seus escravos e prisioneiros de guerra para melhor se servirem deles sem ser reconhecidas”. Informa, ainda, que, nas Índias Orientais, “admite-se que uma mulher casada se entregue a quem lhe ofereça um elefante, o que, dado o valor do presente, constitui uma honra”. Diz também que “Sólon foi o primeiro, na Grécia, a conceder legalmente às mulheres a liberdade de prover as necessidades da existência pela prostituição, costume esse que, segundo Heródoto, já foi introduzido, antes, nas instituições de vários outros povos”. Informa que “os romanos, ao voltar de suas viagens, enviavam à frente um mensageiro a fim de não surpreender suas mulheres. É também por isso que em certos povos o sacerdote abre caminho ao marido, o qual assim não precisa indagar se casou de fato com uma virgem ou com uma jovem já maculada”.

Aristóteles afirmava a superioridade do homem em relação à mulher. Para eles, as mulheres são desregradas e de licenciosas.

Dizia Frazer que a má sorte do caçador é atribuída à má conduta da mulher, seja ela inocente ou culpada. A conduta da mulher influi, à distância, sobre o destino do marido. Diz ainda que os gregos e os romanos sacrificavam mulheres grávidas à deusa do cereal e da terra com o propósito de melhorar as plantações.



Em Chipre, a mulheres se prostituíam aos estrangeiros. O mesmo ocorria na Babilônia, na Síria e na Armênia. Era a prostituição sagrada.

Segundo Frazer, em muitas partes do mundo, as mulheres púberes estavam proibidas de tocar o solo e ver o Sol.

Na Nova Irlanda as jovens são confinadas durante quatro ou cinco anos em pequenas jaulas, na escuridão, e não lhes é permitido tocar o chão com pés. As jovens púberes encarceradas não podiam alimentar-se por si mesmas e nem tocar em qualquer comida. Elas eram alimentadas por anciãs, suas tias maternas, que estavam especialmente encarregadas de sua vigilância.

Na ilha de Vancouver, as jovens, quando atingiam a puberdade, eram recolhidas num recinto escuro, onde não podiam ver o Sol, ali permanecendo por vários dias, apenas bebendo água. Quanto mais tempo permanecia uma jovem nessa condição maior era a honra para seus pais. No Alasca, uma jovem púbere era colocada numa cabana pequena e tinha de permanecer de quatro pés durante seis meses.

Na Austrália se crê que se uma mulher menstruada comer peixe ou se banhar no rio, todos os peixes morrerão e o rio secará.

O tabu da mulher menstruada estabelece que, nessa condição, ela é a causa de muitas desgraças. A mulher menstruada, durante esse período, está proibida de contato com as pessoas. Na sua “História Natural”, Plínio faz uma lista dos perigos e dos males atribuídos à mulher menstruada.

Dizia Paracelso que “todas as nossas doenças, misérias e aflições vêm da mulher”, porque “não saímos da ma-

triz somente com a carne e sangue, mas com todas as misérias e doenças”.

Existe a crença de que as mulheres podem ser fecundadas pelo Sol.

No Judaísmo, Eva é criada de uma costela de Adão. Na mitologia grega, Atena nasce da cabeça de Zeus.

Averróis afirmava que a mulher se diferencia do homem não em qualidade, mas apenas em grau e é capaz de desempenhar todas as atividades do homem, embora em menor grau. Algumas vezes até o ultrapassa.

Ockham defendeu o feminismo.

A semana pré-menstrual produz alterações na personalidade feminina e exagera suas disposições neuróticas. É nesta semana que ocorre a mais alta incidência de suicídio.

Hans Selye informa que a criminalidade feminina apresenta alto índice (até 84%) durante as regras ou na semana anterior a ela.

A mulher é mais resistente e menos suscetível às moléstias em geral e sua longevidade é maior do que a do homem.

Na África, as mulheres são mais próprias para o trabalho pesado. No Irã, elas devem ser práticas, frias e calculistas, enquanto os homens devem ser sensíveis, emotivos e intuitivos.

Linguagem obscena com valores mágico-religiosos era usada nas sociedades secretas femininas, como, por exemplo, entre as bacantes de Dioniso.

Segundo Mircea Eliade, entre os Setuks, na Estônia, por motivo de suas cerimônias, as mulheres, embriagadas, se desnudavam, abandonando-se a exibições obscenas, provocando e insultando os homens. Em alguns povos de Daghestan, elas desnudavam os homens e para exasperar-lhes o desejo sexual flagelavam-lhes o membro viril com urtigas.

As mulheres das ilhas Trobiand têm o direito de atacar todo homem que se aproxime demais de seus jardins, derrubando-o, infringindo-lhe, muitas vezes, sevícias sexuais e cobrindo-o de excrementos.

Dizia Eliade que se admite, normalmente, que a agricultura tenha sido uma descoberta feminina. “Assim, na Uganda, uma mulher estéril é considerada perigosa para a horta e o marido pode pedir divórcio alegando esse motivo de ordem econômica”. Encontra-se a mesma crença no que diz respeito ao perigo que a esterilidade feminina pode apresentar para a agricultura na tribo Bhandu, na Índia. Em Nicobar, diz-se que a colheita será mais abundante se as sementeiras tiverem sido feitas por uma mulher grávida. Na Itália do Sul, crê-se que terá bom resultado qualquer trabalho empreendido por uma mulher grávida e que tudo o que seja semeado por ela crescerá como cresce o feto no seu ventre.

Os essênios afirmavam que as mulheres não guardavam castidade e nenhuma mantinha fidelidade ao homem.

O Evangelho de Felipe exorta os fiéis a “orarem em locais onde não haja mulheres”.

Entre os samoanos, diz Murdock, a noiva é deflorada publicamente como prova de sua virgindade. Se ela não era virgem, os seus parentes a golpeiam e a lapidam, o que quase sempre resulta em sua morte.

A influência da mulher velha na família é muito grande. Entre os semangs, as mulheres desfrutam de uma posição relativamente elevada.

Para os tolos, a mulher foi criada de uma costela do homem.

Entre os ainos, a mulher tem condição social elevada e podem até guerrear com os homens. Entre os iroqueses, a mulher desfruta de uma posição social igual ou superior ao homem. De todos os povos da Terra, são os iroqueses os que mais se aproximam da hipotética sociedade do matriarcado.

Disse Murdock:

“Os astecas consideravam a maternidade como o equivalente feminino da guerra. Comparavam a criança recém-nascida a um cativo feito em batalha e outorgavam às mulheres que morriam ao dar à luz as mesmas honrarias que a dos guerreiros mortos em ação”. “As esposas e os servidores do monarca falecido se imolavam a miúdo voluntariamente em seu funeral para podê-lo acompanhar até o outro mundo”.

Entre os hopis, a mulher é quem, de ordinário, toma a iniciativa de declarar-se.

Ruth Benedict assinalou que para os dobus, “em qualquer caso, os homens atribuem às mulheres uma técnica especial de maldade”.

Para Ortega e Gasset, a mulher é “substancialmente confusa” e o homem é “feito de claridade”. A mulher “é uma classe de vital algo inferior à nossa”. Mas reconhece que “só a mulher sabe e pode amar”. Afirma que “o forte da mulher não é saber, mas sentir”. Porém, assevera que “o gênio horripila a mulher”.

Na mulher, a alma e o corpo convivem mais intimamente do que no homem.

Aristóteles declarava que a mulher é um homem enfermo.

Erasmus foi contundente:

“Se, por ventura, alguma mulher meter na cabeça a ideia de passar por sábio, só fará mostrar-se duplamente louca”. Porém, “é só com a loucura que as mulheres agradam aos homens”.

Observou J. Bronowski que “somos a única espécie na qual a fêmea apresenta orgasmo”.

Para Demócrito, “a mulher é muito mais propensa aos maus pensamentos do que o homem”.

Montaigne opinou que “as mulheres têm sempre uma tendência natural para contrariar os maridos”.

Porém, também as defendeu:

“Têm razão as mulheres quando se recusam a acatar as regras de conduta estabelecidas pela sociedade, tanto mais quanto foram feitas pelos homens que as não ouviram a respeito”.

Reconheceu que não se pode argumentar com as mulheres, “pois são tão desconfiadas, frívolas e curiosas

que não podemos esperar curá-las pela razão”, porque “a cabeça é nelas a parte do corpo que menos vale”. Afirmou que “a economia doméstica é a virtude que, por experiência, coloco acima de todas as outras numa mulher casada”. Mas, de novo voltou à carga:

“É ridículo e injusto que o nosso suor e nosso trabalho sirvam para alimentar a ociosidade das nossas mulheres”.

Segundo Heródoto, no Egito, as mulheres urinavam de pé e os homens, de cócoras.

Arnold van Gennep informou que as mulheres eram oferecidas aos homens do grupo adversário visando à paz. Se os homens do grupo adversário aceitavam a proposta de paz, mantinham relações sexuais com as mulheres oferecidas. As mulheres só podiam ir para um lugar agradável no Além, se seus maridos a levassem.

Francisco Cândido Xavier, no seu livro O Consolador, psicografado pelo “Espírito” Emanuel, informou que “a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão e sentido de beleza, as mensagens dos planos invisíveis”.

Dizia Pitágoras:

“Existe o princípio do bem, que criou a ordem, a luz e o homem; e o princípio do mal, que criou o caos, as trevas e a mulher”.

Enfim, apesar dos milênios, pouco sabemos sobre a mulher.

## ANIMAIS

Por que os animais domésticos são, geralmente, dóceis e obedientes? Porque nós os escravizamos. Fizemos deles nossos dependentes. (Algumas pessoas, no entanto, se tornaram dependentes deles.) Tiramos a sua liberdade em troca de comida e pappicados. Há quem chegue ao absurdo de dizer que o cão é o melhor amigo do ser humano. Mas, na verdade o cão está dominado por ele. E os nossos amigos são independentes e nem sempre acatam a nossa vontade.

Os que se dizem amigos (ou melhor: carcereiros) dos animais domésticos afirmam que nenhuma pessoa merece confiança. (Por certo, eles pensam que são a única exceção.) E, no entanto, confiam em seres de outras espécies, cujo comportamento pretendem conhecer. Ora, se nem sequer nos conhecemos, como podemos conhecer os animais?

Veza por outra, “animais de estimação” ferem e até matam os seus donos. Donos, não amigos, porque só os animais, ditos selvagens, são livres e não dependem da proteção dos humanos.

Há pessoas solitárias que escolhem um ou mais animais como companheiros. Trata-se, porém, de uma compensação emocional, para quem perdeu parentes e amigos e não sabe fazer novas amizades.

Esses “amigos” dos animais os mantêm, quase todo tempo, em regime carcerário. Uns, como as aves, são engaiolados. Gatos e cães, às vezes, são castrados, para se

tornarem dóceis e indiferentes aos folguedos sexuais. Asas de papagaios são cortadas para que não possam voar e adquirir a sua liberdade. Eles devem estar sempre à disposição de seus donos para a garantia de sua proteção (em caso de cães ferozes) e de seu lazer. Na verdade, os animais são peças vivas da residência de seus donos.

Retira-se os animais de sua vida “selvagem” (quer dizer: livre) para “protegê-los”, seja em residências ou em zoológicos.

Nenhum mestre espiritual aconselhou as pessoas a trocar o amor a seus semelhantes pelo amor a animais. Apenas recomendaram que respeitassem a vida em suas variadas formas. Os seres humanos jamais seguiram essa recomendação. Ferem e matam os animais em touradas, rinhas de galos ou de passarinhos. Divertem-se com o sofrimento deles e os cevam para servir-lhes de alimento. Cavalos servem ainda de transporte e trabalham diariamente, sem alimentação adequada, até adoecerem, envelhecerem e morrerem. Eles servem aos humanos na guerra e na paz.

Alguns animais, apesar de tudo isso, recebem o reconhecimento e a honraria de seus donos felizes. Tornam-se artistas de cinema. São considerados heróis e lembrados pela História.

Se queremos proteger os animais, deixemo-los em sua vida selvagem. Respeitemos o habitat em que vivem.

Muitas espécies estão em extinção em virtude da pesca predatória e da comercialização de suas peles. Ou porque são caçados por mero prazer, para satisfazer o instinto matador de certas pessoas.



Por que não escutarmos os cantos das aves livres em nossos bosques e em nossas praças? Por que não adentrarmos a mata para ver os mais diversos animais em seu ambiente próprio? Por que tratá-los como deuses ou nossos ancestrais reencarnados como fazem certas religiões no curso dos séculos?

Nada é sagrado, inclusive a espécie humana. Mas, tudo o que é vivo, merece o nosso respeito. Os animais, compulsoriamente urbanizados, causam-nos problemas, principalmente os de saúde.

Pessoas há que gastam muito dinheiro com os “animais de estimação”, tratando-os com cuidados que nem sempre são dados aos seus semelhantes. Há cemitérios privativos de animais e, no entanto, existem pessoas que são enterradas na indigência. Segundo a revista Veja (22 de julho de 2009), cães e gatos são tratados como filhos em milhões de lares brasileiros, que gastam com eles 9 bilhões de reais por ano”. Tantas pessoas não passariam fome, se uma parte desta quantia fosse revertida para elas.

Jesus ensinava a amar aos nossos semelhantes como a nós mesmos. Será que os animais são também nossos semelhantes? Às vezes, eles são mais amados do que o ser humano.



## SONHO E PSI (\*)

O sonho é uma das faces do real. Sonhamos com o que somos e sonhamos com o que poderemos ser. É a realidade um sonho coletivo? É o sonho uma realidade individual?

O sonho é a atividade não seletiva da mente e a vigília, o modo seletivo do psiquismo. A vigília é o ser contraído e direcionado para finalidades práticas na vida material. Por isso, em vigília, pouco sabemos o que somos. A vigília é o nosso mínimo estado de consciência.

O sonho é um tipo de consciência que não resulta inteiramente das nossas relações com o mundo exterior.

A consciência vígil é o ser social. A consciência onírica é o ser inapreensível pelos padrões da consciência vígil.

O que é a alucinação, senão um conteúdo onírico objetivado? O sonho não é apenas a explicação simbólica dos nossos recalques: é uma atividade autônoma da mente.

Não será a loucura um sonho de que não se acorda? Um sonho com a aparência de vigília? Os hipnotizados também dão a impressão de estar conscientes das coisas que os rodeiam.

O sonho é a vida psíquica total. O fluxo psíquico é incessante e a vigília nada mais é do que uma interrupção desse fluxo. O nosso eu é uma perturbação desse processo psíquico total.

Observou-se que o estado de plena vigília não dura mais que um minuto ou dois por hora. Assim, as nossas distrações ou “fugas” da realidade externa são mais frequentes do que pensamos.

Há pessoas que, por deficiência da censura ou controle do ego, permanecem, por tempo muito longo, no mundo do sonho. A sua vida vigílica se torna, assim, um hiato no seu universo onírico.

Há um universo psíquico paralelo ao universo físico. Uma forma de percepção que não recolhe seu material do mundo físico, embora manipule com os dados desse universo. Contudo, as experiências do mundo psíquico nem sempre coincidem com as do mundo físico. Há um outro eu, movimentando situações e pessoas que não conhecemos na vida vigílica.

Na verdade, o sonho não é apenas uma cópia, uma reprodução das nossas experiências diurnas. Nem sempre lugares, situações e pessoas que vivenciamos nos sonhos podem ser referenciados a similares vigílicos. Isso sem falar nos sonhos de conteúdo paranormal, onde o sonhador percebe fatos futuros (precognição) ou que acontecem em outro local (clarividência).

Cada vez mais se constata que a atividade psíquica não é um produto exclusivamente fisiológico. Sabe-se, experimentalmente, que a ausência da atividade onírica provoca estados psicóticos, os quais, inclusive, podem levar à morte, caso persistam por muito tempo. A importância da vida mental para o organismo ficou comprovada nesses experimentos.

Os sonhos são pensamentos marginalizados da nossa vida vigília. Por isso, eles compõem histórias em paralelo e situações originais, extraídas, em parte, da nossa biografia de vigília. Mas, casos há em que pensamentos vigílicos e pensamentos oníricos compõem acontecimentos que se manifestam na existência objetiva.

Qual, na verdade, a diferença entre o que passou e o sonho? A memória não prova o que aconteceu, pois o presente, agindo sobre o passado, o modifica. Só o presente, então parece real. Mas, o presente é instantâneo e está influenciado pela memória e pelas expectativas do futuro.

O sonho é o que (ainda) não se tornou fato e o passado é o fato que se tornou sonho, pois a memória tem a mesma estrutura do sonho.

Os sonhos são percepções psíquicas. Mas de onde elas se originam? Elas formam um novo observador diferente do observador da vigília? Se essas percepções não vêm do mundo exterior, como explicá-las? Se são impressões gravadas das percepções externas e depois retrabalhadas, onde estão guardadas e como são reorganizadas?

O que faz o observador (mera percepção organizada?) estar consciente do que percebe e também que percebe?

Conhecemos, cada vez mais, os aspectos fisiológicos do sono e do sonho. Sabemos, pela eletroencefalografia, quando alguém está sonhando, mas não o que está sonhando.

Se o sonho, como já se afirmou, é uma desorganização temporária e diária de nossa mente, o que é que a reorganiza todas as vezes que despertamos?

Precisamos de fatos e de sonhos. Os fatos são sonhos reais e os sonhos são fatos psicológicos.

A realidade, em cada sociedade, é um sonho coletivo induzido por condicionamentos socioculturais. O sonho é uma realidade individual.

O sonho não é apenas o que somos e o que queremos, mas também o que poderemos ser. Nesse caso, é o futuro visível em seu processo de formação.

O sonho é o nosso modo de inventar histórias, o modo alternativo de viver. Nele, somos, simultaneamente, autor, ator e espectador.

O que é chamado de sonho lúcido é uma modalidade de consciência onírica onde o sonhador tem uma certa interferência no enredo de suas experiências. Assim, ele não é levado indefeso pelas tramas do sonho, mas participa da história da qual é personagem.

Sonhos são percepções, porém percepções não físicas. E também experiências sensoriais, sem objeto físico, mas que produzem alterações fisiológicas. Algumas delas são de tão grande intensidade sensorial que parecem resultado de um acontecimento físico, como no caso das poluções noturnas, as quais, no passado, eram atribuídas às influências de incubos (demônios masculinos, que mantinham relações sexuais com as mulheres) e súcubos (demônios femininos, que copulavam com os homens).

O mundo do virtual é uma réplica tecnológica do sonho, produzido em estado de vigília.

Criaturas do imaginário convivem conosco e nos influenciam. Sua longevidade é maior do que a dos seres bio-

lógicos. Tornam-se padrões de comportamentos, estilos de vida. Os seres mitológicos e certos personagens da ficção literária ainda continuam vivos e são explicações para as nossas personalidades. Afinal, a morte é um fenômeno inerente aos seres biológicos e não aos seres mitológicos ou ideais. Somos, ao mesmo tempo, seres biológicos e ideais.

Já dizia Shakespeare:

*“Somos feitos do mesmo material que os sonhos e a nossa curta vida acaba como um sono”.*

No estado de vigília, controlamos as coisas. Quando dormimos, os sonhos nos controlam. Por isso, dizia Jung: “não sonhamos, somos sonhados”.

O homem é, na realidade, um ser anfíbio: ele vive em dois universos justapostos - a vigília e o sono.

O que é o homem, quando dorme? É o subjetivismo onírico tão real, quanto o subjetivismo em vigília?

O sonho sempre desempenhou um papel importante na história da humanidade. Na Antiguidade, foi considerado um elo de ligação entre o homem e a divindade. Hipócrates afirmou que sonho pode resultar da ação de divindades ou do estado físico do sonhador. Era através do sonho que os deuses se comunicavam com os mortais. Os egípcios, os caldeus, os persas, os babilônios, os fenícios, os gregos e os romanos acreditavam firmemente nos avisos oníricos. Interpretá-los, era uma arte sagrada, zelosamente exercida pelo corpo sacerdotal. Assim, nasceu a “ciência” dos sonhos, também chamada de *oniromancia*, naturalmente eivada de superstições e fortemente influenciada por fatores de ordem cultural.

O sono é a porta do sonho. Já o consideraram o irmão gêmeo da morte. Machado de Assis afirmava que dormir é um modo interino de morrer. Por isso, a tradição popular admite que o sono é a libertação temporária do espírito ou alma. Assim, não se deve despertar, bruscamente, uma pessoa, a fim de dar tempo a alma para retomar ao corpo.

Na Grécia, a Terra era considerada como a mãe dos sonhos, os quais escapavam por duas portas distintas do Hades. Morfeu e Hipnos, os deuses do sonho, ciceroneava as pessoas nos universos misteriosos do Inconsciente.

Todavia, os sonhos que mais nos causam profunda impressão são os chamados sonhos premonitórios, através dos quais uma fração do futuro - pessoal ou de uma comunidade - é revelada a determinados indivíduos.

Freud foi, indubitavelmente, o precursor da abordagem científica dos sonhos, catalogando-os e interpretando-os, como comunicados do inconsciente. Segundo Freud, o sonho resulta da censura interna do ego aos conteúdos do inconsciente, seja de natureza erótica ou de desejos não realizados.

Jung foi além do inconsciente pessoal freudiano concebeu o sonho como uma abertura para o inconsciente coletivo, constituído de conteúdos arquetipais.

O sonho é, também, a imagem do que não podemos ser, as rejeições do nosso existir, o antípoda do nosso ser.

Até onde pode o sonho influir em nossa conduta no estado de vigília? Se o sonho é a catarse da vigília, não será esta, por sua vez, afetada pelo sonho?



Conforme noticiário da imprensa, já foram criados, na França, laboratórios do sono e do sonho, subvencionados pelo governo, em Paris, Marselha, Lyon, Bordeaux, Bonneval e Montpellier.

A experiência tem demonstrado que um paciente, permanecendo insone durante vários dias, apresenta quadros alucinatórios no momento em que deveria sonhar. Descobriu-se, ainda, que uma pessoa, privada de sonhos, segrega um produto químico semelhante ao LSD 25. Daí, admitir-se, em tese, que a esquizofrenia poderia resultar da supressão dessa substância orgânica.

Outro acontecimento experimental digno de registro é a indução onírica, mediante a qual, através de estímulos externos, o experimentador induz o paciente a sonhar ou modificar o curso do seu sonho.

Na Faculdade de Medicina de Lyon, o Dr. Jovet iniciou a pesquisa do sonho mediante o emprego do onirógrafo, um aparelho registrador de sonhos. Atualmente, como já vimos antes, foram criados laboratórios de sonho, semelhantes ao do fisiologista francês, nas universidades de Nova Iorque, Stanford e Chicago. Nos chamados “dormitorium”, as pessoas adormecem com os onirógrafos ligados à cabeça e, ao despertarem, relatam o que sonharam, e os relatos são gravados em fitas magnéticas para controle com os demais dados obtidos de outros pacientes.

O sonho, assim, nos parece uma outra dimensão existencial do homem. Só agora a sua topografia começa a ser, gradualmente, levantada e conhecidos os seus primeiros acidentes geográficos. Quando se concluirá essa pesquisa, ninguém o sabe, e, talvez, ela jamais tenha um termo final.

O sonho também participa do processo criativo na literatura, nas artes, na ciência. Pintar, compor, escrever, em certas ocasiões, pode ser um sonho acordado. Goethe resolveu problemas científicos e escreveu poemas em sonho. La Fontaine escreveu “A Fábula dos Prazeres” e Coleridge, “Kublai Khan”. Bernhard Palissy, em sonho, concebeu muitas de suas cerâmicas. Tartini compôs “Sonata do Diabo”. Agassi descobriu as informações que desejava sobre um peixe fóssil que examinava. Paul Erlich, prêmio Nobel e criador do “Salvarsan” descobriu o mecanismo pelo qual as células se defendem dos venenos que as atacam.

Qual a linha divisória entre o sonho e a vigília? Os olhos abertos podem estar escancarados para dentro. Daí, a frase feliz de Mario Quintana: “Sonhar é acordar-se para dentro.”

O sonambulismo é o sonho em ação externa. O sonâmbulo pratica ações, geralmente rotineiras, das quais não se lembram quando acordam. Em alguns casos termina trabalhos interrompidos quando adormeceu. E ainda há casos em que pratica crime, sem que dele tenha consciência, quando de volta a vigília. Em estado sonambúlico, é capaz de guiar um automóvel, como se tivesse acordado.

As relações sexuais praticadas em sonho eram, no passado, atribuídas a influência de demônios conhecidos com íncubos e súcubos.

Os sonhos podem ser fragmentados ou com enredo. Os sonhos com enredo, em alguns casos, são recorrentes, prolongando-se por duas ou mais noites.

Os sonhos lúcidos são raros. Neles, o sonhador consegue, de certo modo, controlá-los.

Os sonhos coloridos impressionam vivamente o sonhador. Quem passou por essa experiência onírica facilmente a relembrará, tal a sua impressão de realidade física.

Os sonhos são, em alguns casos, mensagens do corpo, apresentando-se sob forma simbólica.

Os tipos mais comuns de sonhos são: Ver-se nu diante de outras pessoas.

Buscando inútilmente algo que se perdeu. Voando. Conversando com pessoas mortas ou com pessoas desconhecidas, mas que nos parecem familiares. Confinado em onde não pode sair – dentro de elevador, de buraco, etc. Andando por lugares desconhecidos. Voltando a lugares do passado. Subindo ou descendo escadas, montanhas, etc. Passeando em um jardim. Viajando de ônibus, avião, etc. Caindo ou sendo perseguido por pessoas ou animais. Sufocando. Brigando, sendo julgado, criticado, acusado, matando alguém. Perdendo o ônibus, o trem, o avião. Engolido por algo, como terremoto, maremoto, avalanche. Comportando-se como outra pessoa.

Experiências psi podem ocorrer durante o sono, principalmente sob forma de precognição que pode relacionar-se à vida do sonhador, da de terceiro da de uma comunidade e ainda sobre acontecimentos catastróficos da natureza. Muitos destes sonhos podem ser explicados pela telepatia ou pela clarividência. Edgar Cayce realizava prognósticos e prescrevia receitas, quando, voluntariamente, adormecia para realizar essas atividades. O número de acertos era impressionante.

Os sonhos compartilhados, embora raros, podem acontecer ocorrer com pessoas dormindo no mesmo recin-

to ou separadas cada uma em lugar diferente e distante. No primeiro caso, a melhor explicação é a telepatia. No segundo, pode ser tanto a telepatia como a clarividência. Trata-se, porém, de uma experiência psi muito rara. Um dos casos mais impressionantes desta modalidade foi vivenciado por Charlotte Anne Moberly e Eleonor Jourdain, quando, em 1º de agosto de 1901, visitaram o Petit Trianon, um pequeno castelo no interior do parque do Palácio de Versalhes, onde, enquanto passeavam pelos jardins, viram e conversaram com figuras que pareciam da época de Maria Antonieta, avistada também por elas. Fantasia ou não, o que importa é essa experiência onírica compartilhada, que, sob o ponto de vista parapsicológico, pode ser explicado pela telepatia.

Finalmente, podemos conjeturar se a experiência-fora-do-corpo (EQM) é uma experiência transcendental ou uma reação arquetipal do ser humano ante a iminência de sua morte.

(\*) Trabalho apresentado no XXXIII Simpósio Pernambucano de Parapsicologia, realizado no dia 28 de novembro de 2015, na sede do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas.

## UM MITO PARA A INFORMÁTICA

O Computador do Universo criou o ser humano como um computador de carne no jardim da inconsciência universal. Ele se comportava como uma máquina, funcionando perfeitamente, como as outras máquinas biológicas, dentro da Ordem estabelecida pelo Computador do Universo.

Um dia, porém, por um descuido cósmico, um vírus penetrou no computador humano. Em virtude disso, ele perdeu o contato com a Ordem e caiu no aleatório.

Daí em diante, julgou-se um ser autônomo. Passou a contrariar a Ordem e tentar dominá-la, como o faz ainda hoje.

O ser humano não quer ser mais uma simples peça no mecanismo da Ordem. Assim, inventou fábulas para justificar seus desacertos, decorrentes do uso exclusivo da razão.

O sofrimento é o preço que ele paga por sua ilusória autonomia. E crê obstinadamente no seu livre arbítrio.

Porém, em seus momentos de desespero, o ser humano inventa um Salvador para se reintegrar na Ordem, sem, no entanto, abrir mão de sua autonomia.

Todos os Salvadores que apareceram na Terra nada puderam fazer, dada a intransigência do ser humano, para reintegrá-lo na Ordem. O vírus que o afetou ainda não pôde ser removido.



## O TERCEIRO MILÊNIO (\*)

A chegada do terceiro milênio cristão vem gerando uma expectativa exagerada sobre o advento de uma nova era, ou temores pela consumação das profecias anunciadoras do fim do mundo.

Visto à luz de outros calendários, o ano 2000 será: 6236 segundo o primeiro calendário egípcio; 5760 segundo o calendário judaico; 5119 segundo o atual grande ciclo maia; 2753 segundo o antigo calendário romano; 2749 segundo o antigo calendário babilônico; 2544 segundo o calendário budista; 1716 segundo o calendário copta; 1420 segundo o calendário muçulmano; 1378 segundo o calendário persa.

O Terceiro Milênio, portanto, não passa de uma utopia centrada no calendário cristão e de conteúdo psicológico e cultural.

Conhecer o futuro para controlar o próprio destino sempre foi, é e continuará sendo uma das grandes aspirações do gênero humano. Daí, o prestígio das mais diversas mancias, empenhadas em desvendar o futuro das pessoas, de povos e nações e até mesmo da própria humanidade.

As profecias revelam expectativas para a vida em um mundo melhor ou em um outro radicalmente diferente do atual, seja porque se acredita num progresso interminável, seja porque o sistema atual do mundo é indesejável e deve ser modificado ou completamente destruído. A profecia é uma espécie de fé centrada no futuro.

Podemos distinguir dois tipos de profecia: a) a do progressismo; b) a do catastrofismo.

As profecias do progressismo revelam o otimismo em relação ao futuro, sinalizando uma melhoria tecnológica de vida para o homem, embora não importe necessariamente em qualidade de vida. A ciência tem transformado o que antes parecia especulações visionárias em realizações ou probabilidades concretas. Assim, o cientista é também uma espécie de profeta que, ao invés de procurar entender os planos de Deus, cria os seus próprios projetos e tenta viabilizá-los. Diferentemente das pitonisas do passado, ele não aspira os gases oriundos da terra para augurar o futuro, mas se inspira nas ideias oriundas das profundezas do seu inconsciente, buscando construir para a humanidade, não apenas futuros possíveis, mas, principalmente, desejáveis.

Entre essas visões progressistas do futuro podemos destacar: a construção de cidades autossuficientes nos oceanos e no espaço; a instalação estratégica de defesas bélicas contra possíveis choques do nosso planeta com asteroides; as teleportações de coisas e pessoas, minimizando o obstáculo do espaço; as viagens no tempo; a conquista do espaço exterior com a colonização de planetas do sistema solar e também de outros sistemas dentro da nossa galáxia e até fora dela; a extinção de todas as doenças e o aumento indefinido da longevidade, com a manutenção da saúde e o retardamento ou mesmo a abolição do envelhecimento; a instalação de próteses ampliadoras das funções do corpo; a utilização de memória suplementar em chips implantados no cérebro; a ampliação funcional do vestuário à condição de nicho ecológico individual; a alimentação sintética, reduzindo a dependência do homem aos alimen-



tos naturais, o que poderá resultar em alterações da fisiologia humana; a expansão, em nível inimaginável, da inteligência artificial, substituindo as atividades rotineiras do ser humano; a reconstrução genética, visando a melhoria biológica da espécie humana; a clonagem de órgãos, abolindo a necessidade de transplantes e próteses; a felicidade química e a abolição da dor física; a realidade virtual como sucedâneo, em certas situações, da realidade física; a utilização das aptidões paranormais e a criação de uma tecnologia psi.

As profecias do catastrofismo revelam uma concepção pessimista sobre o destino da humanidade. Elas resultam do desespero, da desilusão, decorrentes de conflitos sociais, da mudança de normas e valores, do mundo presente e que, projetados para o futuro, se apresentam como ponto final da tragédia contemporânea, podendo resultar ou não na esperança pelo início de uma nova era.

Desde tempos imemoriais, acredita-se que a destruição da humanidade será decorrente de ações pecaminosas, gerando a dissolução dos costumes, com o incremento da licenciosidade, da corrupção do poder, da escalada da desonestidade, do arrefecimento do sentimento religioso, da busca exacerbada dos bens materiais, o agravamento da pobreza, da fome, e do aumento insuportável da violência, desencadeando o aumento da criminalidade, dos conflitos sociais e das guerras. Este quadro de extrema instabilidade social deflagra o mecanismo psicológico de compensação com a esperança visionária da destruição do atual sistema e sua substituição por outro mais justo. Os deserdados de hoje seriam, assim, os herdeiros de amanhã, os pecadores seriam punidos e os justos recompensados e

uma nova humanidade surgiria das cinzas da devastação da grande Babilônia universal.

As profecias para o 3º Milênio revelam a tendência do ser humano de encontrar no futuro uma promessa de consolo, de compensação e vitória para um presente insatisfatório, angustiante e incerto. O futuro é a esperança da realização do sonho de uma nova humanidade radicalmente diferente da atual.

A ansiada punição ou a ira de Deus é a vingança dos deserdados contra os seus agressores e a desforra dos pobres. Quem não pode revidar ofensas nutre esperanças de que algo ou alguém o faça, restaurando-lhe a dignidade perdida. O Messias é, assim, o vingador coletivo e o Juízo Final, a plena consumação da vingança e o triunfo dos oprimidos.

O futuro da humanidade é, de certo modo, um construto do psiquismo humano. Os futuros temíveis ou desejáveis podem se tornar prováveis, pois o homem, por sua capacidade de pensar as possibilidades do acontecer, é suscetível de ser vítima ou beneficiário do conhecimento científico e de suas aplicações tecnológicas.

(\*) Publicado no jornal "Ponto de Encontro", Ano XV, nº 43, de fevereiro-março de 2000.

## ORGANISMO & AMBIENTE

Os organismos criam o meio onde vivem adaptando-o às suas necessidades ou são os organismos que se adaptam ao meio e este determina as necessidades daqueles? Parece que os organismos são segundo o meio onde vivem, como as células são segundo a região do organismo onde estejam.

O organismo está integrado com o ambiente onde vive, agindo e reagindo segundo as mudanças habituais. Alguns seres, como homem e a bactéria, são capazes de comportar-se adequadamente também nas situações imprevistas.

São os organismos biológicos se adaptam às leis da natureza, entre as quais a da seleção? Ou eles se auto selecionam, dando-nos, porém, a impressão de que foram selecionados?

Seres sem cérebro agem e reagem adequadamente ao ambiente onde vivem. Onde está o programa que habilita esses seres a agir de maneira que se assemelha a uma ação inteligente?

O reducionismo desceu, até agora, ao nível do gene. São os genes egoístas, como pensa Richard Dawkins, os criadores do mundo e sucedâneos microscópicos dos Elohins? Possuem os genes um conhecimento (programa) inato ou aprendem com a experiência e, assim, evoluem? Será que, futuramente, o reducionismo, cada vez mais radical, irá ainda mais longe e postulará a existência da partícula atômica egoísta.

Por que o gene é egoísta? Poderia não o ser. E o que o fez ser assim? Procedimentos aleatórios? Programação inata? Se inata, quem ou o que o programou? O que leva, porém, o gene egoísta a colaborar? Colaborar não é algo que contraria a sua natureza? E o que o faz contrariar a sua natureza? A necessidade de sobrevivência? Ora, se para sobreviver, os genes precisam cooperar, por que eles eram ou são egoístas? Como neles foi introduzida essa programação de egoísmo, essa necessidade de sobrevivência? Ou esse programa resultou de processos aleatórios?

Um dia, vários tijolos tiveram a mesma ideia: construir um edifício. Então se replicaram como tijolos e se transformaram, por seleção natural, em todos os equipamentos necessários para a construção de um edifício. Essa maravilhosa obra arquitetônica nasceu da especulação de humildes tijolos, dos quais os mais arrojados teorizaram que eles haviam sido construídos pela aleatoriedade de um concurso de moléculas, misturados com água e levados, pela seleção natural, ao forno onde foram cozidos.

Por que os genes precisam de organismos cada vez mais complexos, como o homem, para sobreviver? Sobreviver é questão de complexidade? Quanto maior complexidade, maior garantia de sobrevivência? Se sobreviver é copiar, seres monocelulares podem sobreviver sem precisar se associar para formar um ser pluricelular. O que leva, por conseguinte, os genes a construir organismos complexos? Apenas sobreviver? Não, pois podem sobreviver como seres simples. Então, neste empenho há algo mais do que apenas sobreviver. O que é, então?

O que faz com que átomos e moléculas se transformem em genes com programas específicos? E como esses

programas existem nos genes? São eles prefixados? E se o são, quem ou o que os prefixou? Se não são prefixados, como esses genes, com suas experiências, criaram programas específicos para todas as atividades do organismo?

Se os genes chegaram à complexidade do organismo, como produziram a consciência capaz de agir sobre o próprio organismo e até mesmo modificar o próprio código genético? É a consciência o resultado das atividades neuronais?

Parece que propagar-se, duplicar-se, copiar-se são as atividades primordiais dos seres vivos. Os genes “querem” sobreviver em suas cópias. Os pais querem “sobreviver” nos seus filhos. Será que cópia e sobrevivência são sinônimos? Mas, as cópias não são reproduções exatas do original. E mais: durante algum tempo, originais e cópias permanecem juntos. O ser biológico vive pela atividade constante e copiadora de suas células.

O mecanismo da replicação foi aprendido pelos genes ou é inato neles? O que é esse software biológico que, a cada segundo, faz cópias microscópicas de nossos corpos, mantendo-os vivos? É esse software o que chamamos de espírito? Ele é eterno ou foi programado por algo ou alguém?

Quais foram os genes que nos deram as ideias de bondade, justiça, imortalidade da alma e Deus? Será que foram os átomos, as células, as conexões sinápticas que inventaram Deus e as experiências transcendentais? E por que o fizeram? É Deus mais uma obra do engenhoso e onipotente Acaso? Se Deus e as experiências transcendentais forem apenas produções bioquímicas, em breve os veremos sintetizados em pílulas milagrosas e vendidos nas far-

mácias como terapêutica eletiva às nossas angústias e descompassos da vida rotineira.

A euforia da paternidade e da maternidade é a manifestação arquetípica da necessidade de replicação ou reprodução. Macho e fêmea formam uma unidade replicadora. A adoção, psicologicamente, é uma forma compensatória para o insucesso da necessidade de replicação.

Todos os seres vivos são programados geneticamente para lutar pela própria sobrevivência. O egoísmo é, por conseguinte, o atributo biológico do ser vivo. Mas, por que há seres humanos que contrariam essa programação e colocam o interesse dos outros acima dos seus? Serão eles uma anomalia biológica, mutantes humanos ou pioneiros de uma nova humanidade?

Matar os concorrentes, alegrar-se com a sua desgraça, considerar como inimigos os que não são de nossa família ou clã, são manifestações do nosso egoísmo biológico, da nossa natureza genética. Se o egoísmo é causa do pecado, ele é o pecado original de todos os seres vivos. Então, como corolário, todos os seres, e não apenas o homem, já nascem perdidos, e somente alguns poucos conseguirão a salvação.

Do mesmo modo que há o vírus biológico, há o vírus psíquico. Há ideias viróticas que podem contaminar parte da humanidade, tais como o nazismo, o racismo, etc. Afirmações reiteradas se transformam em pensamentos e contaminam nossa mente. Uma vez infectados, podemos infectar os outros, disseminando uma epidemia de difícil controle.

É possível que, no futuro, a ciência desenvolva vacinas psíquicas contra o medo, a ansiedade, o ódio, o pessi-

mesmo e outros vírus dessa natureza. A saúde mental poderá ser preservada por essa forma de vacinação.

Falamos de seleção natural. Mas o que é a seleção natural? O que é ou quem seleciona? E porque e para que seleciona? Qual o critério de seleção? É a seleção um programa prévio ou é um processo estocástico, circunstancial? Se for o último caso, a seleção se seleciona aleatoriamente e, com base no que se selecionou, seleciona tudo mais. É a evolução consequência da seleção natural ou esta é o resultado daquela?

A grande questão é: como procedimentos aleatórios se convertem em mecanismos, e esses se perpetuam? O que é que garante essa perpetuidade? Ou será essa perpetuidade aparente e os mecanismos, um dia, retornarão à aleatoriedade? É o relojoeiro cego, como pensa Richard Dawkins, ou nós é que somos cegos e, por isso, não vemos o relojoeiro? Relógios se autocriaram pelo mecanismo da seleção natural? Então, a seleção natural passa a ser o relojoeiro que já não é mais cego, porque vê e sabe o que faz.

A lei fundamental da sobrevivência é a adaptação. A adaptação é a resposta adequada dos organismos às alterações do ambiente em que vivem. Assim, os organismos mais fortes são aqueles que possuem maior capacidade de adaptação às variações ambientais. O homem é o único ser biológico que, por meios artificiais, se adapta aos mais diversos ambientes, cria o seu próprio ambiente e/ou adapta o ambiente às suas necessidades.

O nosso programa de sobrevivência nos deixa sempre em alerta contra perigos potenciais que nos ameaçam a vida e contra acontecimentos que afetam nosso equilíbrio

psíquico e emocional. Este estado inconsciente de alerta contra o que nos pode afetar talvez seja o fundamento biológico da experiência precognitiva. Talvez, por isso, não somos alertados para acontecimentos que nos beneficiam, porque eles não alteram o nosso equilíbrio orgânico e psicológico.

O que dotou as bactérias da impressionante versatilidade de se adaptar aos mais diversos ambientes? Como um ser tão simples possui um programa de tanta versatilidade operacional e superior a um ser complexo como o homem que não resiste a ambientes inóspitos a não ser usando seus recursos tecnológicos? Lynn Margulis não vê as bactérias como inimigas do homem, agente de doenças, mas como nossos ancestrais e origem de todas as formas da vida.

O chamado “efeito placebo” é a demonstração de uma sabedoria orgânica infusa, mediante a qual o corpo pode curar-se sozinho, bastando ser estimulado para uma ação terapêutica. Ele sabe tudo do que necessita e, como um verdadeiro alquimista, é capaz de realizar transmutações, utilizando os mais diversos elementos da natureza para a fabricação das substâncias necessárias ao reequilíbrio ou à manutenção das atividades orgânicas.

Como é que aproximadamente setenta bilhões de células sabem organizar-se harmonicamente e desta extraordinária atividade integrada resultar o fenômeno abstrato da consciência? Como explicar que cada célula sabe o que deve fazer para associar-se com outras células e desempenhar adequadamente o seu papel na complexidade sinérgica da organização biológica? Aprendeu cada uma, por si mesma, o seu papel específico e sua participação na eco-



nomia orgânica? Ou este conhecimento já lhe era inato? E, se era inato, o que ou quem imprimiu em cada célula esse conhecimento? Dizer que tudo aconteceu por processos aleatórios tem o mesmo valor metafísico (porém de menor força lógica) do que a explicação de que a sabedoria das partes nada mais é do que a manifestação setORIZADA da sabedoria do Todo.

Há organismos que nunca envelhecem: as amebas unicelulares, os protozoários e as algas. As abelhas são capazes de rejuvenescer, mediante mudança de seus hormônios. Se somos a síntese da evolução biológica, possuímos possivelmente um programa que nos impeça de envelhecer ou nos permita rejuvenescer. E por que, durante todos esses milênios, ainda não o utilizamos?

Fazendo uma analogia com o computador, podemos dizer que cada célula é um *back-up* (cópia) da memória. Temos, no *software*, um programa (conhecimento inato, sabedoria orgânica) para acionar o *hardware* e outro programa para digitação de novos dados (conhecimento adquirido), os quais podem ser temporários ou definitivos. O que não se pode alterar é o programa que aciona o computador: este programa (*read only*) somente pode ser lido, a não ser que queiramos mudar a sua configuração, como já começamos a fazer com o código genético, que é também um programa apenas para ser lido.

Dentro desta analogia, também poderemos indagar se não existe no organismo um programa que possibilite, em caso de doença, reinstalar a configuração original orgânica, tal como acontece, quando reinstalamos um programa no computador. Isto poderia ser a solução eficaz para todas as formas de enfermidade, desde as adquiridas até as

decorrentes do processo degenerativo do organismo ou de acidentes. Alguns animais possuem esta capacidade de autorregeneração de algumas partes de seu corpo. No ser humano, o fígado também possui essa mesma aptidão.

Poderíamos postular que cada espécime tem o seu arquétipo, do qual cada indivíduo constitui uma cópia. Isto implica em que a hereditariedade humana não procederia dos indivíduos, mas do arquétipo biológico da espécie através dos indivíduos chamados progenitores. Os erros genéticos seriam acidentes na passagem da informação.

Se todos os seres vivos vivem para duplicar-se a si mesmos, somos basicamente copiadoras biológicas instruídas para nascer, reproduzir e morrer. Mas o que fez com que as copiadoras humanas tivessem consciência de si mesmas?

Nós somos, na verdade, um processo de troca, e estamos vivos enquanto permutamos. Assim, fundamentalmente, somos o que trocamos e não o que temos, pois o ter não passa de um momento desse processo. A morte, sob este enfoque, é a cessação desse centro de permuta.

## OS VÍCIOS

Há pessoas que, pelos mais diversos motivos, se viciam em determinadas práticas, mesmo as que são proibidas, sob o ponto de vista moral, religioso ou jurídico. Trata-se de um problema crônico, entranhado na sociedade e, portanto, de difícil solução. Entre os mais polêmicos, se destacam os vícios das bebidas alcoólicas, do fumo, do jogo e das drogas alucinógenas. O tratamento dado a esse problema varia de país a país, tornando-o aceitável ou pernicioso segundo a sua repercussão na vida social.

A Lei Seca, nos Estados Unidos, que proibiu o uso de bebidas alcoólicas, foi um grande fracasso e, enquanto perdeu, favoreceu o contrabando do produto. Enriqueceu as gangues e causou prejuízo econômico ao governo, privado de taxaço do produto clandestino.

As pessoas bebem socialmente ou por dependência do álcool. Devido ao aumento do número dos alcoólatras, são criadas, cada vez mais, instituições e grupos de apoio destinados a ajudá-los, constituídos principalmente por pessoas que se livraram do vício.

O fumo, embora moralmente combatido, não foi proibido legalmente. E isso impediu a formação de quadrilhas de criminosos para explorar os fumantes. Hoje, porém, aumenta o número de restrições contra o fumo em lugares fechados.

O jogo, tido como um atentado a preceitos religiosos, é explorado pelos governos, que criam e mantêm a dependência das pessoas aos apelos da sorte. Graças ao

apoio dos governos, muitos jogos são considerados legais, e geram recursos generosos ao erário público. O principado de Mônaco vive de seus famosos cassinos, como o de Monte Carlo. É um modo efetivo de governos obterem lucros com o vício dos ricos.

Já o uso de drogas legalmente proibidas é combatido em quase todos os países, o que não impediu a sua globalização e a formação de um oculto Estado paralelo, cujo orçamento supera o PIB nacional de muitos deles. Até agora, essa luta tem sido desigual, e os traficantes continuam cada vez mais ricos e mais poderosos, porque contam também com o apoio clandestino de políticos, empresários, policiais, funcionários públicos de alto escalão e advogados envolvidos com o tráfico. É um câncer infiltrado no organismo social e em acelerada fase de metástase.

É extremamente difícil ajudar os dependentes químicos de maneira mais eficiente, enquanto os traficantes continuarem a lucrar com o sofrimento deles. Eles perturbam as famílias dos dependentes, extorquindo-lhes dinheiro, e assediando-os, sempre que possível, para mantê-los como seus clientes.

O Estado gasta milhões de reais no combate ao tráfico e os resultados desanimadores se revelam no sacrifício de policiais e vítimas inocentes a troco da morte de traficantes, muitas vezes melhor armados do que todo o aparato policial.

Propagandas e campanhas contra o uso das drogas ilícitas, assim como criação de entidades governamentais e privadas para esclarecer o público, notadamente os jovens, sobre os danos físicos e psicológicos dos opiácios não tem

surtido o efeito desejado. Isso vem desgastando financeiramente os governos, empobrecendo e angustiando as famílias vitimadas pelo tráfico.

É possível mudar o cenário de violência nas favelas dominadas pelo tráfico, duramente retratado no filme *Tropa de Elite*, que se transformou em estrondoso sucesso de bilheteria? Penso que sim.

Os traficantes não querem perder a clientela. Ao contrário: objetivam aumentar o número de dependentes e colaboradores. Cobram quantias abusivas aos dependentes químicos, ameaçam matá-los, levam-nos a furtar objetos de suas famílias, até que sejam internados, geralmente contra a sua vontade, em clínicas especializadas. Essa providência, no entanto, não garante o êxito da terapia. Os que aparentemente parecem curados, podem recair no vício ainda algumas vezes, influenciados por amigos também dependentes, ligados ao tráfico. Assim, as famílias dos dependentes continuam gastando altas quantias de dinheiro em clínicas e em pagamentos aos traficantes.

Hoje, no Brasil, os policiais temem os traficantes, usam máscaras para não serem por eles reconhecidos, moram em favelas, têm um péssimo salário, sua vida e sua família vivem em permanente risco e, se morrerem, os seus familiares ficarão na miséria ainda maior. A figura do policial é odiada pelas comunidades dominadas pelo tráfico e é temida pela sociedade em geral. Sua profissão não é gratificante. Muito pelo contrário. O seu armamento é inferior ao dos traficantes. As delegacias inadequadas para o uso a que se destinam são, algumas vezes, alvo do ataque da bandidagem. Por essa situação deplorável, alguns policiais se corrompem e colaboram com os traficantes para arru-

marem um dinheiro extra. Os policiais que não se corrompem são, na verdade, super-homens.

O que fazer, então, para combater eficazmente o tráfico? Mudar a estratégia até então adotada, cujos resultados são praticamente nulos. Sugiro duas táticas de atuação do governo.

1 - Modernizar todo equipamento bélico, pagar salários dignos aos policiais civis e militares, construir conjuntos residenciais onde possam morar com as suas famílias e longe das favelas, restaurar a sua imagem manchada perante a opinião pública e dar-lhes novo status social de credibilidade.

2 – Transformar a batalha improdutivo contra o tráfico em concorrência comercial. Nesta situação, o Estado leva a vantagem de ser a polícia uma força legalmente organizada e que age de conformidade com a lei. O tráfico é constituído de grupos rivais que lutam e se matam entre si, na busca pelo poder e aumento de seu território de atuação. Porém, nessa escalada de força, não apenas eles morrem, mas também vítimas inocentes e policiais. Além disso, os bandidos não toleram a traição e matam sempre o traidor. O Estado, por sua vez, não admite pena de morte para os condenados por maiores que sejam os seus crimes. Disto resulta que o traficante se intimida mais com a “justiça” do tráfico do que com a justiça da lei, porque naquela inexistente o direito de defesa e o traidor é sempre condenado a morte. Assim, o traficante é leal ao seu grupo pelo medo de ser vítima dele.

Para concorrer eficazmente contra o tráfico é preciso oferecer ao dependente, vantagens que os traficantes

não podem lhes dar. Para essa finalidade, sem descriminalizar o tráfico, o Estado permitiria que certas drogas, como a cocaína, poderiam ser compradas em farmácia a preços irrisórios. Os usuários apenas forneceria seu nome e endereço para controle das autoridades e, em se tratando de menores, dos nomes dos pais ou responsáveis. Para isso, o Estado alavancaria recursos destinados ao plantio de maconha, sob sua orientação e controle, não só para uso de lazer, mas também para a fabricação de remédios.

Com o dinheiro poupado no combate ao tráfico, o governo providenciaria a criação de instituições públicas para atender os usuários que solicitassem ajuda, e criaria uma dotação orçamentária para manter organizações privadas que oferecessem esse tipo de serviço.

A adoção desse procedimento resultaria no enfraquecimento do tráfico e na perda gradual de seu poder pelo abandono de sua clientela. Agora livre dos traficantes, o dependente, enquanto nessa condição, poderia manter seu vício a um preço insignificante, e libertar-se dele, quando o desejasse, consciente de que isso resultaria na sua recuperação. Além disso, haveria um ganho financeiro e social para o Estado, com a desmobilização da polícia para esse fim, e com o processo de ressocialização das favelas antes controladas pela bandidagem.

Em relação à família do usuário, haveria um retorno à paz e a supressão de quantias exorbitantes exigidas pelos traficantes para pagamento de dívidas contraídas pelo dependente, ameaçado de ser morto em caso de recusa do pagamento. A vida familiar se transmudaria de inferno em purgatório, porque a recuperação de um dependente importa sempre em sacrifícios de amor e dedicação.

É evidente que essas sugestões pareçam absurdas à grande parte da população, seja por pessoas que tenham uma opinião contrária e respeitável, seja por aquelas que, de um modo ou de outro, estejam lucrando com o tráfico, financiando-o ou dele fazendo lavagem de dinheiro.



## BREVE REFLEXÃO SOBRE O DIREITO

O Direito é um processo de evolução social, cujo início remonta às mais elementares formas das relações interpessoais dos mais diversos povos ou aglomerados humanos. A necessidade de sobrevivência gerou a solidariedade compulsória.

O Direito é a ciência do comportamento social disciplinado pelas normas jurídicas. É a ordenação das necessidades de uma sociedade e da dinâmica de suas transformações. O Direito impõe aos indivíduos a observação obrigatória de normas, que podem ter ou não conteúdo moral, e de valores que julga essenciais à sociedade.

O fim do Direito é a sustentabilidade da vida social no dinamismo de suas mudanças. Assim, ele é a ciência das relações sociais desejáveis e, por isso, obrigatórias, sendo as leis os múltiplos instrumentos, que disciplinam as mais diversas atividades sociais.

Um dos objetivos do Direito, além do disciplinamento e da manutenção da vida social, é o estímulo à solidariedade, base fundamental de qualquer sociedade.

O Direito não busca certezas, mas comportamentos desejáveis, o que importa na probabilidade de mudanças nos julgados, na jurisprudência e nas leis.

Apesar de dinâmico, o Direito não pode dispensar sua estrutura fundamental, baseada em princípios universais presentes em todas as legislações. Um deles é o pacta

sunt servanda (os pactos devem ser cumpridos), que é o garante das relações interpessoais.

O Direito não é uma manifestação da vontade divina, mas o disciplinamento das necessidades do ser humano.

O Direito moderno já não sofre a influência de postulados transcendentais. Ele vem se afirmando como um produto histórico e, portanto, resultante da experiência humana na convivência social. Vico asseverava que o Direito é obra anônima e coletiva das nações.

O Direito não é apenas uma elaboração racional, mas também pragmática. As pessoas quase sempre agem emocionalmente e esse emocionalismo é que as leva a prática de atos que podem gerar consequências jurídicas. Esse comportamento do ser humano deve ser tratado de maneira pragmática e cabe à norma jurídica ajustá-lo de modo a não perturbar o equilíbrio das relações interpessoais, prevenindo ou minimizando conflitos.

Rudolf von Ihering definia o Direito como uma criação real e objetiva da História e cuja finalidade é a proteção de interesses, e a conciliação dos interesses individuais com os coletivos. Para François Geny, o Direito é uma manifestação da vontade do legislador, e isso é verdade em relação os regimes ditatoriais.

O chamado “Direito Consuetudinário” possui uma eficácia às vezes maior do que a do Direito Positivo. A educação que visa despertar nas pessoas, a partir da infância, o respeito pelas regras sociais e pelo cumprimento das obrigações assumidas é uma estratégia que, no futuro, dará mais garantia às relações interpessoais e a confiança nas leis para dirimir possíveis demandas.

Em todos os sistemas físicos, biológicos e sociais há um poder mantenedor, um atrator que os sustenta. A sociedade é um universo de pessoas disciplinadas pelo Direito, que, nas sociedades modernas, como uma estrutura de poder, é operacionalizado mediante a ação de uma pessoa jurídica ou entidade virtual denominada Estado.

As leis têm por objetivo o controle do comportamento social. Essa controlabilidade, porém, não é absoluta, pois os seres humanos, em certas circunstâncias, são imprevisíveis. O controle absoluto só acontece no mundo físico, não no mundo social, e em ciências como a Física e a Química. A norma jurídica, portanto, é uma contínua experiência do comportamento social obrigatório e dos atos que não correspondem ao comando legal.

A lei física é um fato recorrente. A lei jurídica é um comportamento prescrito ou admissível pelo Direito. A sua observância é que lhe confere efetividade. Procuramos uma finalidade, um sentido para as leis físicas. As leis jurídicas têm, previamente, uma finalidade, um sentido.

O Direito não é apenas a atividade disciplinadora do que é, mas ainda do que poderá ser. Por isso, tem razão Miguel Reale ao definir a norma jurídica como a “obrigatoriedade de um comportamento possível”. De que adianta uma regra jurídica com simples validade técnico-formal, como pensava Hans Kelsen, se, na prática, ela é destituída de eficácia. Uma lei que tem apenas validade formal, mas não eficácia prática, não passa de um zumbi. É uma virtualidade cuja atualidade se inviabilizou.

Há pessoas que abrem mão de exercitar seu direito por comodismo, negligência, covardia ou magnanimidade.

Quem não exerce o seu direito, enfraquece o Direito, porque essa omissão fortalece, por outro lado, as violações às normas jurídicas. Assim, defende-se o direito, exercendo-o. É um direito que alguém abra mão de certos direitos, mas gestos magnânicos diminuem a força do direito não exercido.

Tinha razão Rudolf von Ihering, quando proclamava que “a essência do direito está na ação.” Por isso, ele advertiu que o direito objetivo se fortalece sempre que os indivíduos exercem seus direitos subjetivos. É o uso que evita a ferrugem das ferramentas. Se todos exigirem seus direitos estarão contribuindo para a manutenção da ordem social. O cumprimento das obrigações, seja de modo espontâneo ou compulsório, contribui para a efetividade do ordenamento jurídico.

A testabilidade da norma jurídica consiste na sua eficácia, ou seja, na sua observância pela comunidade em geral. E essa eficácia depende, também, da atividade judiciária para fazer valer a obrigatoriedade dos dispositivos legais.

A atividade judiciária é a experimentação continuada da eficácia das normas jurídicas. Os erros de julgamento equivalem às falhas da experimentação científica. O erro, em cada caso concreto, pode ser do julgador e do pesquisador, ou das imprecisões conceituais e redacionais das normas e das lacunas do método experimental. A hermenêutica, quando segura, produz confiabilidade na sua aplicação a cada caso concreto. Daí, a necessidade de clareza da norma jurídica que revele a intenção do legislador, a fim de prevenir vacilações interpretativas.

Cada sentença, cada acórdão, uma vez transitado em julgado, é uma objetivação da norma jurídica que, aristotelicamente falando, passou do estado de virtualidade para o de atualidade.

O Legislador legisla sobre determinado fato ou problema social com a finalidade de discipliná-lo juridicamente. Mas é a experiência judiciária decorrente das atividades de advogados, promotores e procuradores de justiça, juízes e desembargadores que testa a eficácia da lei e as suas falhas. A norma jurídica é um ente virtual que se torna real em cada ato humano que seja disciplinado pelo Direito.

As leis são modelos de comportamento social exigível e um permanente teste experimental. Por isso, o Direito é uma ciência, porque propõe um comportamento fundamentado na observação das necessidades sociais, submetendo-o a uma experimentação continuada.

As leis de um regime ditatorial não perdem, formalmente, a qualidade de leis. Mas, uma vez derrubada a tirania, elas são revogadas e substituídas por outras, que se compatibilizem com as reais necessidades sociais.

A prática jurídica equivale à contínua atividade da pesquisa científica, testando a eficácia das leis em cada situação concreta. A Jurisprudência é o conjunto de resultados reiterados, que confirmam o bom desempenho das normas jurídicas em operação.

O Legislador, teoricamente, funciona como um receptor das necessidades sociais. Ele é o técnico que converte essas necessidades em leis, que devem ser claras e objetivas e ao nível do entendimento de qualquer pessoa razoavelmente instruída.

O princípio da inércia também acontece no universo jurídico, e se transforma em estagnação doutrinária fundamentado no princípio da autoridade e da ortodoxia. Daí, a necessidade de que fatos novos, de irresistível força jurídica, se transformem em leis para revogar normas jurídicas obsoletas.

As lacunas do Direito são a demonstração de que as leis não disciplinam toda a realidade social. Mas, por outro lado, elas representam a oportunidade de exercício da criatividade em face à mutabilidade de todas as coisas.

Lacunas sempre haverá no tecido do Direito. Elas resultam do dinamismo das mudanças, o que torna impossível a manutenção de sua homogeneidade, ensejando, assim, o aparecimento de vazios na tessitura das leis.

A presunção *juris et de jure* faz lembrar a singular assertiva de que se os fatos estiverem em desacordo com a teoria, pior para os fatos. Ou seja, a presunção ou hipótese prevalece ainda que os fatos demonstrem a sua falsidade.

A teoria da imprevisibilidade é uma necessidade da dinâmica das situações jurídicas que, ainda em curso, podem ser alteradas para manter o equilíbrio entre as partes.

Assim como o universo está em contínua expansão, como apregoa a hipótese do *big-bang*, aumentando o vazio entre os sistemas estelares e as galáxias, o mesmo acontece com o Direito em seu continuado processo de expansão, como decorrência da complexificação das relações entre as pessoas e as nações. Mas este vazio, segundo postulam alguns cientistas, é preenchido com a criação de nova matéria. Do mesmo modo, as lacunas jurídicas são preenchi-

das pela contínua atividade legislativa e judicante, mediante a analogia, o costume e os princípios gerais do Direito.

O Direito, por ser uma ciência, não lida com a verdade, mas com modelos experimentais de comportamentos juridicamente exigíveis.

O Direito nasceu das relações sociais e nelas se constrói até alcançar um estágio em que passa a organizar a sociedade.

Não há direitos e deveres, senão na vida social. O que se define por Direito Natural não é propriamente um direito, mas o exercício das necessidades humanas fundamentais como a autodefesa, a defesa da prole e do território, onde o ser humano, à semelhança de qualquer outro animal, constitui seu lugar no mundo. O mecanismo biológico de auto conservação dos seres vivos se sobrepõe a qualquer Direito Positivo.

No instante em que uma pessoa se vê ameaçada em sua integridade física e em perigo de vida, é natural que reaja como qualquer ser biológico, mesmo que isso importe na morte de seu agressor. Ele não precisa do Estado para defendê-lo. Ele não exerce qualquer direito concedido pelo Código Penal, mas age na conformidade de sua estrutura biológica. Por isso, é natural que ele use de todos os recursos disponíveis para se defender do agressor, pois, nessa situação, ele não age como um ser social, mas como um organismo que defende a sua sobrevivência. Foi o agressor que o levou a essa situação e nada mais natural que ele sofra as consequências do seu ato. Com isso, não se afirma que uma pessoa, ameaçada de morte, mate necessaria-

mente o seu agressor, mas que a morte deste é uma possibilidade admitida.

A existência do homem não é apenas biológica, mas também moral. E a morte moral é pior do que a física, porque despoja o homem de sua própria condição humana. A desonra, em alguns povos, é motivo aceitável e até mesmo esperado para a prática do suicídio.

O critério de previsibilidade se apoia na constatação de que os indivíduos, em sua maioria, observarão as normas jurídicas, seja espontaneamente, seja por receio de sofrer constrangimento legal. O legislador pode, também, elaborar uma norma jurídica punitiva, ou seja, disciplinando um fato com alta probabilidade de acontecer, antes que ele aconteça.

A harmonia nas relações sociais é o estado natural de uma sociedade. Fazendo-se uma analogia com a teoria das catástrofes, poderemos conceituar os crimes como acontecimentos que tumultuam a rotina do cotidiano, e cuja frequência varia de sociedade a sociedade. Os crimes são as rupturas do tecido social, e as penas representam a tentativa de prevenir e de restaurar essas rupturas.

A força potencial da norma jurídica constitui, geralmente, uma efetiva intimidação. Por isso, a maioria das pessoas obedece espontaneamente ao seu comando. Somente quando a norma é infringida, ela passa de seu estado potencial ao de atual, abatendo-se sobre o transgressor. Porém, nem sempre a sanção legal repara o dano cometido contra o titular do direito lesado. Nem sequer a punição do infrator restabelece o *status quo ante*. Assim, a norma jurídica mostra a sua eficácia, embora, em certas circunstân-



cias, não seja bastante para ressarcir o dano físico ou moral sofrido pelo prejudicado.

A expressão dogmática jurídica é insustentável. Se o Direito é uma ciência, não pode ter dogmas, porque estes pertencem ao universo religioso. Por ser uma ciência, o Direito tem um paradigma, ou seja, uma concepção geral da realidade jurídica.

Diferentemente da Física, o acontecimento que pode gerar um fato jurídico é probabilístico. Alguém pode querer praticar um ato jurídico, mas desiste, ou não pode realizá-lo em razão de um acontecimento superveniente. Porém, de conformidade com as circunstâncias, a não realização do ato jurídico, em caso de desistência, pode gerar obrigações para o desistente.

O Direito é, também, uma técnica que consiste na elaboração das normas jurídicas com uma linguagem própria, precisão conceitual, clareza e objetividade.

A justiça é, objetivamente, a relação adequada entre a norma jurídica e a decisão judicial em cada caso concreto. No entanto, a justiça é, muitas vezes, uma interpretação subjetiva, de natureza emocional, porque a parte vencida na demanda quase sempre se julga injustiçada. Onde não há direito, não há justiça, mas apenas o reinado dos fatos, onde cada ser luta pela satisfação de suas necessidades fundamentais.

Como podem as pessoas ser iguais perante a Lei, se elas são apenas semelhantes e também diferentes? Cada pessoa deve ter um tratamento jurídico compatível com a sua individualidade. O princípio aristotélico que declara que

se deve dar a cada um segundo o seu mérito invalida o ideal da igualdade proclamado pela Revolução Francesa.

Ninguém pode alegar sua ignorância das leis. A realidade mostra o contrário. Nem os profissionais do Direito satisfazem esse pressuposto.

Se aplicarmos a Teoria do Caos ao Direito, poderemos especular que, mesmo nas sociedades sem estrutura jurídica, há uma ordem oculta ou pré-ordem que a mantém.

O direito adquirido é uma situação jurídica que garante a sua vitaliciedade até a morte de seu titular, apesar da extinção da norma que o assegurava. É uma situação que equivale, em uma abordagem à luz da Física Quântica, à metáfora do gato de Schrödinger, que está vivo e não está vivo ao mesmo tempo. Ou seja: como norma jurídica, o direito está morto, mas, como situação jurídica específica de determinadas pessoas, continua vivo.

A prova, em Direito, é tudo o que confere autenticidade a um fato. Essas provas variam em grau de confiabilidade. Em alguns casos, ela pode estar contaminada de subjetivismo como ocorre com os testemunhos, ou invalidada se resultar de fraude em qualquer de seus aspectos. As provas dão suporte aos decisórios e estes materializam as normas jurídicas adequadas a cada caso concreto. A prova, no entanto, pode ainda ser produzida para negar um fato alegado e obter a sua confirmação no decisório.

Os crimes são criação das leis com a finalidade de disciplinar a vida social, coibindo ações que lhe sejam prejudiciais. Crimes são ações que o Legislador considera de extrema gravidade contra a sociedade e contra os indivíduos.

A prescrição em matéria penal, em certos casos, é um estímulo à impunidade.

A pena deve ter um caráter pragmático: aproveitar o apenado em benefício da sociedade enquanto durar sua prisão, tornando-o compulsoriamente útil. Pouco importa que o apenado se recupere, embora isso seja o ideal. O importante é que ele, durante o período de cumprimento da pena, trabalhe para a sociedade. A pena de morte, sob esse aspecto, é um desperdício. Ela deve ser sempre a última opção e, assim mesmo, em casos especialíssimos. Platão foi radical. Considerou os delinquentes como enfermos e defendeu a sua eliminação para a salvaguarda da sociedade. Tomas de Aquino também foi favorável à pena capital.

As penas devem ser integralmente cumpridas. O detento não deve ter a mínima esperança de vê-la reduzida. O indulto é um insulto, a desmoralização de um julgamento, a ingerência indébita do Poder Executivo no domínio do Poder Judiciário. É preferível que as penas sejam curtas e integralmente cumpridas do que longas, mas com a possibilidade de serem encurtadas.

Filosoficamente, o Direito adota a autonomia da vontade como causa de atos jurídicos e ilícitos. Se não há vontade livre, não apenas na sua manifestação, mas na sua causa, não há responsabilidade civil ou criminal. Por isso, o determinismo não encontra acolhida no Direito, porque invalidaria o livre-arbítrio e, conseqüente, a validade dos atos jurídicos e a responsabilidade dos atos ilícitos.

O Direito lida também com o problema do bem e do mal. O bem é a obediência à Lei; o mal, o seu contrário. O crime é a expressão máxima do mal nos ordenamentos

jurídicos. Porém, um ato considerado mau em um sistema jurídico, pode não o ser em outro. E ainda: o que era considerado um crime pode ser descriminalizado como, recentemente, o foi o crime de adultério.

Hegel pensava que o Estado era a mais perfeita criação do espírito humano. A prática, porém, vem demonstrando que não é propriamente assim. O Estado é a burocratização da sociedade e o poder que a governa. A política é a mais importante estratégia para se alcançar esse poder.

A nação é o sentimento de identidade de um povo. O direito é o seu poder de auto sustentação. A nação, assim, é mais que o Estado, e o Estado mais que o governo.

O egoísmo é o mecanismo de autodefesa de todos os seres vivos. Logo, todo ser humano é biologicamente egoísta. A conciliação e a coincidência dos egoísmos individuais criam os egoísmos coletivos dos mais diversos grupos sociais, desde a família à nação. Esta é o maior dos egoísmos coletivos que, por sua vez, procura conviver com egoísmo de outras nações.

O Legislador brasileiro resolveu diminuir a maioridade civil de 21 para 18 anos de idade, porém manteve a idade de 18 anos para a maioridade penal. A fixação da maioridade civil e penal é um critério jurídico, com forte influência política, de natureza empírica e destituído de base científica. Maioridade, sob o ponto de vista legal, é maturidade para a prática de atos disciplinados pelo Direito.

Maioridade importa em responsabilidade civil e penal, porque uma pessoa de maior tem a clara compreensão das ações que pratica, assim como de suas conseqüências.

O magno problema consiste em saber de fato, e não por força de uma determinação puramente teórica, até que ponto alguém é plenamente consciente do que faz.

Uma pessoa, aos 16 anos de idade, tem, juridicamente, capacidade para influir, com o seu voto, sobre os destinos do país. Mas, em virtude de uma descabida presunção jurídica, é incapaz de compreender que matar é crime e as quais as consequências resultantes do delito que praticou. No entanto, por um passe de mágica, ao completar 18 anos de idade, se torna uma pessoa madura e responsável por seus atos. Não satisfeito, o nosso Legislador descobriu que o brasileiro amadureceu mais cedo para a prática de atos da vida civil. Ele é capaz de, nessa idade, realizar intrincados e complexos negócios jurídicos, o que não acontecia no passado. É assombroso constatar como o nosso jovem amadureceu tão rápido para se movimentar no universo do Código Civil, mas permanece emperrado no do Código Penal.

Na minha opinião, a maioria de uma pessoa deveria ser declarada mediante exame psicológico obrigatório e específico para esse fim. Com isso, se teria uma base científica e não apenas empírica, ou, o que é pior, presuntiva, para fixar a responsabilidade dos atos jurídicos ou delituosos praticados. A responsabilidade civil e penal seria criteriosamente determinada pela real situação psicológica da cada pessoa. O Julgador teria uma base sólida para fundamentar a sua sentença, embora continuasse a exercer o seu livre convencimento em face do laudo técnico, podendo aceitá-lo ou não.

Ninguém poderia realizar negócios jurídicos se não apresentasse o atestado de maioridade, concedido pela

autoridade judicial. Todos os atos praticados, sem esse atestado, seriam nulos de pleno direito. Por outro lado, a prova da maioria penal só seria indispensável para a determinação da responsabilidade por ilícito penal.

Qual o fundamento científico para se considerar a maioria decorrente do casamento? Como pode o Direito pretender ser uma ciência se se apoia em critérios formais e arbitrários? A cidadania se adquire pela maioria e esta não pode ficar adstrita a um fundamento apenas legal.

O Legislador dá mostra clara de que vive fora da realidade social, apegado ao formalismo e ao tradicionalismo, desatento aos progressos da ciência em seus diversos campos, aos avanços da tecnologia, e ainda imbuído do pensamento mágico e religioso, como ocorre em alguns atos jurídicos.

## BREVE REFLEXÃO SOBRE A CIÊNCIA

A ciência, constituída, a rigor, no século XVII, é um sistema de conhecimento que se fundamenta em hipóteses experimentais de conformidade com um modelo operacional denominado de método científico. Por trabalhar com hipóteses e não com verdades, o conhecimento científico se caracteriza por sua extrema vulnerabilidade, apesar sua eficácia e operacionalidade, quando convertido nas mais diversas modalidades tecnológicas. Ela se fundamenta na experimentação como teste permanente às suas hipóteses, corroborando-as ou invalidando-as.

A ciência pressupõe que a realidade é, no seu todo ou em parte, cognoscível pela mente humana. E que a realidade é uma ordem, embora se apresente, em várias ocasiões, com manifestações aleatórias.

Mário Bunge afirmava que “a pesquisa científica está permeada de um certo número de ideias filosóficas”. Aliás, a hipótese científica é uma espécie de crença que, diferentemente da crença religiosa, é suscetível de comprovação experimental. Assim, em alguns casos, postulações filosóficas podem ser objeto da investigação científica.

Paul Davies vai mais além, sustentando que “a física moderna apresenta um forte sabor místico”. E Fritjof Capra apontou significativas convergências entre a física e o misticismo oriental.

A busca de algo indestrutível não é apenas uma postulação de natureza religiosa. Lavoisier já asseverava que, na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transfor-

ma. No século XIX, James Prescott Joule ampliou esse entendimento, teorizando o princípio da conservação da energia. E no século XX, na década de 70, foi obtida a unificação da força eletromagnética com a força fraca, formando uma só força - a força eletrofraca.

A ciência, de certo modo, é uma atividade de dessacralização do mundo. Em alguns casos, as descobertas científicas entram em conflito com as postulações esotéricas, religiosas e filosóficas. É falsa, por exemplo, a analogia do microcosmo com o macrocosmo. O que está embaixo não é como o que está em cima, como ensina o ocultismo. Para os filósofos gregos, o círculo e esfera eram símbolos de perfeição, o que resultou na concepção de que os corpos celestes descrevem movimentos circulares e uniformes. Kepler, com o movimento em elipse dos corpos celestes, derrubou a concepção da circularidade que gerou a crença no eterno retorno, no tempo cíclico. O aparecimento de uma nova estrela, de 1572 a 1574, pôs em cheque a concepção da imutabilidade do céu.

Dionísio, o Areopagita (Século I d.C.) ensinava que os corpos celestes eram movidos por anjos segundo a sua hierarquia. João Filoponos (Século VI d.C.) negou os motores angélicos, substituindo-os pela hipótese do impetus. Refutando Aristóteles, assegurou que o impetus dispensava o continuum da matéria para a transmissão de ações físicas.

Newton substituiu os motores angélicos pelo princípio da gravitação universal, tornando-se o fundador da mecânica clássica. Mas, arraigado em seu misticismo, ele asseverou que Deus permanece no controle de sua imensa máquina – o universo – nela interferindo quando necessário.



O século XX se caracterizou pelo surgimento de ousadas teorias científicas e pelo desenvolvimento explosivo da tecnologia. Para uma breve reflexão, faremos referência as que podem ser tidas como as mais importantes.

A primeira revolução do século começou com a teoria da relatividade geral de Einstein (1906-1916) que invalidou o paradigma newtoniano do tempo e do espaço absolutos. Ele demonstrou que a gravidade não é uma força, mas a resultante da curvatura do espaço-tempo. O arqueamento do espaço-tempo e da luz causado, respectivamente, pela massa do sol e pelos campos gravitacionais evidenciou que a gravidade não é mais uma força, mas resultado da geometria.

A outra revolução, a da mecânica quântica, na década de 20, contrariou o princípio da causalidade, apresentando o universo microcômico regido pelo princípio da incerteza, formulado por Heisenberg. Heisenberg estabeleceu as relações de indeterminismo e formulou o princípio de incerteza, o qual jamais foi aceito por Einstein, sob a alegação de que Deus não joga dados. Mesmo em nível macrocômico, o filósofo David Hume já havia asseverado que a causalidade é um hábito.

A realidade quântica é probabilística e se comporta segundo o modo de observação do observador. Por isso se afirma que, no nível subatômico, a realidade não é observada, mas criada pela imaginação dos físicos.

Nas relações entre a física clássica ou newtoniana e a física quântica o determinismo e livre-arbítrio, diferentemente da filosofia, não se excluem, porque se situam em domínios diferentes. O determinismo é inerente ao univer-

so macrocómico e o livre arbítrio, representado pelo comportamento aleatório das partículas, é característica essencial do universo microcómico.

A ambiguidade onda/partícula feriu o princípio da não contradição.

V. Oparin apresentou uma hipótese sobre a origem da vida, afirmando que foi o metano e não o bióxido de carbono o elo primeiro com que se forjaram as cadeias de moléculas orgânicas.

Na década de trinta, Alan Mathison Turing inventou uma máquina, denominada máquina de Turing, que possibilitou o estudo da computabilidade, decompondo um problema numa sequência de problemas elementares bastante simples.

No campo da matemática, Kurt Gödel, em 1931, demonstrou que, mesmo num sistema de axiomas puramente abstrato, como o de Euclides, é possível formular teoremas cuja verdade ou falsidade não se pode demonstrar. Comprovou que sempre haverá teoremas matemáticos cuja demonstração é impossível através da lógica. Essa descoberta ensejou a invenção de sistemas lógicos não aristotélicos, baseados no dualismo verdade-falsidade, possibilitando o surgimento do “sistema lógico trivalente”, no qual uma afirmação pode ser verdadeira, falsa ou meramente possível. Segundo Gödel, qualquer sistema lógico é incapaz de demonstrar sua própria consistência lógica.

Na astronomia, a teoria cosmogônica que causou maior impacto foi a do *big-bang*, mediante a qual o universo, então em um estado infinitamente contraído, denominado de singularidade, expandiu-se numa grande explosão.

Essa teoria guarda significativa analogia com a cosmogonia religiosa da Índia do “ovo primordial” e do Dia e Noite de Brahma. Em 1934, Georges Lemaître já apresentara sua hipótese cosmogônica da explosão do superátomo ou “átomo primordial”.

Em virtude disso, reacendeu-se a velha proposição de Agostinho que, repetindo Platão, afirmou que o mundo não foi criado no tempo, mas com o tempo. O mundo não existia antes do tempo e nem tempo houve antes da criação. Hoje, os mais renomados cientistas esposam essa mesma ideia, reconhecendo que o tempo começou com o big-bang. Anos mais tarde, em 1965, Arno Penzias e Robert Wilson captaram uma irradiação isotrópica, isto é, uma radiação vinda de todas as partes do universo, parecendo tratar-se do resíduo da explosão inicial.

O computador, na década de 40, iniciou a era da informática, aproximando pessoas, mas intensificando os choques culturais, ensejando fantasias sobre a inteligência artificial e o futuro predomínio da máquina sobre o ser humano, não mais como suas próteses ou extensões e, sim, como seu sucedâneo. E proporcionou o aparecimento de um novo tipo de realidade – a realidade virtual. Com o advento da informática, nasceu uma nova forma de experimentação – a simulação que é, na verdade, a virtualização da experiência. Aliás, Galileu já houvera realizado experiências imaginárias como alternativa à experimentação real.

Em 1944, Schrödinger ousadamente afirmou que a vida pode ser explicada por um “código genético”, inscrito nas moléculas no interior de uma célula, insurgindo-se contra a persistente teoria do vitalismo.

No ano seguinte, Ossip K. Flechteim criou a palavra futurologia, significando o estudo sistemático e crítico dos problemas do futuro dentro de uma abordagem interdisciplinar. O seu objetivo era pesquisar as consequências da revolução científica e tecnológica, assim como prever e propor modelos e alternativas (futuríveis) para uma escolha, a qual seria necessariamente de natureza política. Na verdade, a ciência não quer dominar apenas o espaço, mas também o tempo, especificamente o futuro, porque prever é controlar. Se a precognição em alguns casos é possível, como vem constatando a investigação parapsicológica, por que não submeter a investigação do futuro ao controle tecnológico, prevenindo acontecimentos naturais, como vulcões, furacões, terremotos, condições atmosféricas, assim como fatos políticos, sociais e econômicos?

Em 1948, o físico Dennis Gabor apresentou a teoria holográfica, argumentando que não apenas as partes estão contidas no todo, mas que o todo está contido nas partes. A sua teoria só foi confirmada no início da década de 60 com o surgimento do laser, que possibilitou a fotografia em três dimensões – o holograma. Observou-se que, cortando-se um holograma ao meio, a unidade da imagem é reconstituída em cada pedaço. Essa descoberta confirmou o princípio defendido pelo hermetismo de que tudo está em tudo.

Karl Pribram, com base na teoria holográfica, definiu o cérebro como um holograma, afirmando que cada neurônio contém informações sobre o cérebro como um todo. Ousadamente, asseverou que o próprio universo é um holograma e, portanto, uma grande ilusão, o que lembra a concepção do *maya* da filosofia indiana.

Na década de 50, floresceu um novo ramo da Matemática, a Topologia, que estuda as propriedades que permanecem inalteradas quando as formas se modificam em decorrência de dilatações, torções ou compressões.

James Gleyck definiu, elegantemente, a Topologia como “a geometria com formas de borracha”.

H. G. Urey demonstrou que a atmosfera primitiva da Terra deveria ter sido construída de metano, amoníaco, vapor d'água e hidrogênio livre. Juntamente com Miller obtém a síntese dos aminoácidos por descarga elétrica em condições que reproduzem a atmosfera primitiva da Terra.

O aparecimento da teoria da informação, também chamada de teoria da comunicação ou ainda de teoria da informação e da comunicação como uma teoria estatística e matemática, decorreu da pesquisa de Claude Ellwood Shannon e Warren Weaver nas áreas de telegrafia e telefonia. Ela estuda as mensagens emitidas por seres vivos ou mecânicos.

No campo da biologia, o grande acontecimento ocorreu em 1953, quando James Deway Watson e Francis Harry Compton Crick propuseram um engenhoso modelo para estrutura do ADN, o que resultou no nascimento da genética molecular.

Geoffrey Chew, na década de 60, propôs a teoria do bootstrap (cadarço de botas), segundo a qual a matéria não é constituída de elementos fundamentais, mas que o universo consiste numa “teia de eventos inter-relacionados”, sendo sua estrutura formada pela coerência total de todas as suas inter-relações.

Lynn Margulis, em 1967, formulou a teoria simbiótica da evolução celular, onde argumenta que a cooperação desenvolveu um papel muito mais importante do que a competição. Segundo ela, a vida evoluiu porque, há mais de meio bilhão de anos, grupos de bactérias se uniram em relações simbióticas para formar organismos mais complexos. Essa ideia teve seu correspondente no campo da sociologia, quando Bronislaw Malinowski sustentou que a essência da vida social é a cooperação.

A ideia do evolucionismo começou com Erasmo Darwin, que propôs uma hipótese de evolução semelhante a de Lamarck, porém acrescida da noção de que os organismos evoluíram em razão da competição entre si na busca dos meios de subsistência ou pela conquista das fêmeas de sua espécie. Ele acreditava no progresso (progresso e evolução como sinônimos) como os primitivos teóricos do *laissez-faire* – Adam Smith (1776) no campo da economia e Jeremias Bentham (1789) em filosofia moral. Roberto Malthus (1798), no entanto, utilizou a ideia da competição entre os indivíduos para provar a impossibilidade do progresso. A ideia de Malthus forneceu a Charles Darwin as bases do seu mecanismo de evolução biológica, asseverando que os organismos entram em competição pela disputa de restritos suprimentos alimentares e aqueles que apresentam variações favoráveis sobrevivem e reproduzem as suas qualidades. Herbert Spencer estendeu à sociedade humana a teoria da seleção natural, afirmando que a sobrevivência do mais apto não era apenas um mecanismo da evolução orgânica, mas o modo de progresso da humanidade.

Tinha razão, portanto, Lynn Margulis, quando asseverou que a evolução não é apenas produto da competi-

ção, onde prevalece a sobrevivência do mais apto, mas também resulta da colaboração entre os indivíduos.

A era da globalização, preconizada por Marshall McLuhan com o nome de “aldeia global” coincidiu significativamente com as tentativas de unificação das hipóteses científicas, reunidas sob a sigla de teorias do tudo. Anteriormente, em 1850, James Clerck Maxwell já havia realizado a unificação do magnetismo e da eletricidade em um só campo – o campo eletromagnético. Acirrou-se, assim, o debate entre o reducionismo e holismo sobre o fundamento da realidade.

Alvin Toffler cunhou a expressão “choque do futuro” para descrever a esmagadora tensão e desorientação experimentada pelas pessoas, submetidas a uma carga de mudanças excessivas dentro de um tempo demasiadamente curto.

Em 1972, René Thom apresentou a sua teoria das catástrofes, ramo da matemática que trata de certos modos de mudança descontínua chamados catástrofes.

Stephen Hawking sugeriu a existência dos “buracos negros”. E, em 1973, foi descoberto o primeiro “buraco negro”, denominado de Cygnus X-1, ensejando audaciosas especulações sobre a existência de mundos paralelos.

Em 1975, Benoit Mandelbrot inventou uma nova Geometria, a Fractal, que consiste na réplica de um ser em escalas cada vez menores de si mesmo. Segundo Mandelbrot, a geometria dos fractais está mais próxima das formas da natureza do que das figuras da geometria euclidiana.

Conforme observou James Gleyck, a palavra fractal “passou a representar uma maneira de descre-

ver, calcular e pensar sobre formas irregulares e fragmentadas, recortadas e contínuas – formas que vão das curvas cristalinas dos flocos de neve até as poeiras descontínuas das galáxias”.

Essa revolução contra formalismo convencional começou em 1907 com o Cubismo de Pablo Picasso e Georges Braques, entre outros, rompendo com as formas clássicas e contestando a visão do mundo, fornecida pelos sentidos.

Edward O. Wilson fundou, em 1975, uma nova ciência – a Sociobiologia -, que visa estudar a base biológica do comportamento social, explicando valores morais, religiosos e políticos em função de princípios biológicos e não socioculturais.

Richard Dawkins, em 1976, admitiu que os genes podem ser as mais antigas entidades auto reprodutoras ou replicantes do planeta. E postulou a existência de um novo replicante emergindo na Terra – as ideias -, cujas unidades ele denominou de memes em substituição aos genes para explicação da evolução cultural.

Na Inglaterra, em 1978, o nascimento do primeiro “bebê de proveta”, a menina Louise Brown, representou o primeiro grande passo para a geração de seres humanos fora do procedimento biológico convencional.

Em 1979, James Lovelock, juntamente com Lynn Margulis, concebeu a Terra como um organismo vivo, dando à sua hipótese o nome de Gaia. Arthur Eddington, em oposição ao mecanicismo cosmológico advertiu que o universo se assemelhava mais a uma grande mente do que a uma grande máquina.



Na década de 80, Rupert Sheldrake propôs a existência de uma espécie de memória inerente em cada espécie, a qual denominou de campos morfogenéticos, responsáveis pelo fenômeno da vida e de outros da natureza. Esses campos são comparáveis a outros campos da Física, como o magnético e o gravitacional, possuindo um caráter não local e capazes de agir fora do tempo e do espaço.

Segundo Sheldrake, à medida que o tempo passa, cada tipo de organismo forma um gênero específico de memória coletiva cumulativa, concepção essa que, de certo modo, muito se assemelha a ideia do inconsciente coletivo de Jung.

David Bohm teorizou a existência de uma ordem implícita ou implicada e uma ordem explícita, que guarda semelhança com a ontologia de Parmênides e o mundo das ideias de Platão.

Ilya Prigogine postulou a existência de um princípio de auto-organização nos organismos vivos, mediante o qual, embora interajam com o meio ambiente continuamente, são relativamente autônomos. Ou seja: essa interação com o meio ambiente não é a causa da sua organização como sistema. Eles, na verdade, se auto-organizam.

As estruturas dissipadoras são os sistemas abertos. Quanto mais complexa é uma estrutura química ou humana, maior quantidade de energia terá que despende para manter todas as conexões envolvidas.

A teoria das supercordas teorizou a existência de dez dimensões espaciotemporais, entusiasmando os defensores dos universos paralelos.

Finalmente, a década de 90 caracterizou-se pela explosão da Internet, da engenharia genética e das pesquisas sobre a consciência, ensejando o aparecimento das ciências cognitivas. Na tentativa de explorar o cérebro humano, há cientistas buscando demonstrar que neurônios individuais são capazes de desenvolver-se sobre chips de silício. Em 1996, Richard Potomber, da John Hopkins University, conseguiu induzir os neurônios de ratos bebê a crescer numa superfície de silício, pintada com certos peptídeos. É o sonho da fusão da mente com a máquina.

O Projeto Genoma Humano, a clonagem da ovelha "Dolly" e a tentativa de clonagem de órgãos humanos para a prevenção de doenças genéticas, a abolição dos transplantes, aumentando a longevidade do homem e a preservação de sua saúde, importam na reengenharia do corpo humano e favorecem o envelhecimento das populações, afetando o mercado de trabalho e a previdência social.

A conquista do microcosmo começou com a invenção do microscópio no século XVIII, culminando com o advento da nanotecnologia. Recentemente, a nanotecnologia iniciou a fabricação de motores infinitesimais ou máquinas moleculares, que podem melhorar os atuais processos de manufatura e a medicina. Weihong Tan, professor de química da Universidade da Flórida, que construiu um "nanomotor" com uma única molécula de DNA, informou que este dispositivo é tão pequeno que centenas de milhares caberiam na cabeça de um alfinete.

A conquista do macrocosmo, que se iniciou com a modesta luneta, expandiu o conhecimento do universo com o telescópio Hubble, as estações orbitais, as sondas e as viagens espaciais, culminando, em 1969, com a chegada

da Apolo XI à Lua e com a caminhada histórica de Neil Armstrong em solo alienígena.

A exploração da interioridade humana, com os raios x, a tomografia computadorizada, a cintilografia, a endoscopia, a colonoscopia e a ressonância magnética, desnuda a intimidade orgânica e procura encontrar, no mapeamento cerebral, a resposta para o mistério da consciência.

Os exageros do intervencionismo predatório do homem, consumindo os limitados recursos do planeta vem sofrendo o combate sistemático e, por vezes radical, do movimento ambientalista. O crescimento incontrollável das megalópoles e a escalada das mais variadas formas de poluição ambiental, produzem um gradativo divórcio do homem e da natureza, ensejando a favelização das comunidades carentes e o aumento dos índices de violência difusa e da criminalidade.

O que está o homem contemporâneo, principalmente dos países do primeiro mundo, fazendo de si mesmo, do seu potencial econômico, científico e tecnológico? Estará brincando de Deus, comendo o fruto do conhecimento proibido, abrindo irresponsavelmente a caixa de Pandora? Até onde pretende ir, hipnotizado pelo poderio bélico e cognitivo, sem conhecer limites ou saber limitar-se para o bem de si mesmo? Até onde o homem pode e até onde deve fazer tudo o que pode? Há uma nova moral emergente e a necessidade de uma reconceituação do que é lícito e ilícito? É a ciência uma atividade cognitiva destituída de conteúdo ético? E o que é pior, é lícito ao cientista estar a serviço dos interesses empresariais e militares, mesmo que isso importe na degradação da natureza e da própria dignidade humana? É a ciência uma bênção ou uma

maldição? Seja como for, a marcha da ciência nos parece irreversível, a não ser que uma catástrofe de inimaginável proporção acabe com a vida humana ou a faça retornar ao primitivismo das cavernas.

## ÉTICA E EMOÇÕES

A questão não é indagar se a ética é fundamental para a vida dos indivíduos e da sociedade, mas quais as emoções que fazem bem ou mal à saúde física e mental das pessoas.

Sabe-se do prejuízo causado pelas emoções ditas negativas, como a raiva e o ciúme, no nosso equilíbrio orgânico e psíquico.

Estudos demonstraram que a raiva é um fator importante na morte prematura e parece provável que as pessoas raivosas geralmente morrem mais cedo.

Diferentemente, as emoções ditas positivas, como o amor e a compaixão, é benéfica para a saúde das pessoas afetivas.

Francisco Varela destacou a importância dos relacionamentos entre o sistema imunológico, o sistema nervoso e os estados mentais. E enfatizou que a nossa identidade física não está localizada nos genes e ou nas células, mas no complexo das interações.

Os mais recentes dados neurológicos indicam que, embora as nossas emoções se originem do sistema límbico, o modo como as expressamos é regulado por estruturas situadas no córtex pré-frontal atrás da testa.

É evidente que o estresse facilita as emoções negativas, tornando-nos ansiosos, irritáveis e perturbados, aumentando o nível de adrenalina no sangue e consequente aumento da pressão arterial. Pessoas nesse estado estão

propensas à prática de atos insensatos. Rotineiramente estão mal humoradas e amargas, atritando com as pessoas que lhes estão mais próximas. São, por isso, percebidas e rotuladas como indivíduos criadores de casos e que devem ser evitados.

A afetividade, a alegria, o otimismo melhoram as pessoas sob todos os aspectos, tornando-as simpáticas e atrativas. Isso produz nelas uma sensação de permanente bem estar. E quem se sente feliz é naturalmente inclinado à prática de ações tidas como éticas.

Técnicas de meditação e relaxamento contribuem poderosamente para a sensação de bem estar, facilitando a manifestação das emoções positivas.

## ESTATÍSTICA E PSI

A estatística não demonstra a existência ou não de um fato. Ela indica a tendência de recorrência de um determinado fato e a frequência com que ele ocorre.

A baixa frequência do acontecimento de um fenômeno não prova a sua inexistência, mas apenas a sua reduzida tendência de acontecer. Neste caso, a estatística dos fenômenos psi por ser abaixo ou em nível do acaso apenas demonstra que eles são infrequentes e, não, que inexistem.

Por que um fenômeno só é real quando ocorre acima do nível do acaso? Por que o que aconteceu uma só vez, ou raras vezes, perdeu o seu status de realidade?

Se um experimento, que tem por objetivo observar um fenômeno, não teve êxito, não importa na prova definitiva de sua existência, principalmente se ele foi observado por outro pesquisador qualificado. Aliás, não são raras as hipóteses científicas que ainda não foram comprovadas e, apesar disso, não perderam a sua credibilidade.

Não sabemos quantas experiências são necessárias para que se constate a existência de um fato. E, desde que ele ocorra, em condições experimentais irrepreensíveis, a sua realidade não mais pode ser contestada, a menos que, um dia, se comprove que o experimento foi insatisfatório.

Não se pode, arbitrariamente, fixar, por estatística, acontecimentos inabituais. Inabitualidade não é o mesmo que irrealidade. Cada observação de um fato desta natureza vale por si mesma. O que se exige é que a observação

tenha sido feita por pessoas qualificadas para conferir-lhe o mais alto grau de confiabilidade. Isto não importa dizer que a observação de leigos sejam destituídas de valor, mas apenas que o seu grau de confiabilidade é bem menor.

Não há absoluta segurança na observação, porque nada existe absolutamente seguro. Podem ocorrer equívocos na metodologia e nas condições de controle, erros de interpretação, falhas nos instrumentos utilizados e até fraude.

Criar condições desfavoráveis para um acontecimento psi não é pesquisa científica, mas uma atitude tendenciosa em relação a esse tipo de fenômeno. Nenhum cientista faria um experimento tão esdrúxulo. O que se procura pesquisar é a realidade do fenômeno observado e as condições em que ele ocorreu. Uma vez conhecidas essas condições, o pesquisador deve utilizá-las para facilitar novas ocorrências de psi. É preciso, porém, atentar que cada agente psi tem características peculiares e o que se aplica a um pode não dar o mesmo resultado em outro. São variáveis físicas, orgânicas, psicológicas, ambientais, metodológicas que podem influir decisivamente nos resultados.

Por que um fato só é real se for repetível? E, assim mesmo, se for repetível segundo um critério estatístico.



## LINGUAGEM

A linguagem, mais do que comunicação, é uma filosofia, expressando uma visão do mundo, que varia segundo cada cultura.

É o que já afirmara Clyde Kluckhohn:

“Uma língua é, em certo sentido, uma filosofia.”

Observava Ortega y Gasset:

“A língua não só oferece dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também, por isso mesmo, estava a recepção de outros, paralisa a nossa inteligência em certas direções.”

Para C. Lévi-Strauss, A linguagem é “o fato cultural por excelência.”

Umberto Eco assinalava:

“A língua não é aquilo através de que se pensa, mas aquilo com que se pensa ou, precisamente, aquilo que nos pensa ou pelo que somos pensados.”

Dizia Edward T. Hall que a língua é “um elemento importante na formação do pensamento” e que “a própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si é programada pela língua.”

Destacando a natureza da linguagem, asseverava Wittgenstein:

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.”

E James Jenkins afirmava:

“O fato de podermos criar livremente frases que nunca ouvimos é surpreendente. E o fato de podermos entendê-las quando criadas é nada menos que miraculoso”.

Linguagens diferentes parecem influir na interpretação de fatos, objetos e pessoas. O próprio tempo é afetado pelos diversos idiomas. Cada idioma é um modo de perceber e interpretar o mundo. Assim, o mundo é a nossa linguagem e ela determina o nosso modo de pensar. Com a possibilidade de extinção de quase da metade das 6.000 línguas existentes no mundo, os cientistas estão procurando aprender o que puderem sobre elas com o propósito de preservar formas diferentes de perceber a realidade. Outros estimam que existem, pelo menos, 2.796 línguas e 7 a 8 mil dialetos. Nas cidades sumero-acadianas se falavam duas línguas: a dos homens e a das mulheres.

Peritos afirmam que nenhuma língua do mundo, nem mesmo as línguas internacionais de nosso tempo, possui uma gramática tão completa como o sânscrito, considerado o idioma de maior riqueza de formas e bastante semelhante às línguas europeias, notadamente ao grego e ao latim.

Hans Joachim Störig comentou:

“Assim como o latim entre nós, o sânscrito era a língua jurídica; importantes códigos de leis da Índia foram escritos nesta língua.”

E propôs o persa “como modelo para um idioma internacional artificial.”

De todas as línguas artificiais propostas, somente o

Esperanto, criado por Lejzer Ludwik Zamenhof, ainda sobrevive.

Nas cidades sumero-acadianas se falavam duas línguas: a dos homens e a das mulheres.

O grego é dotado de grande facilidade para a criação de palavras compostas, podendo, pela combinação de duas ou mais palavras, criar uma palavra nova com um novo significado.

O idioma dos Ainos não tem qualquer parentesco com outro idioma conhecido. O japonês não faz parte de nenhuma das grandes famílias linguísticas. E o basco é uma língua que parece remontar a época da caverna, pois não se relaciona a qualquer outra na Terra.

O idioma asteca fundia dez ou mais palavras separadas para formar um conjunto unificado. Os esquimós e os zulus possuem línguas sutis e complexas, com vocabulários flexionados de 20 a 25 mil palavras.

No idioma árabe, há mais de seis mil palavras diferentes para designar os camelos, suas partes e equipamentos. E os Aivilik têm, pelo menos, vinte termos diferentes para os vários ventos.

Algumas línguas, como o hebreu e o árabe, não têm forma verbal correspondente ao presente. A língua hopi não possui tempos verbais. Os esquimós, com raras exceções, só utilizam substantivos e verbos. E o chinês parece não possuir o que chamamos de gramática. As palavras são imutáveis, e não há palavras que signifiquem *sim* e *não*.

A língua hopi não possui tempos verbais.

Os esquimós e os zulus possuem línguas sutis e

complexas, com vocabulários flexionados de 20 a 25 mil palavras.

Infelizmente, muitos idiomas e dialetos estão definitivamente perdidos e outros em processo de extinção, o que constitui uma perda irreparável para a compreensão do ser humano nas diversas épocas de sua história.

## ENTREVISTA IMAGINÁRIA COM UM CÉTICO

VRB – Você se diz um cético. O que é um cético? Popularmente, se pensa que o cético é uma pessoa que não crê em nada, duvida de tudo, é um niilista.

Cético – É uma distorção. Ao menos, no meu caso. Tenho certeza de minha dúvida, até que se prove a sua improcedência.

VRB – Então, então você é um cético que duvida de sua dúvida. É uma postura original, porque o cético comum duvida de tudo.

Cético – Trata-se de um radicalismo. Eu não posso manter minha dúvida diante de uma prova incontestada de que eu estou equivocado. Não se trata de uma dúvida sistemática, mas metódica.

VRB – Por outro lado, há pessoas que não abrem mão de suas certezas, apesar de estarem erradas.

Cético – É o fanatismo radical que contamina crentes e descrentes.

VRB – Geralmente o cético é materialista. Você o é?

Cético – Materialista, não. Um cético pesquisador. Hoje, a ciência ainda ignora o que é a matéria.

VRB – Até o momento, você tem certeza de que não há sobrevivência *post-mortem*?

Cético – Não disponho de elementos confiáveis para admitir esta hipótese. Assim, a minha dúvida permanece.

VRB – Já alguns cientistas, com alicerce nos fenômenos paranormais, admite que há fortes indícios da sobrevivência. E eles não são místicos e ousam investigar essa hipótese.

Cético – Não me preocupo com esse assunto. Sou uma pessoa fincada na realidade material e nas relações interpessoais. Também na melhoria do mundo e no encontro das diferentes culturas. Para mim, o cemitério é um depósito de ossos e cinzas. Por eles não seremos lembrados, mas pelas pessoas que nos conheceram e até enquanto elas viverem.

VRB – Somos, então, apenas corpo?

Cético – Se houver algo mais ainda não sei.

VRB – Quase todas as pessoas temem a morte, sejam elas crentes e descrentes. Você a teme?

Cético – Sim, enquanto vivo, porque adoro a vida. Não temo, porém, o que virá depois da morte, pois não posso temer o que não acredito, ou seja, na sobrevivência.

VRB – O que, para você, seria a maior surpresa?

Cético – Continuar vivo depois da morte. O pior é que não tenho ideia do que farei nessa situação.

VRB – Então, como você se vê?

Cético – O que você está vendo: um corpo ocupando um determinado lugar no espaço. A minha subjetividade é inacessível.

VRB – Como é viver assim?

Cético – Vivo maravilhado com o espetáculo do mundo. Aprendendo sempre. Sendo até onde posso ser. Não esperando das pessoas aquilo que elas não podem dar. Não me

obrigando com o que não me é necessário. Nem sempre fazendo o que eu quero. Aceitando os meus equívocos.

VRB – Você tem metas, ideais, objetivos?

Cético – Tenho atividades que resultam de minhas necessidades imediatas ou direcionadas ao futuro.

VRB – Logo, você tem esperança.

Cético – Esperança não, expectativas.

VRB – E não são a mesma coisa?

Cético – Para mim, não. A esperança é uma espécie de fé em algo de bom que se espera que aconteça. A expectativa é a atenção voltada para as possibilidades em um determinado contexto, e a preparação para o acontecimento de uma delas.

VRB – Há filósofos que doutrinam que o mundo é uma ilusão. O que você acha disso?

Cético – Eles é que têm de fazer essa prova. Eu existo e que você existe. E estamos conversando sem nenhuma dúvida sobre isso.

VRB – Você é feliz?

Cético – Estou feliz com a nossa conversa. A felicidade e o sofrimento são momentos que interrompem a rotina do existir.

VRB – A moda social aconselha as pessoas a serem transparentes.

Cético – Se forem, não serão vistas.

Elas se iludem ou tentam iludir os outros. O que somos não é uma vitrine para ser vista. Ninguém gosta de expor sua

intimidade, a não ser aspectos do nosso eu que possam ser agradáveis na convivência social. Há pessoas, no entanto, que gostam de agredir, com a sua hostil sinceridade, aquelas com as quais se relacionam.

VRB – A gentileza, porém, nem sempre é sincera. É uma mera formalidade.

Cético – Porém necessária à convivência social. Ninguém gosta de quem é desagradável. De quem posa de sincero apenas para aborrecer os outros.

VRB – Você se incomoda com a opinião dos outros sobre você?

Cético – Não. O problema não é meu, mas dos outros. Não faço o jogo dos outros.

VRB – Em sendo assim, você não aceitaria alguma opinião?

Cético – Sim, quando ela me faz repensar as minhas opiniões.

VRB – O mundo mudou?

Cético – Mudou. E continuará mudando. As pessoas, contudo, continuam basicamente as mesmas. Mudaram apenas o seu modo de agir para alcançar os mesmos objetivos do seu mais remoto passado.

VRB – Mas, não há alguma pequena diferença?

Cético – Há. Sabemos, cada vez mais, fazer coisas. A nossa criatividade nos assombra. A tecnologia vem aumentando o nosso poder sobre a natureza. Porém, as nossas necessidades básicas continuam as mesmas, embora se apresentem sob as mais diversas formas. O que chamamos de supérfluo não é senão o exagero do que necessitamos.



# AFORISMOS



## UNIVERSO

Tudo é a eterna alternância de ordem e caos. O caos está ínsito na ordem, a ordem, ínsita no caos.

\*

Tudo interage no universo: é o que se denomina de *entrelaçamento quântico*. Há o vazio separando as coisas ou este vazio é ilusão dos sentidos?

\*

Há um só universo ou múltiplos universos?  
Se há universos paralelos, eles são incomunicáveis ou interagem entre si? Se sim, como interagem?  
Universos paralelos são cópias do universo físico?

\*

O filósofo David K. Lewis afirmava que todos os mundos logicamente possíveis são reais.

Paul Davies e Martin Gardner argumentavam que o multiverso não existe porque não tem conteúdo empírico.

\*

Certas elucubrações científicas, tais como mundos paralelos e viagens no tempo, são mais fantásticas do que a hipótese da sobrevivência *post-mortem* do ser humano.

\*

A “teoria das cordas” não explica como essas minúsculas cordas de energia vibrando no espaço criam a realidade.

\*

Para Derek Parfit, “um Universo deu um jeito de existir”.  
Como é que o que não existe dá um jeito de existir?

\*

Lovelock argumenta que Geia (a Terra) é um ser vivo e consciente.

Mas será que só o planeta Terra é um ser vivo e consciente? E os outros corpos celestes?

\*

Concordo com o que dizia James Jean:

“O universo parece cada vez mais um grande pensamento, e não uma grande máquina.”

\*

Espinosa, no seu livro *A Ética*, afirma que o mundo existe por necessidade lógica.

Então a lógica tem necessidade? E, por causa dessa necessidade criou o mundo?

\*

De todas as possibilidades de existir um mundo, aquele que se realizou era o melhor de todos. Trata-se da seleção ontológica do mais apto. Isso não importa na afirmação de que o mundo escolhido seja o melhor sob o aspecto das necessidades humanas. Se for assim, concordo com a afirmação de Leibniz de que este nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis. Acredito que Voltaire não entendeu deste modo e, por isso ironizou, no seu livro *Cândido*, o pensamento de Leibniz.

\*

Disse Steven Weinberg:

“Quanto mais o universo parece compreensível, mais parece sem propósito”.

Se o universo não tem propósito, por que ele tende à complexidade? É sutil a diferença entre propósito e tendência, pois a tendência parece ser uma forma mais branda do propósito. A evolução é uma evidência deste direcionamento à complexificação, à formação de sistemas cada vez mais amplos e abrangentes. Ela não é apenas a adaptação a cada circunstância do ambiente, resultando na vitória dos organismos de melhor capacidade adaptativa, a que se denominou de seleção natural.

\*

A evolução é a contínua mudança de tudo da qual resulta a complexidade, cada vez maior dos mais diversificados sistemas. Mas, não há evolução sem criação. Não há evolução do nada. Ela é um processo que resultou de algo já criado no Todo eterno. Assim, tudo se cria, tudo se transforma (evolução) e nada se perde neste Todo eterno. Criação e evolução não se excluem, mas se complementam em um perpétuo processo de mudanças e de complexificação de tudo.

## CIÊNCIA

A ciência, assim como a poesia, usa o artifício das metáforas.

\*

A ciência avança com imaginação e pesquisa.

\*

A tecnologia nos dá facilidades, mas não garante felicidade.

## MATÉRIA

A matéria não é apenas tudo o que percebemos, mas tudo o que não percebemos, inclusive o que jamais perceberemos.

A matéria é tudo o que percebemos mediante nossos sentidos e das nossas extensões tecnológicas.

Explicar tudo o que existe pela atividade aleatória das partículas é o mesmo que afirmar que construção de uma casa ocorre pela atividade dos tijolos.

## CONSCIÊNCIA. EU

O que chamamos eu são momentos do fluxo da consciência.

\*

O eu cria a sua realidade e não a realidade com a qual interage.

\*

O eu se forma gradualmente no convívio social, passando a formar memória de suas experiências e criando a sua própria identidade. Assim, o eu é um fluxo de lembranças em

processo de acréscimos e mudanças da memória. Quem perdeu a memória, perdeu tudo: é apenas um corpo vivo.

\*

Como medir a consciência? Como quantificar as suas atividades? Pode a consciência automedir-se? Qual o metro que ela usa?

\*

A consciência não é um atributo exclusivo do ser humano. Outras espécies a possuem, como os cães e os gatos. Os macacos revelam autoconsciência quando se miram num espelho.

\*

Só tenho por guia a minha consciência crítica.

## MENTE

Freeman Dyson afirmava:

“Parece que a mente, tal como se manifesta, na capacidade de fazer escolhas, até certo ponto, está em todos os elétrons.”

Por que só nos elétrons? A mente pode também estar nas subpartículas.

\*

É a realidade uma atividade da mente, gerando perpetuamente formas físicas?

\*

E de que é feita a mente?

\*

Pode haver mente sem consciência?

## RELIGIÃO

Precisamos de religiosidade, não de religião.

\*

O nosso Deus interior não necessita de igreja. Cada um de nós é a sua igreja.

\*

A teologia é uma ficção que ilude e atemoriza as pessoas que nela acredita.

\*

A religião é apenas uma proposta para entender os acontecimentos do mundo.

\*

A pior das psicopatias é a de natureza religiosa.

\*

Em que a religião melhorou o ser humano?

\*

A religião é uma ilusão inextinguível.

\*



A religião é o jardim da infância das pessoas que continuam psicologicamente crianças.

\*

A religião em nada melhorou o ser humano. Apenas disciplinou os crentes com o seu terror teológico.

\*

A religião tem razão quando diz que o povo é rebanho conduzido por pastores.

A essência da religião é o conforto aos infelizes e o terror à possível vida *post-mortem*.

\*

Quem diz que fala em nome de Deus e conhece a sua vontade, sofre de alucinações religiosas.

\*

A religião inventou o paraíso para as pessoas infelizes, desde que sejam boas.

\*

Não há um Além único. Cada religião tem o seu Além privativo.

\*

A teologia afirma que somos a imagem e semelhança de Deus. Pelo que somos, os teólogos estão iludidos.

\*

Não há livros sagrados, mas livros que os teólogos declararam sagrados.

\*

A religião é necessária às pessoas simples.

\*

A ideia do Inferno serve também para amedrontar as pessoas, inibindo-lhes a ideia de suicídio.

\*

Todo mal que nos acontece resulta da nossa ignorância, imperícia, incompetência, da ação dos fenômenos da natureza, dos homens e dos animais, ou por eventos aleatórios. As religiões inventaram que se trata de castigo de Deus e das leis do carma.

\*

Todos os salvadores da humanidade fracassaram. O ser humano continua sendo o mesmo que vivia nas cavernas, porém mais perigoso por possuir armas de destruição cada vez mais letais.

\*

É uma crença estúpida e universal a existência de livros sagrados, ditados ou inspirados por divindades.

\*

A maioria das pessoas orienta sua vida segundo crenças religiosas. Quase todas, imbecis.

\*

A verdadeira espiritualidade não se institucionaliza em religião, porque consiste em experiências pessoais subjetivas.

\*

A vida, particularmente, a humana, não é sagrada, mas respeitável.

\*

As pessoas mais perigosas para a humanidade são as que se dizem intérpretes da vontade divina ou afirmam que, em tudo o que fazem, são inspiradas pela divindade.

\*

Ensina a religião que, por que pecamos, fomos condenados. Por que fomos condenados, sofremos. Por que sofremos em virtude de nossa condenação, precisamos ser redimidos. Se nos redirmos, alcançaremos a salvação e não mais sofreremos.

Ensina a religião que o sofrimento é castigo, mas também oportunidade de salvação. E que o sofrimento voluntário favorece a nossa salvação. Assim quanto mais sofremos mais abreviamos o tempo da salvação. Receita para masoquistas.

Ensina a religião que fazer o bem, mesmo por obrigação, é crédito na nossa conta celestial. A caridade garante a salvação.

Ensina a religião que o pobre, por sofrer mais do que o rico, tem mais possibilidade de ser salvo. A riqueza é um perigo e, por isso, é melhor livrar-se dela. Quem não renuncia à vida material e a todos os prazeres que ela oferece jamais obterá a salvação.

Eis por que a religião satisfaz aos pobres e aos sofredores.

\*

Por que os crentes, em vez de suas dores, não oferecem suas alegrias a Deus. Cuido que eles acreditam que Deus se agrada dos sofrimentos das pessoas do que de suas alegrias.

\*

A necessidade de proteção transcendental personalizada gera a ideia de anjo da guarda e de guia espiritual.

\*

Segundo o Hinduísmo, o mundo é um sonho de Deus. Se Deus sonha, ele também terá pesadelos? Daí, a beleza e as misérias, e as catástrofes do mundo. Deus também precisa dormir? O que ele faz quando está acordado.

\*

Doenças não são castigos de Deus, mas desequilíbrios orgânicos de todos os seres vivos. Deus castigaria até os animais?

\*

As religiões pregam o terrorismo *post mortem* como se não bastassem os terrores da humana existência.

\*

Se o “salário do pecado é a morte”, todos os seres vivos, porque morrem, são pecadores.

NATUREZA

Se tudo muda, as leis da natureza não são imutáveis. É o nosso desejo que elas o sejam, para que possamos conhecê-las e dominá-las.

\*

Somente as leis da natureza não podem ser questionadas ou modificadas pelo ser humano.

\*

A Natureza não é regida apenas por leis conhecidas pelo ser humano.

\*

Já que não podemos dominar a natureza, resta-nos, usando os recursos tecnológicos, conhecer a sua “vontade”, e agir, segundo as circunstâncias, em nosso benefício.

\*

A natureza não é boa nem má. Os seus fenômenos que nos atingem é que podem nos beneficiar ou nos prejudicar, segundo a interpretação de cada pessoa.

\*

Não é surpresa a Natureza nos surpreender.

\*

A rotina dos acontecimentos da natureza nos dá a convicção de que são leis imutáveis. A mudança dessa rotina ou um fato novo nos parece uma derrogação das leis da natureza. O insólito nos perturba. Damos-lhe o nome de *acaso*.

\*

A Natureza não nos pune: ela reage as nossas agressões. O que nos resta é conhecer, antecipadamente, as suas “vontades” e agir segundo as circunstâncias.

## MISTÉRIO

Fascinam-me os mistérios da natureza. Repugnam-me os mistérios inventados pelas religiões.

\*

Diferentemente da religião, a ciência não cultiva mistérios, mas procura solucioná-los.

\*

Inventar mistérios é uma forma de atrair e enganar os tolos.

## O TODO

O Todo é o Deus profano, eterno, infinito, onisciente, onipresente, sem atributos humanos, onipresente em entrelaçamento quântico. Nele, tudo se cria, nada se perde e tudo se transforma, na eterna transitoriedade das formas.

\*

O Todo é imortal. Somos parte dele, logo, somos imortais.

\*

Tudo é da mesma substância do Todo. Por isso, o Todo nada perde de Si.

\*

No Todo, nada morre. Se algo, nele, morresse, o Todo não seria totalmente imortal, o que seria um absurdo.

\*

Se o Todo é infinito e pode ser divisível, então a quantidade do dividido é infinita. E cada quantidade, por sua vez, é divisível infinitamente.

\*

No Todo, não há qualidade, porque, se dividido infinitamente, cada quantidade é feita da essência do Todo. O qualitativo é uma invenção do ser humano, tal como o bem e o mal, o justo e o injusto, o belo e o feio, segundo a concepção de cada sociedade.

\*

Penso que o Todo é uma substância única em infinitos níveis de densidade. Ao nível que vivemos damos-lhe o nome de *matéria*, e tudo o mais nos parece vazio, imaterial.

## DEUS

O Todo não tem atributos. Mas Deus, por ser antropomórfico, os tem.

Deus é o que concebemos do Todo, como se fosse o criador de tudo. Podemos não acreditar em Deus, mas não podemos negar o Todo, porque tudo nele está.

Um Deus que necessita ser adorado e glorificado, é um deus vaidoso

Se Deus muda de opinião pela oração de um crente, ele não está seguro do que faz.

Se Deus é misericordioso, por que os crentes clamam: “Senhor, tende piedade de nós”?

A teologia inventou um Deus com sentimentos humanos.

Se Deus nos fez à sua imagem e semelhança, somos clones dele? Pelo que somos, é difícil acreditar.

Deus é a justificativa para quase tudo o que acontece.

Deus é uma palavra carregada de significados conflitantes. Palavras pouco explicam e, não raro, não explicam nada. Não me importo com a palavra Deus. Vivo a realidade que me foi dada.

Os teólogos acreditam que a criação do universo foi um ato da bondade de Deus. Mas o universo não é bondoso com os seres biológicos.

Se Deus é misericordioso e perdoa todas as criaturas, então não existe o Inferno.

Quando o homem sofre, Deus é necessário. Quando está feliz, Deus é desnecessário.



## MATÉRIA

A essência da matéria é a mente?

Há matéria sem informação? Há informação sem matéria?

A mente gerou a matéria ou a matéria gerou a mente? Ou elas coexistem *ab aeternum*?

A matéria é vida em potencial. A vida é matéria que colapsou.

## REALIDADE

De que é feita a realidade? É o bóson de Higgs a substância da realidade? Há um só universo ou múltiplos universos?

\*

O conteúdo da realidade é a informação? É o computador um simulacro do universo?

\*

A realidade é eterna ou foi criada? O que ou quem a criou era, logicamente, irreal. E como pode o irreal criar o real?

\*

A realidade é, para nós, segundo o nosso corpo. O pensamento é o intérprete.

\*

A realidade, como ela é, está acima da compreensão humana.

\*

Se tudo muda, a realidade também muda?

\*

A realidade não tem atributos humanos. Ela é a perpétua reciclagem de tudo. Daí, o nascimento, o crescimento, as enfermidades, os sofrimentos e a morte de todos os seres vivos.

A realidade não tem razão de ser. Não é causa de si mesma. Por ser eterna, não foi criada. Ela é sem por que e para quê.

\*

Niels Bohr afirmava:

“Tudo o que chamamos de real é feito de coisas que não podem ser consideradas reais.”

\*

De que nos serve indagar se existimos? Quem faz essa pergunta? Um não existente desejoso de existir?

Se nada existisse, quem o testemunharia? E, se houvesse um único observador, o nada não seria tudo.

\*

A realidade é constituída de consciência e informação que geram as formas materiais. Ignora-se, no entanto, como ocorre essa passagem.

\*

Cada ser humano é um mundo privativo em interação constante com o universo coletivo da sociedade em que vive.

\*

Os seres humanos fazem parte da realidade. Mas, a realidade não tem atributos humanos. Ela é a perpétua reciclagem de tudo. Daí, o nascimento, o crescimento, as enfermidades, os sofrimentos e a morte de todos os seres vivos.

\*

Que tal a hipótese maluca de que o nada sentiu necessidade de existir? Porém, é impossível questionar quando o nada passou a existir (ou ser), porque no nada não existe tempo.

\*

Conhecemos a realidade, não o nada. O nada, para nós, é o que não percebemos.

\*

Somos reais. Fazemos parte da realidade. E muito pouco sabemos sobre ela.

A realidade não tem razão de ser. Não é causa de si mesma. Por ser eterna, não foi criada. Ela é sem por que e para que.

\*

Embora a realidade seja eterna, ela não é imutável, porque suas formas físicas e biológicas estão em permanente mudança.

O futuro também é mutável. Por isso, as profecias, quase sempre, fracassam.

\*

Não saímos do Nada e voltamos para o Nada. Saímos do Todo e voltamos para o Todo.

\*

Como a não existência, postulada por Schopenhauer, é preferível à existência, se não há ninguém para comprová-la?

\*

Os cientistas são mais ousados do que os teólogos na explicação do que é a realidade. A busca de uma Teoria de Tudo parece ser um sucedâneo científico de Deus.

\*

Uma indagação inútil: por que as coisas são como são? Como seriam de outra maneira?

## ORGANISMO

Saúde é a capacidade de o organismo lidar com as suas instabilidades.

\*

O que assegura a longevidade de um organismo é a sua capacidade da adaptação às alterações de seu meio ambiente.

## MATEMÁTICA

O universo é estruturado pela matemática? O que é possível em matemática, nem sempre se aplica à realidade física. Por isso, para Bertrand Russell, a matemática não passa de tautologia.

\*

Se a matemática é o fundamento do mundo, por que é inútil para prever e controlar as atividades humanas orgânicas, psíquicas e sociais? As pessoas não guiam suas vidas pela matemática. Ela é inútil para o autoconhecimento e o conhecimento de outras pessoas. E nem serve para resolver os problemas humanos.

\*

São as palavras e não as operações matemática que geram fatos.

POSSIBILIDADE. IMPOSSIBILIDADE. ACASO

O fato é o colapso de uma probabilidade.

\*

O impossível - a possibilidade que ainda não aconteceu. O acaso - a possibilidade não prevista, que aconteceu. O que acontece é uma das infinitas possibilidades que poderiam acontecer.

\*

Se as possibilidades são infinitas, então nada é impossível.

\*

Todas as possibilidades se realizarão ou apenas uma parte delas?

\*

Se um fato que parecia impossível aconteceu, então, por ter sido possível, pode acontecer de novo.

\*

John Wheeler argumentava que, no início, só havia probabilidades e que estas só se tornam reais quando observadas.

Ora, o mundo existiu muito antes de existirem seres humanos para colapsar probabilidades.

\*

O acaso é o livre arbítrio do universo?

\*

Prever é a necessidade de segurança do ser humano. Busca-se prever um fato para evita-lo ou domina-lo.

\*

A intuição é uma abertura para o mundo das probabilidades.

## TEMPO

O presente não é bom intérprete dos fatos passados, principalmente os longínquos.

\*

O presente é a ponta de lança do passado em direção ao futuro.

\*

O passado é um museu para ser visitado e, não, para substituir o espaço aberto do presente.

\*

Só o presente é real. O passado e o futuro fazem parte do presente.

## ESPAÇO

Podemos propor que há um espaço infinito, no qual o universo em expansão o vai ocupando indefinidamente.

\*

Segundo Erwin Schrödinger: “O que observamos como corpos materiais e forças nada mais são formas e variações na estrutura do espaço.” Logo, o espaço é um tecido e não o vazio.

## AMOR

O amor não é um mandamento. Ninguém ama porque quer, mas quer alguém porque o ama. E há aqueles que nunca experimentaram o sentimento de amar.

\*

Cuida das pessoas que te amam e, não, de teus admiradores.

\*

O maior medo, no amor, é perdê-lo.

\*

É o amor de algumas pessoas que garante a sobrevivência da humanidade.

## AMIZADE

Amizade – coincidência de interesses.

\*

As mais sólidas amizades se arrefecem ou se acabam, quando o interesse comum entre as pessoas também se arrefecem ou se acabem.

\*

Jamais confie em estranhos, pois nem sequer conhecemos, com certeza, os nossos amigos.

\*



Os elogios dos amigos, na maioria dos casos, são gentilezas.

\*

O sucesso de alguém incomoda os inimigos e, às vezes, também os amigos.

## RIQUEZA

Se o pobre enriquece, adquire a vaidade dos ricos.

Se o rico empobrece, adquire a revolta e a inveja dos pobres.

\*

Pobres não gostam de ricos. Mas, se enriquecem, passam a não gostar de pobres, preferindo a companhia dos ricos.

\*

A pobreza é a matéria prima das religiões e dos políticos para assegurarem o poder sobre os pobres.

\*

A riqueza também é a felicidade de quem sabe fazer bom uso dela.

\*

A riqueza honesta é para ser desfrutada plenamente.

## ERROS

Depois que admiti que erro muitas vezes, perdi o receio e a vergonha de errar.

\*

Quanto mais conhecermos nossos erros, erraremos menos.

\*.

Dos erros, poderemos ter certeza. Da verdade, nem sempre.

\*

Quem nada tenta para não errar, já erra por não tentar.

\*

Os erros são caminhos que nos estimulam a encontrar o caminho verdadeiro.

\*

Absolva-se sempre dos seus erros voluntários e involuntários. Mas faça tudo para corrigi-los.

\*

Não basta fazer o certo, mas combater também o que é errado.

## HUMANIDADE

O ser humano é a única espécie que mata por necessidade e sem necessidade. E os teólogos ainda inventaram que somos a imagem e semelhança de Deus.

\*

O ser humano nunca mudou, apesar de todo progresso tecnológico e científico. Ao contrário: ficou mais perigoso e predador.

\*

Cada ser humano é um mundo privativo em interação constante com o universo coletivo da sociedade em que vive.

\*

A espontaneidade é incômoda. Por isso, a hipocrisia na vida social.

\*

A sociedade ideal é aquela que as pessoas sentem orgulho de ser honestas.

\*

Basta uma geração de imbecis para que a humanidade retroaja a outra Idade de Trevas.

\*

No passado, os bárbaros destruíram, pela guerra, a civilização ocidental, representada pelo império romano.

Hoje, os novos bárbaros, sem necessidade de guerrear, estão destruindo o mundo inteiro pelos recursos da mídia.

\*

As verdadeiras sociedades secretas são os Estados. Os povos nunca saberão os seus segredos.

\*

A ética é um pacto de convivência entre as pessoas para a sustentabilidade de cada sociedade.

\*

A humanidade necessita de líderes. Mas, quão perigosos eles podem ser.

\*

As redes sociais pescam qualquer tipo de peixe.

\*

Em suas mais diversas modalidades, o preconceito das pessoas sempre existiu, existe e sempre existirá em todas as sociedades. O preconceito, porém, só se torna perigoso para a convivência social quando se institucionaliza.

\*

A violência apenas muda de forma e cresce com o aumento da população de cada povo.

\*

Cresce, cada vez, a população de viciados e de delinquentes. O que fazer dessa gente? O que essa gente vai ser?

\*

O Estado é uma ficção. Os povos são governados por pessoas que, de um modo ou de outro, chegaram ao poder.

\*

A cada geração, o mundo é outro. Poucos da geração passada serão lembrados.

\*

Nenhum país é confiável. O mais poderoso sempre tentará, por todos os meios, dominar os outros. Afinal, os países são feitos de pessoas.

\*

Nacionalismo: uma ideia que separa países.

\*

A utopia é a necessidade dolorosamente humana de um mundo melhor.

\*

O povo é apenas um substantivo coletivo. Só existem pessoas.

\*

Percebemos o mundo segundo a nossa estrutura sensorial e o julgamos em conformidade com os nossos condicionamentos culturais.

Quase todas as nossas escolhas nos foram culturalmente impostas.

\*

No mundo atual, cada vez mais violento e de pessoas não confiáveis, é preciso adoecer de paranoia preventiva.

\*

Ninguém pode sozinho melhorar a humanidade, mas, segundo as suas possibilidades, ajudar as pessoas.

\*

Não luto para melhorar o mundo, mas para melhorar o meu modo de estar no mundo.

\*

Não é preciso amar para ajudar: basta ajudar mesmo que seja apenas por solidariedade ou compaixão.

\*

Todos os que se julgaram (ou foram tidos por) salvadores da humanidade, fracassaram. A maioria da humanidade continua, eticamente, como os primeiros seres humanos. Na melhor das hipóteses, eles foram apenas conselheiros.

\*

Se, um dia, uma catástrofe destruísse a humanidade, deixando incólume uma multidão de robôs inteligentes, autoconscientes e com capacidade de se auto reproduzir, como seria o mundo? Por certo, eles levantariam as mesmas questões dos seres humanos, indagando sobre o universo e si próprios. Uns argumentariam que tudo foi criado por um ser inteligente (ou seres inteligentes), que programou tudo o que existe. Este criador seria à sua imagem e semelhança. Outros declarariam que tudo se formou pela

movimentação aleatória de partículas no curso de bilhões de anos. Do acaso, portanto, eles teriam sido criados e estão em processo de contínua evolução.

\*

O homem fabricou as máquinas à sua imagem e semelhança. Mas, não seria o ser humano uma máquina orgânica que se tornou autoconsciente? E será que, no futuro, com a evolução tecnológica, as máquinas também se tornarão autoconscientes?

## GUERRA

Para os Senhores da Guerra, a paz é improdutiva, não gera progresso, mas estagnação. Por isso, é necessário para eles que sempre haja inimigos.

\*

Soldados e civis são vítimas de líderes mundiais ensandecidos e amantes da guerra.

\*

O guerreiro é o maior flagelo da humanidade. Mata mais do que as catástrofes da natureza.

\*

São os líderes políticos insanos que criam a animosidade e a guerra entre os países.

## ALTRUÍSMO

Em certas situações trágicas, ocorre uma epidemia de altruísmo.

\*

A paz é imprópria para o altruísmo. As pessoas estão apenas egoisticamente sossegadas.

\*

O altruísmo é um gene recessivo no ser humano e raramente ou nunca ativado segundo cada indivíduo.

## MENTIRA & VERDADE

A mais perigosa das mentiras é a que se parece com a verdade.

\*

A sinceridade é insuportável. A mentira é anestésica.

\*

Há mentiras perigosas. E verdades também.

\*

Muitas coisas que pensamos ser verdades são apenas verossímeis.



## CERTEZA

Nossas certezas são apenas a crença de que estamos certos.

\*

Não tenho certezas, mas opiniões e, como tudo está em permanente mudança, elas são necessariamente provisórias.

\*

Quem concorda sempre comigo, me prejudica. Dá-me a ilusão de que estou certo.

## OS OUTROS

Os caminhos dos outros não cabem nos nossos pés.

\*

Quem não faz seu próprio caminho, perde-se no caminho dos outros.

\*

Viver *com* os outros, não *para* os outros.

\*

Quem se aprofunda muito em si mesmo, já não consegue perceber os outros.

\*

Sofremos pelos outros, por causa dos outros, e por nós também.

\*

A necessidade obsessiva de reconhecimento dos outros exige das pessoas as mais diversas formas de sacrifício.

\*

Não seja o acusador de si mesmo. Os outros o serão.

\*

Não fale sobre você e seus problemas aos outros. Poucos estarão sinceramente interessados.

\*

Quem vive para agradar aos outros, perdeu a liberdade de ser o que é.

\*

Ninguém é libertador dos outros, mas apenas de si próprio.

## IDEIAS

Deixo-me influenciar pelas ideias alheias a fim de ver o mundo também pela visão dos outros.

\*

Sou sensível às ideias inteligentes, mesmo que não concorde com algumas delas.

\*

Prefiro o solilóquio com as ideias do que a companhia de pessoas sem ideias.

\*

As ideias alheias, quando criativas, também são matéria para nossas reflexões.

## PALAVRAS

Vivemos mais em função das palavras do que das coisas. As palavras é que dão significado às coisas, que, quando nada significam, são apenas coisas.

\*

As palavras são mais fortes do que as coisas. Sem as palavras, as coisas seriam apenas coisas sem identidade e significado.

## FATOS

Os fatos não se repetem. Apenas se assemelham. E eles não prescrevem, embora mudem as suas interpretações.

\*

Pensamos que somos objetivos, mas percebemos os fatos através dos filtros de nossa subjetividade.

\*

Só os fatos são reais. A verdade é apenas uma interpretação deles.

\*

Entre as palavras e os fatos, a ilusória certeza da nossa compreensão.

\*

É necessário suspender nossas certezas sempre que investigarmos um fato novo.

\*

Não há fato cru. Cada pessoa, cada cultura o tempera a seu modo.

## ROTINA

A rotina criativa é aquela em que se obtém os mesmos resultados por maneiras diferentes.

\*

Em grande parte do nosso tempo, somos robôs de carne, agindo segundo os nossos condicionamentos. Até em todo o universo, é a rotina que sustenta tudo.

\*

A rotina, apesar de monótona, nos dá o sentimento de ordem e segurança.

\*

Todo ato criativo logo se torna rotina até que ocorra uma nova criação.

## MUDANÇA

A cada dia somos apenas semelhantes ao que fomos.

\*

Somos um turbilhão de partículas subatômicas em interminável processo de transformação. A cada instante, somos microscopicamente diferentes.

\*

Em nível microcósmico, nunca somos os mesmos a cada segundo.

\*

Toda a crise é sintoma de necessidade de mudança.

\*

Só poderemos mudar, quando percebermos como fomos construídos.

\*

Se nada mais nos surpreende, por certo já não observamos a contínua mudança das coisas.

\*

Ou mudamos com as mudanças, ou ficaremos perdidos no passado.

\*

Não serei sempre o que sou, como não sou quem ontem fui. Eu sou as minhas mudanças.

\*

Ninguém é sempre o mesmo em cada circunstância.

## ESCRAVIDÃO

A ânsia pelo saber, em alguns casos, pode ser uma forma sutil de escravidão.

\*

Quem escraviza, torna-se dependente dos escravizados.

\*

Escravos não se revoltam, se se sentem bem tratados e seguros por sua obediência.

## SOFRIMENTO

Os crentes masoquistas aspiram ser os heróis do sofrimento. Aliás, o masoquismo é uma forma exótica do hedonismo.

\*

A alegria e o otimismo são os analgésicos naturais para o sofrimento.

\*

O sofrimento é inútil se não se converte em experiência.

\*

Não só o amor, mas também o infortúnio, une as pessoas.

## BELEZA

A beleza não necessita de sentido. Qual a lógica de seu êxtase?

\*

A beleza, assim como o amor, é uma necessidade da alma.

## FAMA

Muitas pessoas buscam a fama pela necessidade de serem admiradas.

\*

A fama e a ânsia de mantê-la pode, em muitos casos, custar, emocionalmente, muito caro.

\*

A necessidade da fama é um tormento. A vaidade da fama, um narcótico.

## POSSE

Muitos querem possuir cada vez mais. Possuir mais bens materiais. Possuir mais conhecimento. Como há bens supérfluos, há também conhecimentos dispensáveis. São quinquilharias materiais e quinquilharias intelectuais.

\*

Quanto mais temos, menos somos. A posse nos aprisiona.

\*

Pessoas e coisas não nos prendem. Nós é que nos prendemos a elas.

## HERÓI

O castigo do herói: envelhecer.

\*

Somos heróis em cada momento que fazemos o que pensávamos ser impossível.

## SOLIDÃO

As ideias evitam a solidão mental.

\*



Há pessoas cuja companhia aumenta a nossa solidão.

## PODER

Não há poder sem pompa por mínima que seja.

A dádiva ostensiva é requintada forma de exibição de poder.

## MAL

Quem é tolerante com o mau, é conivente com o mal.

\*

A bondade é contagiosa, e a maldade, também.

Quem é “bonzinho” com quem não presta, ou é ingênuo ou também não presta.

\*

O bem que fazemos nem sempre é reconhecido. O mal que fazemos jamais é esquecido.

\*

As pessoas são capazes de fazer tanto o bem quanto o mal, na conformidade de circunstâncias excepcionais. Em situações normais, a sua maioria é inofensiva.

## SABEDORIA

Quem se julga sábio e espera o aplauso do povo,  
não tem sabedoria.

\*

O povo não entende o sábio.

\*

O verdadeiro sábio não necessita de discípulos.

## MORTE

É o nosso instinto de conservação que nos leva a  
crer que somos imortais. Porém, o sofrimento insuportável  
faz o ser humano desejar a morte.

\*

O verdadeiro ateu não teme a morte, porque está  
convicto de que não sobreviverá à morte. O verdadeiro  
crente não teme a morte, porque tem fé de que a ela so-  
breviverá.

\*

Se a finalidade da vida é a morte, a finalidade da  
morte é recolher os átomos, agora livres, para a construção  
de uma nova vida.

\*

O morto tem várias versões do que ele foi segundo as pessoas que o conheceram.

\*

Se a memória de quem morreu é preservada por muitas gerações até hoje, ela é provisoriamente imortal.

\*

Nascimento – passagem do virtual ao físico.  
Morte – passagem do físico ao virtual.

\*

Dormir – ausência temporária.  
Morrer – ausência permanente.

## POLÍTICA

A política não é ciência, é arte: a arte de mentir. Nada do que um político diz é confiável. Cada vez mais os políticos se aprimoram no exercício de sua arte.

\*

Na política, a sinceridade é um defeito grave.

\*

O político é promíscuo. Para eleger-se, relaciona-se com qualquer tipo de pessoa.

\*

Nada há de mais ridículo do que político em época de eleição.

\*

Seja qual for o regime político de um país, a verdade é o que é conveniente ao grupo dominante.

\*

O verdadeiro objetivo de cada partido é o poder. O resto é detalhe.

\*

A democracia será sempre uma utopia enquanto o povo não tiver consciência política. Ele é presa fácil para qualquer tipo de ditadura explícita ou disfarçada.

\*

Não há governos transparentes. Nos regimes democráticos, são translúcidos. Nas ditaduras, são opacos.

\*

O Estado é uma ficção. Os povos são governados por pessoas que, de um modo ou de outro, chegaram ao poder. Para validar o seu poder, elas se dizem representantes de Deus ou representantes do povo.

\*

Todo ditador é um megalomaniaco. Julga-se um Messias político. Alguns são paranoicos e enxergam inimigos em toda parte. Até os seus aliados mais próximos estão sob suspeita. Governa pelo medo que impõe às pessoas e manda eliminar quantas forem necessárias para exibir a força do seu poder. Torna-se adorado pelo povo mediante manipulação da mídia. Acusa seus opositores de inimigos do povo e se diz ameaçado por eles. Inventa atentados para punir os adversários e os classifica como inimigos da pá-

tria. Proclama ser o pai dos pobres, mas se faz amigo dos ricos e deles se utiliza para seus propósitos.

\*

Os ditadores, em geral, são populistas e sedutores. Eles encantam as pessoas, mesmo alguns intelectuais e artistas, pelo seu delírio arrebatador e pela sua megalomania extrema.

\*

O ditador é um camaleão e sua cor depende do tipo de regime em que vive, seja democrático ou não. Por isso, o povo não percebe a diferença quando se trata de um tirano na democracia.

\*

Há ditadores cultos, ignorantes, brutais, populistas, reservados, falantes. Prometem ou o que não podem ou que não querem cumprir, e culpa os adversários pela não realização do prometido. Corruptores são cercados por uma alcateia de corruptos. E todos enriquecem à surdina ou ostensivamente. Há corruptos que têm o dom da invisibilidade e, quando descobertos, fazem o papel de vítimas. Há, porém, os corruptos debochados, que se vangloriam de sua capacidade de ilusionistas, proclamando os seus atos ilícitos como algo natural e aceitável. Os tesouros da corrupção estão a salvo do conhecimento do povo e geralmente inacessíveis à investigação da justiça.

\*

A quadrilha de governos aparentemente democráticos ou ostensivamente tirânicos está ligada a outras quadrilhas e elas permutam benefícios recíprocos. É um acordo

secreto e dificilmente investigado por parte da imprensa que não foi subornada pelo tirano. As verdades oficiais não são contestadas e o povo desinformado e despolitizado acredita nelas.

\*

A corrupção, em muitos casos, é a alma do poder, notadamente na política. A sociedade apodrece moralmente e as pessoas, gradualmente, passam a não mais sentir o cheiro da podridão. Esta perda olfativa da ética faz com que elas achem natural conviver com a podridão e dela tirar o maior proveito possível.

\*

Cada povo tem o governo que merece. Expressão inadequada. Em um regime democrático, é a maioria que tem o governo que merece.

\*

Os governantes mentem. Principalmente os ditadores.

\*

Na democracia, na monarquia e em qualquer forma de ditadura, não existe governo. Governo é uma abstração. Há governantes e seus auxiliares, pessoas físicas, que, às vezes, governam com competência, pouco importando que sejam da direita ou da esquerda. Honestidade e competência não têm partido.

\*

A alternância do poder significa, na prática, a substituição de uma raposa por outra na guarda do galinheiro. O

pretexto político é sempre o mesmo: melhorar a vida do galinheiro.

\*

As pessoas comuns mentem amadoristicamente. Os políticos, ao contrário, são os profissionais da mentira.

\*

Enquanto o povo for rebanho, não haverá democracia, mas despotismo disfarçado.

## DIVERSOS

Nem tudo o que dá prazer é bom, nem tudo o que é bom, dá prazer.

\*

O ódio é a ira que se tornou crônica.

\*

A profecia é a necessidade do ser humano de conhecer o futuro.

\*

Quem quiser ser odiado, declare-se ateu.

\*

O que é bom, a gente saboreia. O que é ruim, engole.

\*

A necessidade de segurança do ser humano se apoia no poder, na riqueza e na crença em Deus.

\*

Não se obrigue, a não ser quando absolutamente necessário.

\*

Favor repetido passa a ser obrigação.

\*

Somos responsáveis pelo que fazemos ou não fazemos, mas, não, pelo que pensamos, porque pensamos no que queremos e também no que não queremos. A nossa mente é uma praça pública onde transitam os mais diversos pensamentos. Mas são os pensamentos que escolhemos que nos fazem felizes ou infelizes.

\*

As pessoas criativas são os marginais da normalidade.

\*

Muito do que nos acontece resulta do que pensamos, do que sentimos, de como agimos.

O destino e os outros são desculpas.

\*

Quem admira uma pessoa, e a vê cair de seu pedestal, experimenta uma dolorosa decepção, que, não raro, pode converter-se em ódio. Porém, por medo de perder a sua ilusão, pode deixar-se possuir por obstinado fanatismo, como remédio para anestesiar-se da realidade.

\*

Perfeição é tudo o que não é mais possível melhorar.



\*

A diminuição das necessidades aumenta a nossa liberdade.

\*

O ponto é a célula-tronco de todas as formas.

\*

Escritor, é fácil ser popular: agrade os medíocres, escrevendo vulgaridades.

\*

Castigo do avarento: privar-se de desfrutar o que tem.

\*

A humildade, às vezes, é uma tática de exibição disfarçada de uma pessoa vaidosa.

\*

Para muitas pessoas, só valem enquanto somos úteis para elas.

\*

O verdadeiro servo é aquele que é naturalmente servil.

\*

Quando estamos todos de acordo, monologamos.

\*

A história mostra que há pessoas que repudiam a monstruosidade de outras, ao mesmo tempo em que as amam.

\*

O que se fala ou se escreve nem sempre corresponde ao que pensa ou ao que se sente. A sinceridade é, às vezes, perigosa.

\*

Não há nada mais forte na vida do que uma intensa paixão entre o homem e a mulher.

\*

A semana do aposentado só tem um dia – o domingo.

\*

Só o nosso silêncio não pode ser desvirtuado.

\*

Envelhecemos quando não mudamos. Este é o segredo da juventude mental.

\*

A lógica está mais nas palavras do que nas coisas.

\*

Se fosse proibido dizer bobagens, muita gente deixaria de falar.

\*

A vaidade das pessoas imaturas é explorada por bajuladores oportunistas.

\*

A nossa vida é constituída de fantasias que nos foram impostas e por aquela que fabricamos.

\*

Nenhum de nós vê o mundo do mesmo modo. Só nisso, somos originais.

\*

Somos motivados por tudo aquilo que, intimamente, estamos predispostos.

\*

Os laços virtuais nos prendem mais do que os laços físicos.

\*

Sempre teremos problemas. O importante é a nossa capacidade de solucioná-los.

\*

Só percebemos as coisas segundo somos. Como poderemos saber como as coisas são?!

\*

A dúvida crônica é o cupim que corrói silenciosamente a estrutura psíquica do dubitante.

\*

Não somos apenas movidos por nossas necessidades, mas também por nossas fantasias.

\*

A vida é mais para ser experimentada do que explicada.

\*

O mais importante não é o infinito fora de nós, mas o infinito que existe em cada um de nós.

\*

Muitas pessoas dormem a vida toda, sonhando que estão acordadas.

\*

O pior tolo é aquele que se julga sábio.

\*

A imaginação é uma das causas do futuro.

\*

Karl Marx afirmara que não se pode mudar as leis da História. Mas não disse quais são elas, porque elas não existem.

\*

O que é estranho, seja pessoa ou fato, pode despertar sentimento de curiosidade, de medo, de desconfiança ou de hostilidade.

\*

A altura de uma pessoa pode dar-lhe a sensação de superioridade ou de inferioridade nas suas relações com as outras.

\*

A justiça é uma invenção humana. Por isso, varia em cada cultura.

\*

A tolerância é a antipatia disfarçada.

\*

A legítima defesa é uma violência necessária. A vida do agressor, no momento da agressão, é menos valiosa do que a do agredido.

\*

Pensar em algo não importa em sua realidade ou em sua probabilidade. As ideias nem sempre mudam as coisas, mas apenas a percepção do pensador.

\*

O que proveitosamente podemos pesquisar é como as coisas funcionam. Só as coisas que fazemos têm uma finalidade. Não sabemos se tudo o mais tem finalidade.

É sabendo como as coisas funcionam que podemos melhorar a nossa vida material e, até certo ponto, prever acontecimentos e controlá-los.

\*

Para nós, uma vida sem doenças, sofrimento, velhice e morte, seria o ideal. Mas é apenas uma utopia. A vida é assim e não podemos mudá-la.

\*

Quem apoia o terrorismo é, no mínimo, um terrorista em potencial.

\*

Há um sentido para a natureza, para a vida, para o ser humano? Acreditamos que sim ou não. Porém, independente dessa questão, podemos dar um sentido à nossa existência.

\*

De longe, não se vê o detalhe. No detalhe, não se percebe o longe. A alternância dos dois produz a compreensão.

\*

No mundo virtual não há distância e tudo é agora.

\*

A pobreza emocional subjetiva procura ser suprida pela riqueza exagerada de estímulos do mundo exterior. Por isso, muitas pessoas saem de si, do seu interior estéril para imergir completamente no torvelinho emocional da objetividade. Para elas, estar sozinhas é experimentar a secura e a solidão de um deserto. Para se sentirem vivas, elas estão permanentemente em contato com outras pessoas e embriagadas pelas festas ruidosas, pela ingestão de bebidas alcoólicas ou entorpecidas pelas drogas. Nas suas vidas, só existe um lado – o mundo exterior. Embora freneticamente em movimento, estão paradoxalmente paradas, porque perderam o movimento oscilatório e complementar entre os polos subjetivos e objetivos da vida.

\*

O economista é um vidente poucas vezes bem sucedido.

\*

Nós não somos seres necessários, mas emergentes e transitórios. Não sabemos por que e para que nascemos.

\*

A quem não se julga necessário, o mundo será leve.

\*

Se não existe a reencarnação, é preciso inventá-la. Uma vida única não esgota tudo o que somos.

\*

A vingança dos feios é a velhice devastadora dos belos.

\*

A inveja é o tácito elogio que o invejoso presta ao invejado.

\*

As pessoas agressivas e competitivas, vivem sempre em conflitos intermináveis.

\*

A vida é a regra no universo: que digam as extremófilas.

\*

Mais do que uma biblioteca de livros, prefiro uma biblioteca de ideias.

\*

A competição estimula a criatividade.

\*

As pessoas crédulas são manipuladas pelas mentiras dos políticos e pelas fantasias contadas pelos líderes religiosos.

\*

O pessimista diria que a vida é um mal e que Deus, por isso, pôs em todos os seres o instinto de conservação para evitar que eles se suicidem.

\*

A pergunta filosófica mais crucial é: quem sou eu?